

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueirêdo

GERENTE:

A. da Silva Chaves

Anno XXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Março de 1937

N.º 274

SUMMARIO

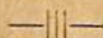
SECÇÃO DE INFANTARIA

	PAGS.
O Patrono da nossa Infantaria.	223
A transformação necessaria da Infantaria — Maj. T. A. Araripe	227
Directivas para a instrucção de observação no R. I. — Maj. Onofre Gomes	235
Alguns principios de instrucção — Traducção — 1.º Ten. José P. de Souza Lobo	249
A technica do golpe de mão — Traducção — Cap. João Baptista de Mattos	263
Um exame de recrutás — Cap. Alcyr d'Avila Mello	271
A instrucção na Secção de Metralhadoras — 1.º Ten. André Fernandes de Souza	292
O aparelho de pontaria da metralhadora pesada Hotchkiss — 1.º Ten. Alamy de Lemos Furtado	305

Instrucção de Tiro — Cap. <i>Arthur da Costa e Silva</i> . . .	309
Classificação detalhada das armas de fogo da infantaria — 2.º Ten. <i>Sylvio do Valle Amaral</i> .	
Estudo analytico do funcionamento da metralhadora Madsen, modelo brasileiro 1933 — 1.º Ten. <i>Isnard</i> <i>de Albuquerque Camara</i>	344

NOTICIARIO E VARIEDADES

Symbolos, distinctivos e sua significação na vida dos povos — Bandeiras brasileiras — Cap. <i>Synval de Castro e</i> <i>Silva Filho</i>	352
Annotando "Armamento portatil" — 1.º Ten. <i>Umberto</i> <i>Peregrino</i>	364



AVISO

Pedimos aos nossos annunciantes a gentileza de communicarem ao Snr. Director Gerente desta revista, quando procurados por pessoas que usam do nome da "A Defesa Nacional" afim de obterem annuncios para outras revistas militares extranhas ao Exercito. Os nossos auxiliares da secção de Publicidade são portadores de carteiras de identidade da "A Defesa Nacional", que deverão ser exigidas pelos snrs. annunciantes.

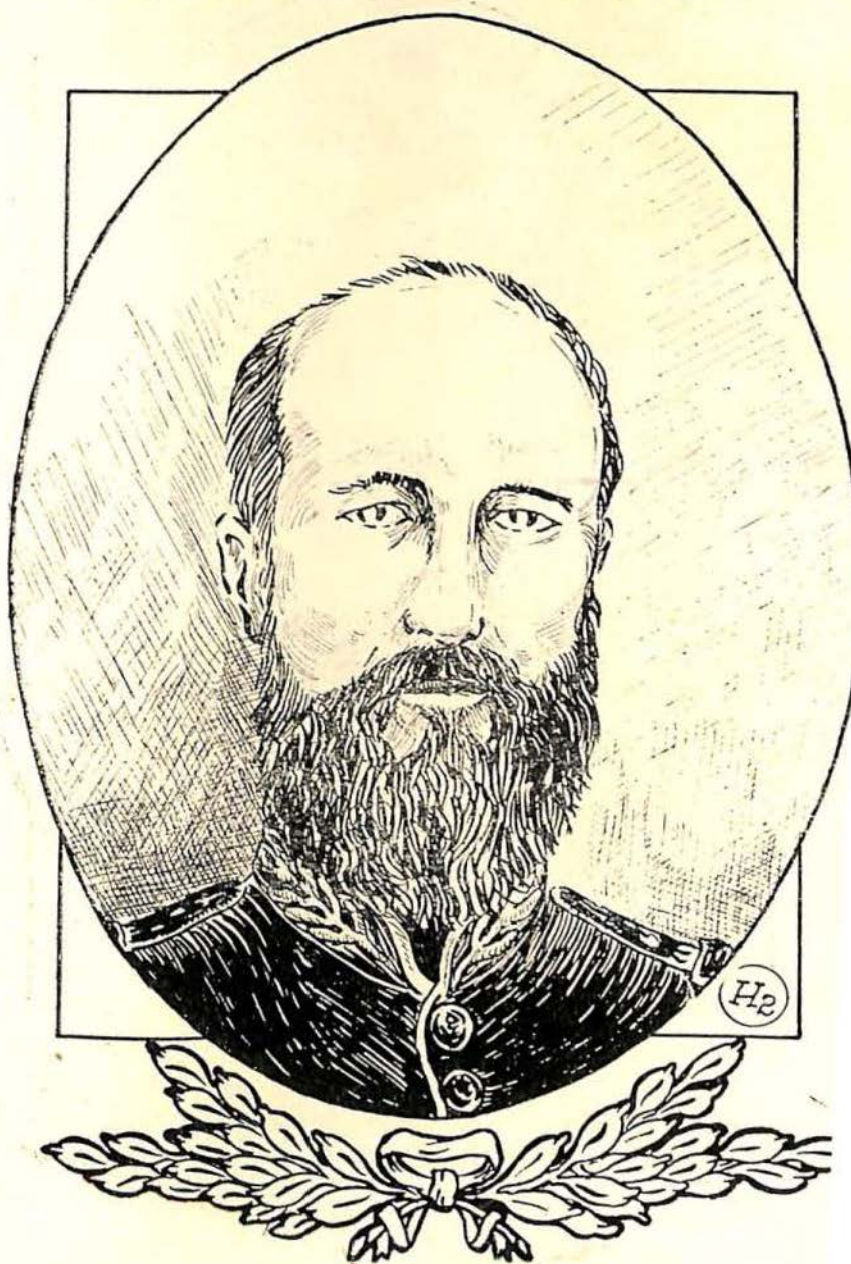
A DIRECTORIA

Era do nosso programma, ao mudarmos a feição da revista, dar, de quando em quando, numeros dedicados a cada uma das armas combatentes. Faltava-nos, entretanto, assumpto em quantidade sufficiente para inaugurar esses numeros especiaes; agora, porém, a collaboração de Infantaria cresceu de modo eloquente, permitindo que tornemos em victoriosa realidade a nossa idéa inicial. Ahi está o numero dedicado á "Rainha das Armas" com farto e optimo material a aproveitar pelos prezados leitores. Nossa alegria todavia não foi completa, porquanto ainda não temos a secção de "Aviação", por falta de um official da Arma que queira encarregar-se da mesma. Varios convites foram feitos, sem um resultado real — ás vezes ne-

gativas; outras, promessas vãs. D'aqui fazemos um appello aos officiaes da arma do azul no sentido de ter A DEFESA NACIONAL, o mais cedo possivel, a secção referente a essa arma. O nosso appello se estende aos demais companheiros das outras armas, afim de collaborarem connosco nesta obra que imaginamos erguer — diffundir, largamente, ensinamentos; ventilar, amplamente, os problemas do Exercito.

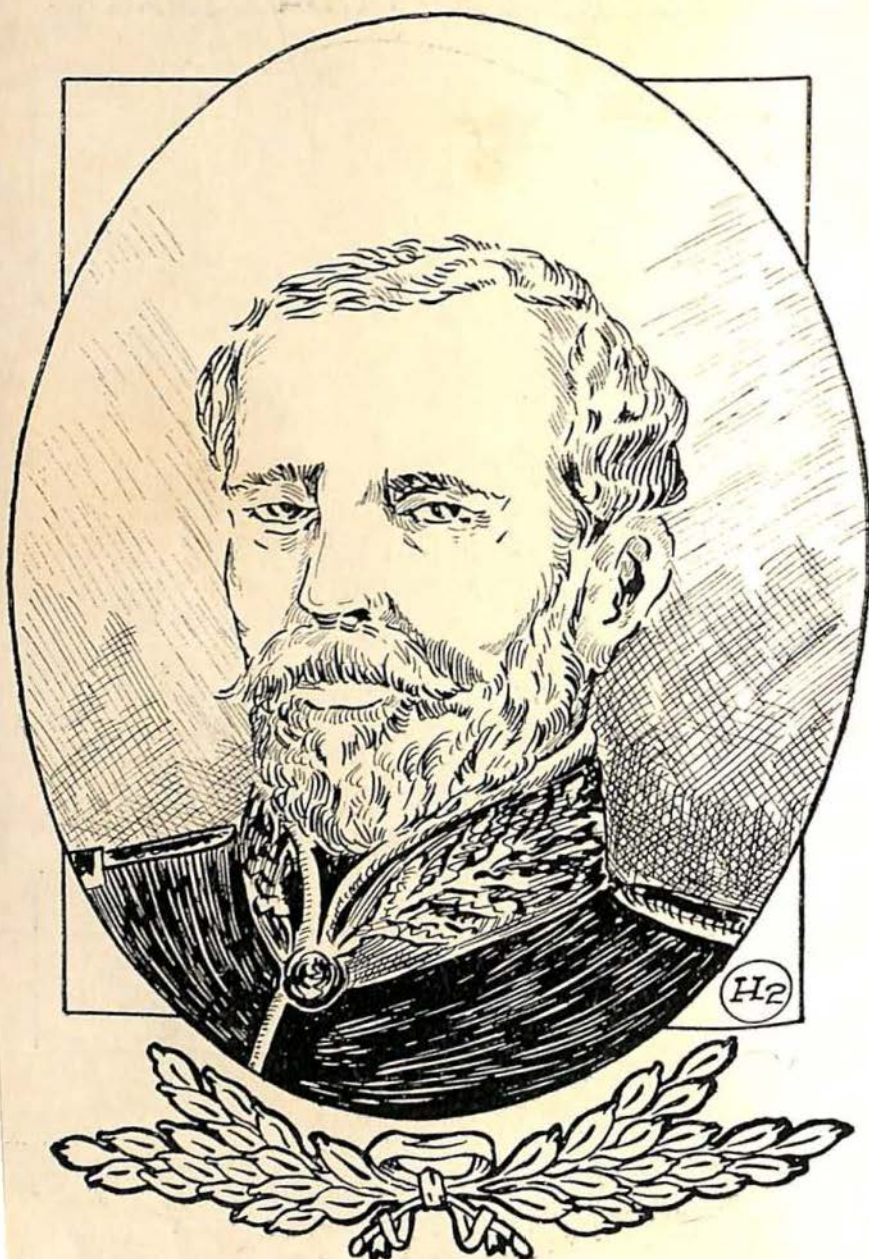
A Infantaria tem sabido corresponder ao esforço que desenvolvemos, enviando-nos tanta collaboração que insufficientes se tornam as paginas da revista para lhe dar vassão rapida. Oxalá, bem breve, possamos dizer o mesmo das outras armas, publicando numeros dedicados á Cavallaria, á Artilharia, á Engenharia e á Aviação.

General CORREIA DA CAMARA



Visconde de Pelotas

General MARQUES DE SOUZA



Conde de Porto Alegre

SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: BAPTISTA DE MATTOS
Auxiliar: MANOEL GUEDES

O Patrono da nossa Infantaria

Já escrevemos, por ser verdade inconcusa, que o Exército precisa buscar nas tradições do passado, não só a confiança em suas próprias possibilidades, ou o orgulho da sua elevada função, como principalmente, a orientação, o incentivo e os ensinamentos providos da experiencia e indispensaveis ao seu viver presente e futuro, na senda do progresso e do aperfeiçoamento ininterrupto.

De varias formas se tem feito sentir essa necessidade e de varias maneiras vem ella sendo satisfeita, de accordo com a oportunidade.

Estão no rol destas ultimas: a instituição do *Dia do Soldado* e a eleição do *Duque de Caxias* para *Grande patrono do Exercito*, — motivos de exaltações patrioticas que já extravasaram do seio do Exercito para a massa total da população civil brasileira; as commemorações de 24 de Maio e de 11 de Julho; e, essas mais modestas festividades natalicias dos nossos corpos de tropa, alguns com tradições brilhantes.

Inscrevem-se ainda nesse rol a idéa em marcha de perpetuar os nomes dos grandes soldados de cada arma, collocando sob a egide dessas figuras os corpos de maiores tradições.

E' assim que a Cavallaria tem o seu *Regimento Osorio* no 3.º R. C. D., cujas origens remontam ao Regimento de Cavallaria de Linha de Minas Geraes, existente antes do I.º Imperio e que seria no Rio Grande do Sul, em 1831 e no Paraguay, o 2.º R. C. Ligeiro e, posteriormente, já fixado

em Jaguarão, o 9.º R. Cav., o 12.º R. Cav., o 9.º R. C. I. e finalmente o 3.º R. C. D.

A Artilharia no seu legendario *Regimento Mallet*, 5.º R. A. M., evoca as proezas épicas do “Boi de Botas” — o 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, em Paysandu, em Monte Caseros, em Tuyuty, etc.

Mais tarde, ainda a Cavallaria, teve no 15.º R. C. I. o seu *Regimento Andrade Neves* para assignalar, nessa tropa de escol, ás gerações de quadros que ahi se aperfeiçoam, a senda imperecível da *lança*, sem rival, do Barão de Triumpho.

Mas essas creações de 1932, 1933 e 1934 não foram completadas. A Infantaria, a Engenharia e a Aviação não tiveram os seus patronos consagrados.

E’ tempo de reparar-se a falta, principalmente com a Infantaria, a arma dos maiores sacrificios e a que, pelo seu numero, encerra, em si mesma, a alma do proprio povo.

Mas, qual será o patrono da Rainha das Armas e que corpo receberá seu nome?

São innumeros os soldados e chefes da Infantaria que se celebrizaram nas guerras do passado e que poderão, sem desdouro para os outros, ser escolhidos para patrono — Callado, Fernando Machado, Sampaio, Tiburcio e tantos outros.

Os cadetes da turma de 1928, sob a inspiração do então 1.º tenente Humberto Castello Branco, escolheram para symbolizar as qualidades masculas do infante — e para patrono do Batalhão de Infantaria dos cadetes — o *General Antonio Sampaio*, o commandante da 3.ª Divisão de Infantaria — a “Divisão Couraçada” na batalha de 24 de Maio.

E os Aspirantes de Infantaria da turma de 1936 tiveram a louvavel idéa de fazer de seu patrono o da *Infantaria Brasileira*.

E' justo que as autoridades da Guerra amparem essa idéa e dêem, quanto antes, o nome desse inclito soldado a um dos Corpos da Infantaria.

Qual será esse corpo ?

O mais certo é que a escolha recaia no corpo de origens mais remotas.

Consultando a "*Origem e Historico de todas as unidades do Exercito*", organizada no Archivo do Exercito pelos Cel. Rego Monteiro e Major Tancredo Faustino da Silva (Anuario Militar do Brasil de 1935) quatro corpos disputam essa primazia :

— o I/2.^o R. I.;

— o I/5.^o R. I.;

— o 19.^o B. C.;

— o 1.^o R. I.

O I/2.^o R. I. tem suas origens nos Regimentos de Infantaria do Rio de Janeiro (seculo XVIII), tendo tido as denominações de Btl. de Caçadores da Côrte, 5.^o B. C., 11.^o B. C., 10.^o B. C., 10.^o Btl.

Os outros dois Btls. tem origem recente, com excepção de uma Cia. do 3.^o Btl. que veio do 1.^o Btl. de Infantaria de origem remota.

O I/5.^o R. I. origina-se tambem dos Regimentos de Infantaria do Rio de Janeiro (seculo XVIII), tendo tomado as denominações de 2.^o Btl. de Fuzileiros, 3.^o B. C., 1.^o B. C., 2.^o B. C., 10.^o B. C., 9.^o B. C., 9.^o Btl., 15.^o Btl./5.^o R. I., I/5.^o R. I.

Os outros Btls. do 5.^o R. I. têm origens de após a guerra do Paraguay.

O 19.^o B. C. vem do 2.^o Btl. S. Paulo e Legião de S. Paulo, tendo passado pelas denominações 6.^o B. C., 10.^o B. C., 6. B. C. Fuzileiros, 6.^o Btl. Fuzileiros, 6.^o Btl., 32.^o Btl./11.^o R. I., 11.^o R. C., 19.^o B. C.

O 1.^o R. I. se origina do 1.^o Btl. de Fuzileiros da Côte (creado em 1842), do 12.^o B. C. (creado em 1839) e da 11.^a Cia. Pedestre com 2 Cias. do Corpo de Goyaz (creados em 1842). O 1.^o Btl. de Fuzileiros da Côte tornou-se em 1.^o Btl. de Infantaria e I/1.^o R. I. O 12.^o B. C. transmutou-se, successivamente, em 8.^o Btl. de Fuzileiros, 7.^o Btl. de Fuzileiros, 7.^o Btl. de Infantaria, II/1.^o R. I. O Corpo fixo seria o B. C. de Goyaz, o 20.^o B. C., o 2.^o Btl. Infantaria, o 20.^o Btl. Infantaria, o III/1.^o R. I.

Todos esses tres Btls. formadores do 1.^o R. I. têm as suas epopéas:

Os 1.^o e 7.^o tomam parte na Batalha de Tuiuty de 24 de Maio, o 1.^o na Divisão Sampaio e o 7.^o na Divisão Victorino Monteiro; o 1.^o é o Btl. de testa da Brigada Fernando Machado em Itororó e figura ainda em acção brilhante em Lomas Valentina; o 2.^o de linha, de Goyaz, toma parte na Campanha de Matto Grosso, na épica Retirada da Laguna.

O 7.^o é ainda o heroico baluarte na Expedição Moreira Cezar sobre Canudos.

Por todos esses titulos, parece-nos, que ficará muito bem ao 1.^o *Regimento de Infantaria* o significativo nome de "*Regimento Sampaio*", para assignalar ás novas gerações a bravura e o heroismo da Infantaria brasileira, como attestado vibrante de quanto póde uma raça forte, destemerosa, briosa e ciosa de sua honra.

No proximo numero continuaremos os excellentes artigos do Ten. Cel. Gaussot e do Cap. Ferlich. Outrosim publicaremos optimo trabalho do Dr. Henrique Bahiana focalizando a Tchecho Slovaquia — a novêl nação que surgiu do grande conflicto mundial:

A transformação necessária da Infantaria

A organização das pequenas unidades de Infantaria

Pelo Major T. A. ARARIPE

Nos numeros de Outubro e Novembro ultimos, transcrevemos uma série de opiniões publicadas em LA REVUE D'INFANTERIE a respeito da organização desejada para as pequenas unidades de Infantaria franceza. (Trad. do Maj. F. Brayner).

Essas idéas conseguiram despertar grande interesse, a ponto da polemica continuar, tanto atravez das paginas de LA REVUE D'INFANTERIE, como de outros jornaes e revistas militares e entre ellas a FRANCE MILITAIRE.

E' assim que encontramos nova dose de considerações no numero de Dezembro de LA REVUE D'INFANTERIE, as quaes vamos procurar divulgar, resumindo.

Como os leitores devem estar lembrados, a polemica surgiu em virtude da repercussão que teve o artigo do General Barrard — "Reflexões sobre os nossos Regulamentos de Infantaria: — o grupo e o pelotão de fuzileiros-volteadores" — e em que, além de criticas severas ao acerto dos Regulamentos da Infantaria franceza, o autor propunha a dissociação, no interior do pelotão, dos elementos "fogo" — os fuzileiros — e dos elementos "movimento" — os volteadores.

O artigo teve uma série de réplicas, que assim podemos resumir:

— Sob o titulo "Fuzileiros e volteadores", um autor anonymo F., lembra que o General Barrard resuscita uma velha idéa que acaba de ser abandonada pelos principaes exercitos estrangeiros; e propõe que se melhore, com maior tempo de serviço, a instrucção dos volteadores e se lhes augmente o numero (o

grupo ficará com 4 e 6 volteadores, inclusive os 2 cabos e mais o sargento). (1)

— O Comandante ARMENGAUD acha que as actuaes disposições dos Regulamentos podem ser mantidas e que o remedio reside na melhoria da instrucção dos quadros, graças ao augmento do tempo de serviço.

— O Capitão RENOÜ concorda com o General Barrad e propõe, até que se encontre melhor, a seguinte composição para o grupo: 1sgt., 1 atirador, 1 municizador, 2 remuniciadores, 1 cabo, 4 volteadores e 1 remuniciador de reserva. (2)

O Tenente Coronel CAZEILLES bate-se pela creação de um espirito mais offensivo para a infantaria, tornada passiva pelo espirito geral do paiz, pelo serviço de pequena duração e pelo armamento. Propõe ainda a dissociação — uma secção de armas automaticas, com effectivo reduzido, e uma secção de volteadores, mais numerosas, mais um grupamento de armas de tiro curvo na companhia, os batalhões com 4 companhias e uma unidade de apoio com metralhadoras e tiro contra aviões e engenhos blindados. (3)

— No ENSAIO SOBRE A COMPOSIÇÃO DO PELOTÃO DE FUZILEIROS-VOLTEADORES, X nos apresenta uma idéa interessante e approximada, quanto á composição, a do Tenente-Coronel CAZEILLES. O autor baseia seu projecto, não no Regulamento 1928, mas nos proprios ensinamentos dos ultimos mezes da guerra, na autoridade incontestavel do MANUEL DE CHEF DE SECTION de 1918 e na pessima impressão causada aos jovens officiaes que voltaram da campanha pela transformação inesperada das unidades elementares. Dahi sua proposta para o pelotão: 1 Cmt., um grupo de commando, um grupo de granadeiros atiradores e duas secções identicas, cada uma com um grupo de fuzileiros (2 armas automaticas) e um grupo de volteadores.

(1) "Defesa Nacional", Out.^o 1936, pag. 327.

(2) Idem pag. 329

(3) Idem, Nov. 1936, pag. 460.

— O Commandante HENRI LAPORTE em "*Les matériels nouveau et l'organisation des unités d'Infanterie*", procura realizar "um compromisso tão harmonioso quanto possível entre a inevitável descentralização dum mínimo de meios nos diversos escalões e a necessidade de centralizar a maior parte delles nos escalões superiores". Dahi a ter em todas as unidades (pelotão, companhia, batalhão e regimento) tres elementos semelhantes e um elemento de apoio.

Assim a companhia de fuzileiros teria uma "secção de apoio" (2 metralhadoras 7,mm5 e um morteiro de 60).

Quanto ao grupo teria 2 esquadras de importancia diferentes, os volteadores em maior numero do que os fuzileiros.

As idéas apresentadas pelos diferentes autores podem ser classificadas em 3 categorias:

- os partidarios da separação dos elementos "fogo" e "movimento";
- os conservadores da composição do pelotão;
- os partidarios dos melhoramentos nessa composição.

Escutemos uns e outros e por fim ouçamos a opinião abalada do Coronel GERIN, já muito nosso conhecido.

I — OS SEPARATISTAS

O Coronel DESLAURENS em NOTA SOBRE A COMPOSIÇÃO DO GRUPO DE COMBATE, reconhecendo que o commandante do grupo não tem possibilidade para desempenhar a missão de coordenar o fogo e o movimento, procura justificar, em estudo methodico, a constituição do pelotão em duas partes: volteadores e fuzileiros. Pensa que a dispersão forçada do grupo no combate offensivo não permite que o seu commandante se preocupe simultaneamente com a direcção do fogo e o movimento; que, tendo de preoccupar-se com o fogo do F. M. e dos volteadores, uma dessas tarefas fica prejudicada; que só o chefe pôde arrastar os seus

homens para a frente, mas o commandante do grupo hesitará fazel-o porque tem as outras tarefas; que ha contradicção entre a necessidade da dispersão para tornar o grupo pouco vulneravel e a da agglomeração para facilitar o commando; que apesar das affirmações em contrario (armações imperativas, schemas, etc.), os regulamentos exigem do sargento qualidades de verdadeiro tactico, que saiba coordenar o fogo de armas muito diversas com o movimento; que, por consequinte, será preciso aliviar a tarefa dos commandantes de grupos, especializando-os em grupos de fuzileiros e grupos de volteadores.

Dahi, o pelotão com 3 grupos de combate, sendo 2 de volteadores e 1 de fuzileiros (com 3 F. M.), isto é:

1 Cmt. do pelotão; 1sgt. auxiliar; 1 cabo V. B.; 1 agente transmissão e 1 volteador;

2 grupos de volteadores, cada um com 1 sgt cmt. do grupo, 2 cabos de esquadras, 8 volteadores, 2 granadeiros V. B.;

1 grupo de fuzileiros, com 1 sgt. cmt. do grupo, 3 esquadras de F. M. cada uma com 1 cabo, 1 atirador, 1 municizador e 1 remuniciador.

Ao todo: 1 official, 4 sgts., 8 cabos, 31 soldados — 44 homens.

Vantagens dessa organização:

- attribuições do Cmt. do grupo limitadas (fogo ou movimento);
- vulnerabilidade menor, mais larga occupação do terreno;
- instrucção facilitada;
- mais facil repartição do fogo dos F. M. e facilidade do remuniciamento;
- melhor enquadramento dos volteadores.

*
* *

— J. R. propõe o pelotão de 2 secções, uma de fuzileiros e a outra de volteadores, com 28 homens ao total e indica os dis-

positivos mais convenientes ás diferentes phases do combate. Isso daria á Companhia de 4 pelotões 8 F. M. e mais 1 ou 2 morteiros de 60.

— O Tenente da reserva DESIRÉ J. TOUPANCE nos dá também a sua opinião com o pelotão de 2 secções não identicas.

— a 1.^a, com uma esquadra de volteadores e uma de fuzileiros (2 F. M.);

— e a 2.^a, com uma esquadra de fuzileiros (2 F. M.) e outra de V. B. (5 V. B.).

II — OS CONSERVADORES

Vejamos agora os partidarios do statu-quo, que acham não se deva modificar a composição das pequenas unidades e apenas retocar, de algum modo, o texto do Regulamento.

— O Commandante DE MARNHAC, em suas “Reflexões sobre o grupo de combate”, nos apresenta rapida analyse das prescripções do Regulamento de 1928, sob o fundamento de que a composição do grupo traz consigo a simplicidade, o commando mais facil e uma maior cohesão. — “O grupo comprehende essencialmente uma arma automatica”.

Vale a pena demorarmo-nos um pouco sobre as reflexões do Commandante De Marnhac.

Elle começa apreciando o valor do Schema no escalão grupo. Confronta o “não existe nenhuma formação habitual de ataque para o grupo de combate”, do Regulamento de 1920, com a citação do Regulamento de 1928: a opinião de que não ha razão para indicar ao grupo formações de combate habituaes e para crear schemas não pòde ser mantida ante o facto de a mór parte dos grupos serem commandados, na mobilisação por sargentos de reserva”.

E' certo que este ultimo regulamento visou uma simplificação na instrucção e no commando.

Porem, não ha duvida que o Regulamento de 1920, como o de 1875, tinham razão e traduziram a dolorosa experiencia da potencia do fogo. Por isso, não podiam deixar de affirmar que o terreno, a atmospheria, as perdas e os tiros inimigos não permittiam as formações theoricas dos campos de exercicios para o grupo e o pelotão.

Isso era uma consequencia da guerra, em que se firmou a necessidade da iniciativa não só do chefe, como mesmo do soldado; porque não havendo nada de automatico na execução duma missão do infante no combate, tudo exige espirito de julgamento, reflexão, bom senso e decisão prompta. Na realidade e ante a potencia do fogo, não haverá formações rigidas, mas dispositivos flexiveis, raciocinados, adaptados ás circumstancias.

O autor pergunta se não é viciar o problema em sua base, organizar-se a instrucção e chegar mesmo a adoptar-se formações rigidas do grupo, cujos defeitos não se negam, pela unica razão a priori de que a duração do serviço militar não permite formar bons soldados e sobretudo bons graduados de reserva?

Lembra que a preparação baseada nos schemas pode matar o espirito de iniciativa; e que, mesmo quando os schemas não apresentassem inconvenientes, não nos devemos esquecer de que não, somos senhores do fogo inimigo e de seus meios de observação, dois factores cujo desenvolvimento exige, cada vez mais utilização perfeita do terreno e disfarce absoluto que não podem ser dados por schema algum.

O autor estuda os schemas do Regulamento 1928.

Na columna por um, compara a columna cerrada (0,80 de distancia) com a columna profunda (5 a 6 passos entre os homens), para concluir pela primeira (vantagem de commando, menos visivel, mais adaptavel ao terreno, menos vulneravel).

Nas formações por esquadras, juxtapostas ou successivas, o autor insiste em que ellas serão adoptadas em funcção, não da

distancia (1000 ou 1200 ms.) do inimigo, mas do grão de vulnerabilidade das formação. e do grão de visibilidade, ambos função do terreno (cobertas e abrigos).

Na formação em linha para o assalto, julga-a mais vulneravel que a em columna e de difficil commando.

Condemna certas prescripções do Regulamento a respeito dessas formações, porque ellas vão depender da facilidade de commando e das noções de vulnerabilidade e de visibilidade, que, por sua vez, são função do terreno.

Quanto á direcção do fogo, insurge-se contra a falta de iniciativa a que é condemnado o commandante do grupo.

Na zona em que se desenrola o combate do pelotão, o commandante deste não poderá utilizar-se senão de tres ou quatro signaes para fazer sentir a sua acção: — pedir o fogo de um grupo ou provocar o seu movimento para a frente. Não poderá contar em fixar a porção do objectivo a bater, dar a alça inicial, o consumo de munição, abertura do fogo, etc. Por isso é preciso deixar ao commandante do grupo iniciativa na direcção do fogo, o que o Regulamento só admitte excepcionalmente.

Para concluir, o Commandante DE MARNHAC estabelece as regras:

- A) adoptar, durante o maior tempo possivel, a columna por um ou por esquadras successivas; só em casos excepcionaes a formação em linha;
- B) no dispositivo de tiro, não consentir o grupo de 3 homens em torno do F. M., por ser muito visivel e vulneravel;
- C) a passagem de uma formação a outra depende do terreno, da situação, do fogo inimigo, etc.; mas sempre formações maneaveis, com intervallos e distancias variaveis;
- D) direcção do fogo normal nas mãos do commandante do grupo. Finalmente, o commando do grupo pede iniciativa, flexibi-

lidade e adaptação ao terreno. A instrução do commandante e dos homens exige essa flexibilidade que não pode ser substituída por nenhum schema rígido.

— O Commandante DE LACOSTE DE LAVAL propõe apenas ligeiras modificações na distribuição do armamento e da munição do pelotão.

— O Tenente MORIN acha que:

— o actual pelotão se presta perfeitamente á offensiva.

— o seu commando é facil sob condição de que se empregue bem os seus meios e se applique o espirito do Regulamento.

Começa estudando as formações que se prestam á Approximação. É partidario do pelotão por grupos successivos, por facilitar o commando e ser a menos vulneravel.

Dessa formação elle passa ao ataque fazendo o grupo de testa entrar em posição, enquanto os 2 outros guiados pelo commandante do pelotão seguem por itinerario desenhado até nova posição; o mesmo fará o terceiro grupo em terceira posição. Para o Tenente Morin, o pelotão só avançará se o terreno permittir o jogo que elle indica; no caso contrario, o pelotão se contentará em apoiar os visinhos.

Esquece-se o autor de que o Regulamento, nesse particular, quer ser applicado na letra — nos schemas — e não no espirito, segundo a propria affirmação.

Ficaremos hoje por aqui. No proximo numero commentaremos as idéas dos progressistas.

DIRECTIVAS PARA A INSTRUÇÃO DE OBSERVAÇÃO NO R. I.

Major ONOFRE GOMES

SENTIDO DA INSTRUÇÃO:

A instrução dos observadores é fundamental. Deve ser consequentemente, um dos objectivos a atingir na preparação para a guerra.

Ministrada cuidadosamente na paz, com methodo e progressão, visa completar as inclinações naturaes dos observadores e homens de fileira, desenvolvendo nos primeiros as qualidades moraes que sua importante missão exige:

Paciencia

Calma

Vontade

Acuidade

Consciencia

Sobretudo essa ultima.

FINALIDADE:

Ensinar a observar — ver e ouvir — não só os observadores como tambem aos homens de fileira, para em qualquer situação e a todo momento, informarem ao chefe sobre o inimigo e as tropas amigas, facultando-lhe, assim, agir com segurança e prestesa.

Como nos demais ramos da instrução o fim só está alcançado quando as reacções são automaticas, isto é, quando conseguidos os reflexos.

PRINCIPIOS DIRECTORES:

No escalão R. I. a observação é exclusivamente terrestre e sua instrução orientada pelos principios:

- da universalidade (a todo combatente)
- da continuidade (superposição)
- da permanencia
- do disfarce.

DIVISÃO :

A instrucção comprehenderá uma preparação individual e outra de conjuncto, alem da physica que é ministrada nas sub-unidades.

A primeira visará o desenvolvimento da acuidade visual e auditiva e da memoria visual dos homens, particularmente dos observadores, e sua preparação technica e tactica. O ensino technico tem em vista o emprego dos instrumentos e material de observação e sua conservação, processos de orientação, noções de topographia; organização da observação, redacção e transmissão das informações correspondentes. O tactico ensinará a reconhecer os phenomenos que podem dar indicios da presença e actividade do inimigo e das tropas amigas, de dia e de noite.

A segunda (de conjuncto) tem por fim o funcionamento de cada um dos órgãos de observação — completo, e o de uma rede de observação, abrangendo diversos órgãos da mesma natureza ou de naturezas differentes, nas diversas phases do combate e nas diversas modalidades deste.

LOCAL :

As duas primeiras partes serão ministradas em sessões em sala e no terreno. A de conjuncto (a segunda) deve visar soldados, graduados e sargentos, de modo que os primeiros possam desempenhar efficazmente qualquer função em um órgão de observação, os esgundos, alem disso, escolher local para observatorios e instalal-os e os ultimos — tudo isso e mais — cooperarem com o official de informações na instrucção individual e mesmo na de conjuncto.

A parte de cultura physica treinará os observadores, principalmente, na escalada de postes, arvores, torres, edificios elevados, etc.

DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO :

A instrução dos observadores, de accordo com as determinações do commando, será ministrada inicialmente nas sub-unidades, mas conforme a orientação do official de informações regimental e a seguir sob a direcção exclusiva do mesmo official. (1)

Durará todo o tempo de serviço.

Será ministrada nos quatro periodos em que se subdivide o anno de instrução.

O 1.º corresponderá ao de recrutas e abrangerá 3 phases:

- 1.ª de 2 mezes de duração;
- 2.ª de 3 mezes de duração;
- 3.ª de 1 mez de duração.

Até o fim da 1.ª phase o ensino será no ambito das sub-unidades, sob a direcção de seus officiaes, mas de accordo com as indicações do official de informação regimental.

D'ahi por deante bi-partida:

- homens de fileira e candidatos a observadores (já indicados ao official de informações regimental) nas sub-unidades;
- candidatos a observadores, observadores antigos, graduados e sargentos observadores sob a direcção do official de informações regimental, tendo como auxiliares os officiaes de informações dos Btls. em sessões ministradas em horas differentes das em que é dada nas sub-unidades.

Nesse periodo se prepararão os observadores (individualmente) e as equipes.

(1) Pelos quadros de effectivos deste anno, o R. I. só tem um official encarregado das transmissões e informações e os Btls. não tem officiaes de informações. Pelo R. E. C. I. (1.ª Parte) o R. I. tem apenas official de transmissões, tendo os Btls. official de informações. Pelo Vademecum da E. E. M. o R. I. tem official de informações e official de transmissões, tendo os Btls. official de informações. Os francezes só dão official de informações ao R. I.; seus Btls tem apenas "sub-officiaes" de informações.

Attendendo que nossos R. I. e Btls. serão empregados normalmente em grandes frentes e que tão cedo não nos será possível conseguir sargentos com as possibilidades dos "sub-officiaes" francezes, pois é muito a differença de preparo intellectual da massa franceza e da nossa, em que são recrutados, parece que a adopção que nos convem é a do vademecum.

Em tal caso, a instrução de observação será dirigida pelo official de informação regimental e ministrada pelos officiaes de informações dos Btls.

Nos demais periodos se procurará o adextramento do conjunto em cada escalão, mas de forma que seja possível, ao findar-se um periodo, a realização de exercicios no ambito do escalão que inicia a instrucção do periodo immediato.

Tornado especialista no fim do 1.º periodo, o observador continuará o aperfeiçoamento de sua instrucção até ser excluído.

GRADAÇÃO :

A instrucção deverá ser orientada tendo em vista o sentido crescente das difficuldades. No inicio da instrucção de conjunto só tomará parte o pessoal interessado (de observação e transmissões). Posteriormente essa instrucção será completada com exercicios de applicação executados durante as manobras de tropas, nas guarnições ou nos campos de instrucção, de modo que se aproxime o maximo possível da realidade da guerra.

REPARTIÇÃO DO TEMPO :

Na primeira phase (os dois mezes iniciais do periodo de recrutamento) serão consagradas 3 horas por semana á instrucção de observação (todas as praças e nas sub-unidades).

Na segunda (os 3 mezes subsequentes) já indicados os homens destinados a observadores, os candidatos a esta especialidade, seus graduados e sargentos e os observadores engajados, terão quatro meias jornadas por semana occupadas com sessões da especialidade. Frequentarão ainda a instrucção ministrada sobre o assumpto nas sub-unidades, juntamente com os homens de fileira e com seus guias. Por isso essas duas especies de sessões serão descontraídas no tempo.

Na terceira phase (6.º mez do 1.º periodo) duas meias jornadas serão attribuidas ás sessões da especialidade, procedendo-se quanto o mais como na segunda phase.

Os outros periodos serão destinados ao aperfeiçoamento da preparação dos observadores (sargentos, graduados e soldados) e nelles a instrucção da especialidade se desenvolverá no ambito dos temas de unidade e corpo, estudados pelos quadros. Si na guarnição houver cartas utilizaveis, ella consistirá no estabelecimento da solução da observação, de cada caso concreto em apreço. Primeiramente na carta. Depois no terreno.

CONHECIMENTOS NECESSARIOS A'S DIFFERENTES CATEGORIAS DE PESSOAL E METHODO DE INSTRUCCÃO :

O programma das materias a ensinar, tendo que attender a varias especies de instruendos, deve distribuir os conhecimentos em gradação com o nivel de cada categoria.

A' primeira constituida de todos os homens de fileira, se ensinará:

- a) **Estudo summario do terreno :**
nomenclatura e definição dos accidentes do solo (garupas, mamelões, espigões, esporões, valles, etc.) e os principaes accidentes artificiaes que se encontram á superficie (campanarios, torres, estradas, cruzeiros, passagens de nivel, etc.).
- b) **Orientação sem instrumentos:**
pontos cardeaes, rosa dos ventos, utilização do sol e do cruzeiro do sul.
- c) **Avaliação de distancias á vista desarmada, até 600 metros** pela impressão da visibilidade do objectivo, por comparação com outra distancia conhecida ou pela media de varias maneiras de avaliação.
- d) **Busca e designação de objectivos**
por meio de uma referencia claramente visivel e definida por attributos que permittam reconhecer-a rapidamente: situação, especie, forma, distancia, côr...
- e) **Conhecimento dos uniformes** dos exercitos visinhos, importantes.
- f) **Distincção dos ruidos** e sua localização, sem auxilio de instrumentos.

A' segunda, observadores de sub-unidades :

1.º — CONHECIMENTOS TECHNICOS

- a) **Organização e funcionamento**
muito summario do serviço de informações no Btl. e no R. I.
Noções sobre observação e seus orgãos.
Alphabeto Morse.
- b) **Conhecimento do terreno: Nomenclatura** (planimetria, altimetria, caracteristicos militares).
Differentes processos de orientação.
Processos para designação de objectivos.
Differentes processos de avaliação de distancias pela vista e ouvido.

- c) **Emprego e conservação** dos seguintes instrumentos:
Bussola ordinaria,
Bussola Peigné,
Bussola directriz,
Binoculos micrometricos e telemetricos.
Transferidor, duplo decimetro e esquadro graduado com dupla escala.
Periscopio de trincheira,
Amplificadores do som.
- d) Bandeirolas de sinalização.
- e) Leitura e emprego da carta (problemas elementares).
- f) Emprego dos artificios de sinalização terrestre.
- g) Emprego dos artificios de sinalização aerea.

2.º — CONHECIMENTOS TACTICOS :

- a) **Reconhecimento**, instalação e utilização de um posto de observação.
- b) **Estudo dos indícios**: pela vista e pelo ouvido. Uniformes dos exercitos vizinhos.
- c) Designação e observação dos objectivos, moveis ou não, com os instrumentos acima.

A' terceira categoria, observadores de Btl., R. I.:
Os precedentes e mais:

1.º — CONHECIMENTOS TECHNICOS:

- a) **Organização e funcionamento** summario do serviço de informações no R. I.
- b) **Organização detalhada da observação** e dos observatorios do Btl. e do R. I.
- c) **Leitura da carta** e do plano director.
- d) **Emprego e conservação** dos seguintes instrumentos de observação e de topographia:
Binocular e monocular,
Circulo de visada,
Sitogomometro e sitometro,
Estereoscopia.
- e) **Operações topographicas** :
Determinação do "ponto",
Giro de horizonte.
- f) Execução do croquis perspectivo;
- g) Organização do terreno e disfarce de um observatorio.

2.º — CONHECIMENTOS TACTICOS:

Emprego da carta e do plano director.

Designação e observação dos objectivos com os instrumentos acima. Execução de croquis. Execução das operações topographicas. Organização e disfarce de um observatorio nas differentes phases do combate.

A' quarta categoria, graduados observadores de Btl. e R. I.
Os precedentes e mais:

1.º — CONHECIMENTOS TECHNICOS:

- a) **Execução de croquis panoramicos.**
- b) **Execução de perfis do terreno** e execução da carta das partes vistas e occultas, de um observatorio.
- c) **Execução de operações topographicas :**
Determinação de direcção origem.
Locação da orientação (materialização no solo).
Estacionamento da prancheta de observatorio.
- d) **Emprego da lupa achromatica** e da plaqueta stereoscopica.
- e) **Leitura de photos aereos.**
- f) **Manipulação do archivo** de observatorio e redacção dos respectivos documentos.
- g) **Noções summarias** sobre as transmissões regimentaes.
- h) **Noções sobre o tiro de artilharia.**

2.º — CONHECIMENTOS TACTICOS:

- a) **Função dos chefes de equipe** de observação do Btl e R. I.
- b) **Reconhecimento, instalação** e funcionamento de um observatorio, nas differentes phases do combate.

A' quinta, sargentos observadores:

Os conhecimentos precedentes e mais:

1.º — CONHECIMENTOS TECHNICOS:

- a) **Organização e manipulação** do archivo do serviço regimental de informações.
- b) **Manutenção em dia** das cartas e planos directores.
- c) **Methodo de instrucção** do pessoal de observação.
- d) **Croquis photo-panoramico.**

2.º — CONHECIMENTOS TACTICOS:

- a) **Organização muito detalhada** e funcionamento do serviço regimental de informações.
- b) **Controle dos observatorios.**
- c) **Missões de ligação** junto aos órgãos de busca de informações.

A' sexta categoria, desenhistas:

Os conhecimentos technicos da 3.^a categoria e mais:

- a) **Execução** dos differentes croquis, de perfis e da carta das partes vistas e occultas.
- b) **Emprego** da prancheta.
- c) **Execução** das differentes operações topographicas.
- d) **Manutenção** em dia das cartas e planos directores.
- e) **Emprego** da lupa achromatica e da plaqueta stereoscopica. Leitura dos photos aereos.
- f) **Conhecimento** seguro do archivo do serviço regimental de informações.

INSTRUÇÃO DE CONJUNCTO

1.^o — DEFENSIVA:

- a) Reconhecimento, escolha de local, occupação, installação e organização de um P. O. e de um observatorio.
- b) Funcionamento de uma rede de observação, de dia e de noite.

2.^o — OFFENSIVA :

Funcionamento dos meios regimentaes de observação, durante a marcha de approximação, a tomada de contacto, o ataque e de noite.



Os conhecimentos technicos, constituindo a parte mais volumosa da instrução, exige, para ministrál-os, a maior parte das sessões. E mais, que os exercicios sejam variados e attrahentes — o que será conseguido mudando de terreno, grupando tres ou quatro assumptos em cada sessão e dispondo do maximo material. Esse ensino será essencialmente individual. O instructor evitará a possibilidade de espectantes, fazendo trabalhar ,ao mesmo tempo, todos os homens, com a applicação do methodo de officinas.

Todo observador deverá attingir o gráo de capacidade que o permita estudar com rapidez uma determinada zona de terreno. Para isso o instructor lhe ensinará desde o inicio e de um modo detalhado as noções necessarias. A seguir, quando possivel em cada exercicio em terreno variado, lh'as reavivará durante alguns momentos.

Os graduados e observadores deverão attingir o ponto de sentir o terreno representado em uma carta ou plano director como se o vissem directamente. Para tanto, no inicio, serão exercitados amiudamente na illustração da carta e do plano, em dar-lhes relevo e depois em esboçar de memoria a ossatura, orientados pelas linhas mestras: linhas d'agua e cristas. Simultaneamente se lhes fará modelar na caixa de areia o trecho de carta ou plano em estudo, de modo a dar-lhe uma idéa concreta e clara da correspondencia entre a carta e o terreno. Repetirá depois taes exercicios no terreno, frizando-lhes a semelhança entre o esboço traçado sem consulta a carta, a carta e o terreno.

Os graduados e observadores serão adextrados com os instrumentos, de maneira a empregal-os quasi tão facil e promptamente como seus olhos. O instructor conseguirá tal resultado não praticando nenhum exercicio em que os homens não manejam os apparelhos, correspondentes. Como regra, em qualquer exercicio, todo aprendiz deve conduzir um instrumento dos apropriados.

Os graduados e observadores, deverão compenetrar-se de que os croquis prespectivos e panoramicos são verdadeiros instrumentos e de que para conseguir compol-os carecem dedicar todo o empenho em sua aprendizagem — que o instructor ministrará por um methodo logico e progressivo, estabelecendo inicialmente e de modo objectivo seus principios, orientando-os a seguir nos bosquejos das phases successivas de sua composição. Conseguir que os aprendizes adquiram o habito da precisão, da minucia e da propriedade.

A maior parte do tempo deverá ser consagrado ao ensino da observação propriamente dita, — que será absolutamente pratico.

Tem em vista:

- incutir no observador o prazer da busca;
- habituar o aprendiz a observar methodicamente, paciente e assiduamente, decompondo o sector de observação em faixas estreitas minuciosamente analysadas e que serão vigiadas successivamente, ponto por ponto;
- obrigar-os a informar sobre qualquer facto percebido na zona observada, mesmo no caso deste não interessar o exercicio em curso;
- fazel-os utilizar todas as circumstancias possiveis para praticar a observação: a todas as distancias, com ou sem instrumentos, em tempo nublado, chuvoso, brumoso, claro, ao nascer ou ao pôr do sol, de noite, etc.

O instructor terá em conta que não é por falta, no início, de um plastrão que lhe facilite a ensinar os alumnos a descobrirem os indícios da actividade humana, que a instrução não marchará com o andamento conveniente. Será sufficiente dar-lhes para vigiarem, uma estrada, uma aldeia, uma estancia e em seguida dar-lhes como campo de observação, proximo ou afastado, uma parte de terreno onde se estiver exercitando uma tropa.

As noções theoricas serão reduzidas ao estrictamente necessario, mesmo para os graduados e sargentos. As sessões em que forem professadas serão entrecortadas de pequenos repousos.

Os trabalhos a executar, bem como as questões propostas serão sempre rigorosamente objectivas.

O instructor controlará a assimilação dos assumptos ensinados:

- Propondo aos alumnos, de quando em quando e no decurso dos exercicios, questões curtas e simples forçando-os a executar ao invéz de responder.
- Dar-lhes-á notas de accordo com a respectiva actuação.
- Os graduados e sargentos serão interrogados uma vez por mez em sala, sobre questionarios previamente distribuidos.
- Todos os desenhos, relatorios e documentos elaborados no campo serão corrigidos e receberão grão.
- O conjuncto de taes notas servirá para adoptar os homens ás funções para que têm pendores.

Os conhecimentos tacticos serão ministrados individualmente e em conjuncto e consistirão na applicação dos conhecimentos technicos a uma situação de combate. A instrução tactica de cada categoria, a excepção da primeira, será ministrada individualmente e a de conjuncto em equipes constituídas, desempenhando nella cada homem a função a que será destinado. A observação dos objectivos moveis com os diversos instrumentos poderá fazer-se tomando como plastrão uma tropa que se exercita. São mais instructivos os exercicios em que são observados elementos na defensiva porque os exercitantes estão melhor disfarçados e immoveis. O reconhecimento, a instalação, a organização e o funcionamento de um posto de observação e de um observatorio, constituem exercicio completo e recapitulativo, durante toda a instrução. O reconhecimento, sendo attribuição dos graduados, será feito em exercicios de quadros. A instalação e a organização

constituirão objecto de exercicios de conjuncto sem plastrão. O funcionamento se realizará sempre que possivel com plastrão.

Será vantajoso constituir com o pessoal o maior numero de órgãos de observação e para facilitar a fiscalização da instrucção justapol-os.

O controle de toda a instrucção será feito no decurso de exercicios de Btl. e R. I. em que os meios de transmissão serão empregados, juntamente com o funcionamento dos P. C. Esses exercicios apprehenderão as differentes phases do combate.

DISFARCE :

O instructor incutirá fundo no espirito dos observadores, feitos ou em formação, a importancia capital do disfarce dos órgãos de observação, instruindo-os seguramente no emprego apropriado do material adequado e frizando-lhes a imperiosa necessidade de sua harmonisação com a paisagem local. Far-lhes-á comprehender claramente que o disfarce quasi sempre offerece mais segurança que qualquer obra protectora que possa ser identificada e que a melhor forma de obtel-o é uma installação o mais rasante possivel com o nivel natural do terreno.

Mostrar-lhes-á como os movimentos de terras mal feitos se denunciam á observação e em consequencia a inexoravel obrigatoriedade da remoção dos aterros durante a noite.

Os observadores aprenderão que, em grande numero de casos, os observatorios são assignalados pelo inimigo porque seus occupantes se descuidam de disfarçarem suas proprias pessoas quando circulando nas immediações delles, e principalmente pela falta que commettem determinando a formação de pistas no campo, claramente reveladas pelas photos aereas, com o trafego persistente nos mesmos itinerarios.

O instructor imporá pela persistencia o espirito cardeal do disfarce: inicial-o antes da installação do órgão de observação. Esforçar-se-á tambem por incutir-lhe a comprehensão clara da necessidade absoluta de se abrigarem em face de um avião inimigo em vôo ou pelo menos cessarem o movimento quando não conseguirem abrigo.

Os observadores deverão tenazmente ser martellados com a idéa da obediencia radical ás determinações de policia de transito em zona de órgão observador.

RECRUTAMENTO :

Os observadores serão escolhidos entre os homens que, sabendo exprimir-se com certa correcção, verbalmente e por escripto, sejam dotados de optima visão e de memoria visual desenvolvida, muito bom ouvido e robusta resistencia.

E' terminantemente prohibida a indicação de analphabetos para a especialidade. Salvo o caso de individuos de capacidade fóra do commum, decorrentes de pendores naturaes ou de modo de vida. Em tal occorrecia se empregará o maior interesse em sua prompta alphabetização.

Os candidatos ou indicados serão submettidos a uma rigorosa inspecção de vista e dos ouvidos.

Os caçadores, tropeiros, pastores e monteiros, geralmente vêem muito bem e ouvem optimamente, tornando-se facilmente, por taes predicados, magnificos observadores.

**DOTAÇÃO DE MATERIAL DE OBSERVAÇÃO
NA INFANTARIA****PELOTÃO :**

- 1 Binoculo de preferencia telemetrico.

CIA. FUZILEIRO :

- 2 Binoculos, sendo um micrometrico.
- 2 Bussolas Peigné ou directrizes.
- 1 Relogio preciso.
- 2 Transferidores de zinco.
- 2 Duplos decimetros de zinco.
- 2 Esquadros de zinco com escalas (1/20.000 e 1/50.000).
- Cartas.
- Papel carbono.
- Papel calco.
- Papel quadricular.
- Lapis pretos.
- Lapis de côres.
- Borrachas.
- Blocos de impressos para informações.

CIA. MTRS.:

- 2 Binoculos, sendo 1 micrometrico.
- 1 Circulo de visadas com pé, alidade e suporte de binoculo.

- 2 Bussolas Peigné.
- 1 Relógio preciso.
- 1 Sitogonímetro ou sitómetro.
- 2 Transferidores.
- 2 Duplos decímetros de zinco.
- 2 Esquadros de zinco com escalas (1/20.000 e 1/50.000).
- 1 Regua chata.
- 1 Prancheta com alidade e acessórios.
- 1 Declinatório.
- 1 Telemetro.
- 1 Duplo decametro.
- Cartas.
- Papel carbono.
- Papel calco.
- Papel quadriculado.
- Lapis preto.
- Lapis de côres.
- Blocos impressos para informações.

B T L. :

- 1 Binocular ou monocular.
- 3 Binóculos sendo 1 micrométrico.
- 1 Periscopio.
- 2 Bussolas Peigné.
- 1 Prancheta com alidade e acessórios.
- 1 Declinatório.
- 2 Lanternas para amarração nocturna de direcções.
- Substancias phosphorescentes (para amarrações nocturnas de direcções).
- 2 Relógios de precisão.
- 1 Lupa achromatica.
- 2 Duplos decímetros de zinco.
- 2 Transferidores de zinco.
- 2 Esquadros de zinco com escalas (1/20.000 e 1/50.000).
- 2 Reguas chatas.
- Cartas.
- Planos directores.
- 4 Cadernos de observatorio.
- 3 Cadernetas multicopistas.
- 1 Archivo.

- 1 Registo (pastas).
- Blocos impressos para informações.
- Papel carbono.
- Papel calco.
- Papel quadriculado.
- Lapis pretos.
- Lapis de côres.
- Borrachas.

R. I.:

- 1 Binocular ou monocular.
- 1 Circulo de visadas com pé, alidade e suporte de binoculo.
- 2 Goniometros periscopios.
- 4 Binoculos, sendo 1 micrometrico Xx12.
- 1 Sitogoniometro.
- 2 Pranchetas com alidade e accessorios.
- 2 Declinatorios.
- 3 Bussolas Peigné.
- 1 Pantographo (typo pequeno).
- 3 Chronographos.
- 2 Lupas achromaticas.
- 1 Plaqueta stereoscopica.
- 3 Lanternas (para amarração nocturna de direcções).
- Substancias phosphorescentes (para amarrações nocturnas de direcções).
- 2 Duplos decimetros de zinco.
- 2 Transferidores de zinco.
- 2 Esquadros de zinco com escaladas (1/20.000 e 1/50.000).
- 2 Reguas chatas.
- 4 Cadernos de observatorios.
- 3 Cardernos multicopistas.
- 1 Archivo.
- 1 Registo (pastas).
- Blocos impressos para informações.
- Cartas e planos directores.
- Papel carbono.
- Papel calco e quadriculado.
- Borrachas.

ALGUNS PRINCIPIOS DE INSTRUÇÃO

(Traducção de "La Revue d'Infanterie") (1)

Autor: — Cap. MANIE.

Traductor: 1.º Ten. JOSÉ P. DE SOUZA LOBO, da E. M.

"Instruir é, em tempo de paz, a função essencial dos quadros nos corpos de tropa". (Reglement de l'Infanterie).

Si o estudo dos documentos regulamentares pode fornecer todos os conhecimentos necessarios, não nos parece sufficiente para formar verdadeiros instructores. Aprender o que se deve ensinar não é aprender a maneira de ensinar. Não seria possivel encerrar toda a pedagogia militar em algumas paginas que o Regulamento consagra aos processos de instrucção.

Parece-nos pois necessario pesquisar o que possam ser os principios geraes de um methodo de instrucção e quaes são as idéas directrizes que o official nunca deveria perder de vista.

PRINCIPIOS GERAES

1.º) REPETIR.

"Convem limitar os programmas de instrucção dos soldados aos conhecimentos que lhes são indispensaveis e insistir sobre os pontos essenciaes durante todo o tempo de serviço" — diz o Regulamento da Infantaria em sua 1.ª parte.

Não poderemos, com effeito, ensinar ao homem tudo o que é susceptivel de lhe interessar. As condições actuaes do serviço nos obrigam a agir com presteza. E' mister entretanto fazel-o bem; para isso distinguir o importante do accessorio, o que é necessario do que é apenas util. Os regulamentos, dizem, sem ambiguidade, o que devemos ensinar.

Mas o papel do official instructor não se pode resumir em determinar a progressão semanal e no "control" da sua applicação.

O resultado da instrucção se traduz no homem pela acquisição:

- A) *dos multiplos gestos que nós esforçamos para transformar em actos reflexos, reflexos que não consistem sómente na ordem unida, nem mesmo nos movimentos do tiro das differentes armas, mas tambem os exercicios de maneabilidade do grupo; é, se quizermos comparar com o automovel, a manobra dos pedaes e das alavancas;*

(1) A Directoria de "A Defesa Nacional" recommenda aos jovens instructores a leitura attenta deste artigo.

- 2) dos procedimentos aconselhados e que, dando origem a verdadeiros hábitos mentaes, devem permittir ao homem o bom uso desses reflexos nas differentes phases do combate; — é a utilização das manobras conhecidas pelo automobilista adaptadas opportunamente aos accidentes do caminho.

Todos esses conhecimentos são indispensaveis aos soldados, mas por via do seu valor natural, vão, collocados no mesmo plano, apresentar-se aos homens como uma juxtaposição confusa de factos, cuja importancia logica ou pratica não comprehenderão. Condição bastante desfavoravel á boa marcha da instrução, pois, torna-se necessario repetir-se obstinadamente o que se quer ensinar, para obter resultados, para graval-o solidamente no espirito dos homens. A importancia desse principio não está exagerada.

Ora, como repetir uma multidão de conhecimentos fragmentarios? A tarefa é impossivel e os resultados obtidos serão enganadores. Sómente a memoria é posta em jogo e, dessa parte, o esforço espera realizal-a. É mesmo de temer que a boa vontade sem estímulo se retráia e se desgoste por um trabalho tão ingrato.

Quer do lado do instructor como do homem deve ser procurada uma melhor economia de trabalho.

Quaes são pois os principios geraes que, alem da repetição, devem guiar o instructor?

2.º) PESQUIZAR OS PONTOS ESSENCIAES.

Na instrução militar, como em qualquer outra parte do ensino, é preciso nos esforçarmos para destacar as idéas principaes de cada assumpto tratado. Ao lado dessas idéas virão juntar-se todos os conhecimentos de minucia que dellas derivam.

A pesquisa do essencial não se exerce sómente no quadro geral de cada uma das materias, mas tambem nos pormenores dos actos mais simples.

Assim, depois de obtermos os pontos principaes dos exercicios de manueabilidade, admittamos que elles se resumam em 9 ou 10 sessões distinctas de instrução: apresentação do grupo, formações, passagem de uma formação a outra, mecanismo para execução dos fogos; faltará ainda de cada sessão destacar o essencial.

Dos diversos movimentos que correspondem ao mecanismo para execução dos fogos é necessario primeiramente destacar a idéa: Preparar para o combate. Preparar-se para o combate não é sómente preparar a arma, é preciso tambem prepanar a ferramenta e a mascara.

Estando comprehendidos esses 3 pontos, ensinaremos successivamente todas as minucias que a elles se referem. Qualquer que seja a funcção que lhe attribuímos no grupo, seja atirador, municador ou volteador — “preparar para o combate” não consistirá mais, para o homem, em executar operações de minucia que lhe parecerão complicadas, porque apresentam differenças conforme cada funcção, porém sempre têm de preparar a arma, a ferramenta, a mascara. Estão ahí 3 idéas faceis de aprender e que lhe farão comprehender rapidamente os movimentos que dellas dependem. Não ha mais a confusão que acarreta a simples juxtaposição de numerosos pormenores, mas a claresa do conjuncto em ordem. As minucias a guardar encontram-se grupadas em torno de pontos essenciaes, que pouco numerosos pela definição, podem ser frequentemente repetidos.

O ponto essencial torna-se o centro de uma série completa de associações de idéas; lembrial-o pela concentração evoca immediatamente no espirito do homem a lembrança de todas as operações que a elle se ligam. A acquisição dos reflexos fica muito facilitada.

3.º) PASSAR DO CONHECIDO AO DESCONHECIDO E DO SIMPLES AO COMPLEXO.

Um outro ensinamento não pode escapar ao trabalho a que se tem de entregar o instructor. A necessidade de retornar ao assumpto para tirar delle o essencial, faz-lhe reavivar seus conhecimentos, apparecem demonstrações novas, levando-o a graval-os completamente.

Torna-se mais facil imaginar uma ordem racional, um encadeamento logico do que elle deseja ensinar, mais commodo de graduar sua instrucção para não apresentar a seu auditorio senão o que seja comprehensivel. Torna-se, enfim, possivel satisfazer a este outro principio indispensavel a uma perfeita comprehensão: Passar do conhecido ao desconhecido, do simples ao complexo.

Impõe-se um trabalho de preparação que se applica ao conjuncto de materias como a cada assumpto tomado em particular. Si convem sempre mantermos a ordem estabelecida pelo Regulamento e não abordar “pelo-tão no ataque” sem antes haver adquirido as noções sufficientes sobre “o grupo no ataque”, será, ao contrario, um erro esperar para estudar o combate no grupo, que todos os exercicios de maneabilidade do grupo estejam perfeitamente conhecidos. Tanto as formações como os movimentos a executar, o “grupo na approximação em 2.º escalão”, por exemplo, só exigem operações simples e facilmente comprehensiveis que podem ser executadas desde o principio.

Em compensação, a execução do fogo do F. M. no ambito do grupo já se torna uma operação mais complexa. Participam della 13 homens

com funções diferentes. Em cada função são feitas varias operações que correspondem aos commandos successivos de tiro e todos os homens devem estar em condições de as cumprir indifferentemente.

Querer atacar muito cedo o conjuncto dos movimentos acarreta uma confusão geral. Os homens não sabem e, mesmo que o saibam, não podem realizar de improviso o que têm a fazer.

O instructor, por sua vez se embaraça, quer concertar tudo ao mesmo tempo, sem completar cousa alguma. E eis o resultado exacto desta sessão muito ambiciosa que queria abraçar tudo de um só golpe.

A conclusão a que acabamos de chegar, nos faz estudar separadamente a tarefa de cada combatente; é mister tomar um após outro cada ponto dessa tarefa, estudar não sómente o objectivo, os movimentos do tiro, a maneira de encher um carregador, de collocar-o e de tirar-o, mas ainda o mecanismo do remuniamento. Os volteadores devem saber que têm de substituir os homens da esquadra de fuzileiros, postos fóra de combate e de recolher a sua munição.

Estando conhecidas cada uma das funções, será abordado o estudo completo do movimento, mas seguindo, como sempre, uma ordem de difficuldade crescente.

Começaremos em terreno plano com o unico cuidado de assegurar a coordenação dos movimentos individuaes, visando o resultado colectivo, para agir depois em terreno variado e fazer apparecer emfim todos os incidentes de combate (sahir fóra de combate, recolhimento de munição, collocar a mascara, incidentes de tiro acarretando desmontagem, limpeza da arma, substituição do extractor ou do ejector...).

Assim o instructor terá seguido uma ordem logica e racional. Não procederá mais como um professor que teima em expôr a theoria de uma equação para alumnos que ignoram o valor dos signaes.

4.º) DESCOBRIR E AVERIGUAR.

Os accidentes de automoveis relatados profusamente nos factos quotidianos não nos servem de lição. Para que a necessidade de observar certas regras de prudencia se imponha ao espirito é preciso, a maior parte das vezes, que a sensibilidade tenha sido directamente impressionada pelo testemunho de um accidente ou, por experiencia propria.

Do mesmo modo poderíamos multiplicar as observações. Embora menos chocantes, são tambem verdadeiras quando tratamos sómente de aprender. Para que a aquisição de conhecimentos seja realmente aproveitavel, é preciso que o proprio homem os descubra.

Entre os ouvintes de uma conferencia uns não escutam e perdem o seu tempo. Outros escutam passivamente, sua attenção se deixa dirigir pela

evocação de certos pontos que lhes tocaram pessoalmente noutra occasião. Segue-se um pequeno trabalho de reflexão, resultando dahi alguma vantagem para elles. Outros, emfim, ouvem activamente, com interesse. Elles se esforçaram para guardar e comprehender. Procurarão recompôr a conferencia, destacando os pontos essenciaes, approximando esses pontos de outros já conhecidos. Obterão da sua audição o maximo resultado.

O leitor superficial, por seu lado, não guarda sinão minucias por alto. O leitor serio, ao contrario, analysa seu livro, critica-o, compara-o a outros, annota-o e finalmente assimila a sua essencia.

Uma intervenção pessoal, um esforço é sempre necessario para assegurar um bom resultado; entretanto, para o possuir, é preciso penetrar no seu intimo.

Si o instructor fizer como o conferencista, uma parte de sua turma não o ouvirá, a outra ouvirá mal. Não poderemos esperar que esses homens, jovens e negligentes, se dêem, mais tarde, ao trabalho de reflexão necessaria. Si quizermos um resultado satisfactorio, precisamos obter esse esforço pessoal durante a propria sessão. O Instructor não pode nem deve proceder como um conferencista.

Seu papel não é citar idéas, mesmo perfeitamente expostas, mas aguar a attenção de seus ouvintes de modo a lhes fazer conseguir a approximação necessaria. São os proprios homens que devem descobrir e verificar o que o instructor lhes quer ensinar. Não ha nisso nada de impossivel.

5.º AGIR SOBRE A SENSIBILIDADE.

Não nos esforçamos para comprehender o que não nos interessa. Quando a attenção se applica a coisas aborrecidas é porque esperamos obter uma satisfação ou evitar um soffrimento.

O esforço se exerce então sob a pressão de um movel affectivo. Quanto mais poderoso fôr esse movel, mais facil será o esforço. Tornar-se-á uma alegria, si o interesse fôr immediato ou se esperarmos grandes satisfações.

O professor que sabe manter no primeiro plano o espirito de utilidade de seu ensino, sabe tambem, para tornal-o attrahente, fazer vibrar outras cordas sensiveis (amor proprio, emulação...) e obtem os melhores resultados. Esses resultados serão tambem os mais duradouros, porque é uma verdade experimental que a fortes emoções correspondem lembranças que não perecem.

Não obstante visarmos a razão dos homens, é preciso attender tambem á sua sensibilidade. Será esse o nosso quinto principio.

Somos a isso levados naturalmente. Fazer o homem cooperar na descoberta do que elle deve aprender, é appellar para o seu espirito de ini-

ciativa, provocando nelle a satisfação de ter aprendido por si alguma coisa que elle julgava acima de suas forças. E' excitar o amor proprio, essa grande mola da nossa actividade. E' tambem crear entre a turma e o instructor, uma atmospheria de comprehensão, de confiança mutua, que fortifica o ascendente do chefe, faz nascer o sentimento de esforço colectivo e põe o homem em excellente disposição para aprender.

Podemos porem fazer mais: explorar, em particular, o espirito de compedição. O serviço da arma automatica se presta naturalmente para isso e os homens sentem um grande prazer nos differentes concursos individuaes ou collectivos em que entra o elemento tempo: concurso de enchimento dos carregadores, de mochilas e bornaes, concurso de execução do fogo, etc.

Não pensemos, emfim, que esta maneira de proceder seja sómente para os mais habéis. Todos participam e é tambem util fazer realçar a ignorancia dos ineptos e dos retardatarios que precisam de mais attenção.

APPLICAÇÃO

Repetição: — pesquisar os pontos essenciaes; ir do conhecido ao desconhecido e do simples ao complexo; fazer descobrir e averiguar; agir emfim sobre a sensibilidade: eis, parece-nos, os principios geraes de um methodo racional de instrucção.

A necessidade de uma exposição theorica nos tem levado a separar os e a considerar-os isoladamente. Não aconteceria o mesmo na pratica e é na sua opportuna combinação, na sua feliz adaptação ás condições do momento que se manifesta a habilidade do instructor, porque é verdade indiscutivel que o valor de um methodo é função do modo por que é applicado.

Para illustrar o que pode produzir a pratica, vamos descrever duas sessões de instrucção: uma como se passa habitualmente, outra como nola mostram os principios enunciados. Encaramos em seguida, o modo por que podemos conceber, a organização das saladas de instrucção.

1.º) SESSÕES DE INSTRUÇÃO :

O Sargento que vae apresentar a seus homens o grupo de combate, primeiro contacto, um dos mais importantes, pois se trata de lhes mostrar o quadro no qual terão de trabalhar, começa por collocar-os em presença de um grupo completamente equipado.

Nada é esquecido, nem dos detalhes do armamento, nem nos do equipamento. O conteudo da caixa de accessorios é verificado, a presença do gancho-ejector e do saca-estonos constatada.

Depois começa a enumeração. "Eis aqui, diz o Sargento, um grupo de combate. Compreende 13 homens que são: — commandante do grupo, commandante da esquadra de fuzileiros, atirador, municidores, remuniciadores, commandantes da esquadra de volteadores, volteadores e granadeiro atirador". E eis a turma já atrapalhada com oito funções diferentes que nada exprimem para elles e cuja successão confundem.

Inevitavelmente a sessão continúa pela apresentação successiva e detalhada de cada homem.

"O commandante de grupo fica na testa do grupo; está armado de fuzil com 60 cartuchos. Sua ferramenta é uma serra articulada. Tem uma mascara contra gaz. Traz sua mochila. Material de acampamento: uma lanterna".

Enumeração analoga para o 1.º cabô. Logo depois vem o atirador.

"Traz o fuzil metralhador e tres carregadores. Está armado tambem de pistola com tres carregadores de nove cartuchos".

Ahi tem lugar geralmente uma pequena dissertação sobre a utilidade dessa arma. Segue-se a enumeração dos diferentes accessorios:

"conteúdo da caixa de accessorios (saca-estojos, extractor, eixo do gatilho intermediario, gancho-ejector, etc.) estopa numa cartucheira á direita. O atirador traz uma pá portatil e uma mascara contra gaz".

"O atirador não tem mochila mas traz o cobertor e o capote a tiracolo, com a marmita individual".

Chegamos ao ponto de dizer que esta marmita deve ser pintada para não brilhar ao sol!

Peior acontece com o municidor, pois o seu equipamento permite tambem todos os detalhes.

Remuniciadores, primeiro volteador, succedem-se com suas mochilas especiaes ou individuaes, seu fuzil ou seu mosquetão, seus 60 cartuchos para fuzil, para mosquetão, sua dotação de munição de F. M. em carregadores, suas granadas de mão e de fuzil, as differentes ferramentas, os bornaes supplementares...

Não dispensamos mesmo o material de acampamento e os paineis de demarcação. A sessão parece interminavel.

A principio attentos e procurando reter, os homens logo se cansam com a enumeração fastidiosa que se segue e se prolonga indefinidamente.

Para que serve ligar todos esses detalhes que perturbam os homens? Para nada, pois ainda não sabem quasi nada. Vem o desanimo e depois a indifferença.

O instructor fala em tom monotono, zanga-se quando alguem parece distrahido, declara que fará com que cada um repita, pois, cada um deve

saber desempenhar todas as funções. Os homens acabam tendo verdadeira repulsão. Quando retêm alguma coisa é a marmita pintada. Si ha uma primeira impressão forte e duravel, não é aquella que deveria ser produzida por uma sessão inicial. O instructor conseguiu diminuir a sua confiança nos homens e muitas vezes em si mesmo: é um mau prelude para os futuros exercicios.

Quer nos parecer perfeitamente indicado, ao contrario, o aproveitamento desse primeiro contacto para imprimir definitivamente no espirito dos homens algumas noções bem escolhidas.

Segundo que directriz, em que ponto principal se deve inspirar o instructor? — E' que o F. M. é a arma principal do grupo de combate, pois delle resulta toda a sua potencia, é que, sendo uma machina collectiva que exige o concurso de cada um, faz do grupo a cellula elementar do combate.

Esta é a idéa que deve dominar a demonstração.

Reunida a turma em torno de um grupo, o instructor pergunta:

“— Que me podem dizer do que representam os homens que nêem reunidos?”

Algumas respostas saltam abruptamente. E' bem raro não pronunciarem “grupo de combate”, por terem ouvido dizer que haveria de tarde “apresentação do grupo”. Esta sessão tem para os jovens recrutas a atracção da novidade e vem romper a monotonia da instrucção individual.

“— E”, com effeito, um grupo de combate. De quantos homens se compõem?

“— De treze (13).

“— Então, como voces os vêem pela primeira vez, irão dar a funcção de cada um”.

Silencio e embaraço geral.

“— Olhem bem. Não ha homens que se distinguem uns dos outros? Estão todos armados do mesmo modo?”

Geralmente duas opiniões são emittidas. Citam o commandante do grupo e o atirador. O instructor continua:

“— Por que citaram o Sargento X?

“— Elle está na testa, é o que commanda” (responderão certamente).

“— Bem, não nos occuparemos mais delle” (e o instructor faz sahir o commandante do grupo).

“— Passaremos agora ao outro, por que o citaram?”

“— Porque não está equipado como, seus camaradas. Tem um F.M.”

“— Que funcção pode desempenhar esse homem que traz o F. M.?”

Resposta unanime:

“— Atira com elle”.

“— E”, com efeito, atirador e se denomina atirador. Pensam que na função é importante?

— ?

“— Ouviram já falar do F. M. Atira essa arma com mais rapidez do que o fuzil?”

“— Sim”.

“— Sabem quantos cartuchos um F. M. pode atirar em um minuto?”

As resposta variam entre 50 e 600. Depois de chegarem a uma resposta certa, devemos comparar com o tiro de fuzil:

“— Sabem quantos cartuchos podemos atirar com um fuzil?

“— Chegamos a 8 e 10 tiros”.

“— Como o F. M. dá 200 tiros por minuto e o fuzil 10, quantas vezes mais rapido que o fuzil, atira o F. M.?”

— ...

“— Vejamos agora o seu alcance (alcance efficaç)”.
(Mesmo processo: — 1.200 metros para o F. M. e 400 metros para o

fuzil). Depois de um novo interrogatorio, comparativo, aos mesmos homens,

concluimos:

“— O F. M. dá 200 tiros por minuto, equivale a 20 fuzis dando 10 tiros por minuto e pôde atirar efficaçmente tres vezes mais longe. Essa arma é realmente importante? Não é a mais poderosa do grupo?”

Resposta geral:

“— Sem duvidas!”

Deduzimos dahi que atirando com rapidez, ella deve exigir muita municição e que, por conseguinte, são necessarios varios homens para guarnecer e municialem.

Depois sahem de fôrma:

Os municialemes, porque tem mosquetão e mochila especial.

O proprio cabo, porque o F. M. pode, como toda machina, ter incidentes de funcionamento e necessita de alguem para remedial-os e observar os resultados dos tiros de uma arma tão preciosa.

Dirigindo assim, a attenção dos homens para particularidades faceis de notar, fazemos descobrir sem difficuldade o sentido dessas particularidades.

Quanto aos volteadores, fazemos prevêr sua função no serviço do F. M. perguntando-lhes o que aconteceria si o atirador, o municialem ou os remunicialemes viessem a cahir e se não houvesse ninguem mais para os substituir, nem apanhar suas munições. Esse facto fará ainda salientar

que todos os homens do grupo devem conhecer perfeitamente todas as funções. Como pôde acontecer que alguns não desempenhem sua função ou o façam mal, tornando defeituoso o rendimento da arma, a turma chegará a comprehender que cada homem contribue para assegurar, nas melhores condições, o tiro do F. M., que sendo arma automatica é uma machina collectiva exigindo o esforço de todos e que o grupo de combate forma um todo coheso.

Para evitar que os homens não tenham uma idéa perfeita da função dos volteadores, ajuntaremos que elles defendem o grupo e que, sendo o fuzil efficaz a 400 metros, elles o apoiam com o seu fogo a essa distancia.

O instructor attingiu o fim a que se propuzera. Passou do conhecido ao desconhecido e do simples ao complexo. A palestra se presta a multipas repetições. Os homens fizeram um esforço divertido e estão contentes com as suas descobertas. A sessão foi viva, portanto attrahente.

Para imprimir mais profundamente o effeito, um ultimo acto impressionará directamente a sua sensibilidade. Faremos executar uma entrada em posição rapida e um tiro de festim com varios carregadores, executado com a maxima presteza.

Poderemos reforçar ainda essa impressão na sessão de tiro immediata, fazendo atirar, um ao lado do outro, um fuzil e um F. M. para comparar os resultados.

2.º) SALAS DE INSTRUÇÃO :

A) Sua utilidade: — O que podemos esperar das salas de instrução? Não, certamente, como substitutas dos exercicios ao ar livre, mas como um seu complemento util. Farão ganhar tempo, permittirão materializar certos pontos que, sem isso, ficariam no dominio da theoria. Sua utilidade se manifestará particularmente nas materias seguintes :

COMBATE DO GRUPO :

Os exercicios no terreno exigem muito tempo e se reduzem verdadeiramente, sobretudo no inverno, a poucas sessões; importa pois preparal-os, para obter um rendimento melhor; importa tambem poder rever rapidamente as noções adquiridas.

E' preciso não crear, desde o começo, muitas difficuldades para os homens. E' mais facil agir, quando anteriormente já comprehendemos e imaginámos.

As figuras, ao mesmo tempo simples e suggestivas, deverão fazer realçar, tanto quanto possivel os pontos que ellas devem illustrar, sem contudo parecerem convencionaes.

Grupadas pelas phases características do combate: aproximação, ataque... serão consagradas a cada um dos pontos essenciaes: direcção, ligação, fogo..., que devem ser as preoccupações dominantes do grupo.

Como, por exemplo, representar o grupo em marcha de aproximação?

Distinguiremos, para estudar á parte e successivamente, o grupo em segundo escalão, o esclarecedor, o grupo em segundo escalão, o esclarecedor, o reconhecimento dos pontos suspeitos, antes de chegarem á marcha de aproximação em primeiro escalão. E' sufficiente, com effeito, um simples olhar sobre o quadro escripto para verificação de que o grupo em primeiro escalão nos põe em presença de uma situação já complexa, formando como que uma synthese dos pontos essenciaes que caracterizam as situações precedentes.

A marcha em segundo escalão, por sua vez, vae se decompor em uma série de quadros que podemos conceber assim:

- 1.º Antes de partida (o cmt. do grupo dá as suas ordens);*
- 2.º conservar a direcção;*
- 3.º conservar a ligação;*
- 4.º Utilizar o terreno. Para que esse principio geral não constitua uma palavra desprovida de sentido, é preciso trazer suas applicações a alguns casos typicos aos quaes o espirito poderá sempre se referir.*

Podemos distinguir:

Quando se trata de escapar das vistas terrestres e aéreas:

- utilização dos abrigos;*
- abandono dos abrigos e travessias das zonas perigosas;*
- utilização de trechos do terreno.*

Quando se trata de escapar dos tiros:

- artilharia;*
- gaz.*

E' evidente que todo o valor dos desenhos reside na sua apresentação e na sua apresentação e nas legendas que os acompanham, não tendo limite senão na capacidade do instructor.

Organização do terreno.

As figuras representam apenas um processo, ha outros ás vezes mais indicados. E' o caso da organização do terreno, em que o uso de verdadeiros "jogos de construcção" corresponde melhor ao fim em vista.

... Feitas de madeira ou papelão, reduzidas a escala de um decimo, cada peça representará uma posição de tiro, um elemento de trincheira, um traversez, uma sapa, uma entrada de abrigo, defezas accessorias...

Essas peças se devem ajustar indifferentemente entre si. Assim, torna-se facil estudar separadamente cada uma dessas obras, achar de novo

as dimensões, procurar os meios praticos que permitem reproduzil-os sem difficuldade (fuzil e F. M. reduzidos á escalal:10). O disfarce e a defesa colectiva contra os gases serão representados com utilidade (podemos mesmo organizar as barragens e mostrar o mecanismo do combate nas travezes, occupar essa organização com soldados de madeira).

Poderemos classificar as construcções em séries correspondentes aos elementos de organização do terreno: espreita, communicações, abrigos... Desse modo, os principios do Regulamento que, para muitos, são coisas abstractas, tomam o aspecto de realidades praticas.

A possibilidade de criar, por sua combinação, conjunctos differentes, permittirá o aproveitamento maximo dessa regra fundamental:

"O valor da organização do terreno não é caracterizado pela quantidade dos trabalhos feitos nem mesmo pelas qualidades technicas desses trabalhos estudados isoladamente. Baseia-se numa combinação ajuizada de seus elementos num conjuncto ordenado".

Emfim, para que cada um possa mais á vontade aprender a sua acção no quadro do Batalhão, será executado á parte um plano modelo, de uma organização correspondente ás que permittem as construcções e depois esse mesmo plano referido a um centro de resistencia.

CONCLUSÃO

Parece-nos inutil insistir mais longamente e estender nossos commentarios. Tal como é representado, um methodo, que parta de 5 principios, pôde parecer uma construcção composta de elementos muito differentes para conservar a sua unidade. Não é assim. Longe de acarretar divergencias, a applicação de uns arrasta e facilita a de outros. Elles se completam e se auxiliam reciprocamente.

Não pôde ser de outro modo, pois correspondem a dois aspectos fundamentais da personalidade humana. Os primeiros visam tocar a intelligencia; o ultimo a sensibilidade. Para ser efficaç, qualquer acção deve attingir a esses dois elementos.

Se isso é verdade, quando diz respeito sómente a instruir, sel-o-á mais ainda quando fôr occasião de agir. Uma noção só tem effeito sobre a conducta si é acompanhada de elementos affectivos capazes de vencerem os impulsos que a fazem agir indifferentemente. Como escreve FELIX THOMAS (1 — A Educação dos Sentimentos): — "A força motriz da idéa varia conforme o elemento affectivo a que está ligada". Não é sufficiente portanto, apenas instruir os jovens que nos são confiados, é preciso tambem fazer vibrar nelles outras cordas alem do medo das punições, para lhes despertar a vontade de agir.

A TECHNICA DO GOLPE DE MÃO

Traducção de "La France Militaire" pelo
Cap. João Baptista de Mattos.

Todos os Commandantes de Infantaria, todos os infantes convictos devem ser, desde a entrada em campanha, conhecedores da technica do golpe de mão.

E' este com effeito, um dos empregos diarios da Infantaria. Ella recorrerá a elle, constante e seguidamente, desde a tomada de contacto, por ser o golpe de mão de efficaz e insubstituivel utilidade para completar a informação.

Esta utilidade cuja manipulação é particularmente delicada exige, para ter valor positivo, ser accionada por mão de mestre.

Aquelle que for encarregado de commandar a sua execução, bem como os subordinados que constituirão a fracção executante, devem ser colhidos entre os mais qualificados dos infantes. O golpe de mão só será bem succedido, quando fôr cuidadosamente preparado. Elle não tolera, sob pena de fracasso, retoques de ultima hora.

O trabalho em si comprehende uma preparação e uma execução, cujos differentes factores são, de indiscutivel importancia, mesmo observando separadamente cada um delles, para o seu exito final. Um golpe de mão preparado nos seus menores detalhes apresentará 90 % de probabilidades de successo.

O regulamento, segundo nos parece, occupa-se do golpe de mão um pouco superficialmente. O seu mecanismo extremamente delicado constituido de detalhes minuciosos que se devem ajustar com precisão, é exposto com palavras vagas e principios geraes. Não se encontra a receita sob uma formula rigorosamente pratica e tão nitida quanto um dado mathematico de modo a evitar que um mau manipulador a torne, por distração ou excesso, de inicio instantaneamente envenenado.

Em consequencia dessa falta ou carencia dos regulamentos, a questão é geralmente ventilada sob a fórma de trabalhos, aliás copiosos, mas cuja obesidade irrita até mesmo os dotados de melhor bôa vontade, que tanta cousa indigesta já têm a assimilar.

O autor propõe-se a mostrar, que se poderá resolver o problema num escripto relativamente curto e em linguagem simples.

Assim:

PREPARAÇÃO

O factor tempo é o que merece ser destacado como indispensavel. Um golpe de mão não se improvisa quer se possua alguma pratica e quer se trate dum simples vae e vem para colher informações precisas. Nada de serio se fará, particularmente nas cousas militares, senão se dêr a actividade a emprenhender, o tempo necessario ao seu natural desenvolvimento.

Na questão em estudo é preciso prever o detalhe para:

- conceber a operação;
- contal-a;
- cobril-a;
- coordenal-a com a A., as metralhadoras e os engenhos;
- organizar a volta (si fôr o caso).

Não se illudam. Tudo isso, para ser bem ajustado e reduzir as probabilidades dum mau successo ao estricto minimum, exige horas; cerca de 7 ou 8, embora se trate dum golpe de mão dum simples pelotão.

A autoridade que ordena o golpe de mão, deve interessar-se vivamente por elle. O golpe de mão, convem repetir, não prescinde dum **bom trabalho**, e este exige, imperativamente, o tempo necessario.

O golpe de mão só deve ser lançado sobre um **objectivo preciso**.

Esta condição deve ser tanto mais observada quanto mais summarias forem as organizações inimigas. Esse facto póde, numa impressão superficial, causar surpresa. Mas, reflectindo-se sobre a questão, percebe-se que, com uma organização não summaria, os executantes do golpe de mão disporão de trincheiras e de sapas que facilitam, na distribuição das missões os limites do trabalho a produzir e que são também balizamento de orientação. Sabe-se exaltamente onde se irá, estrangula-se sapas á direita e á esquerda e assim se simplifica o esforço.

Em inicio de organização não se contará com os elementos acima. E nesse caso toda e qualquer descentralização, tornará o golpe de mão quasi uma aventura, o que representa fracasso certo.

Deve-se pois, fixar-se-lhe um objectivo preciso.

O GRUPO EM MARCHA DE APPROXIMAÇÃO

O grupo em segundo escalão:

Progreder na direcção
dada em ligação com os
vizinhos e com o cm!.
de Pelotão, esforçando-
se para escapar ás vistas
e aos tiros. Protecção.

Mesmos principios
Mais:

O esclarecedor:

Garantir a segurança do
grupo em marcha pes-
quizando o terreno na di-
recção dada:
— Observação:
Para descobrir o inimi-
go:
— Contacto.

*O grupo no reconhecimento
dos pontos suspeitos*

Mesmos principios
Mais:

Os esclarecedores reco-
nhecem sob a protecção
do fuzil-metralhador:
— Fogo.

*O grupo em primeiro esca-
lão tomando contacto.....*

Execução de todos os prin-
cipios:

- Direcção
- Ligação
- Observação
- Contacto
- Fogo

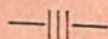
Protecção

Empregado só, o temor nunca chegou a suscitar o heroísmo, nem mesmo a dedicação. Para se ser de facto um chefe, é preciso saber conseguir os moveis affectivos que dirigem as acções dos homens. O exemplo dos grandes conductores de homens é particularmente suggestivo a esse respeito. Mas trata-se ahí de um dominio muito vasto e muito delicado para que seja possível insistir mais longamente em uma tão curta exposição.

Sobre o ponto de vista geral, diremos apenas que os methodos dos que se occupam da instrucção e educação da mocidade se aperfeiçoam de dia para dia. O official tem obrigação de não retroceder. Suas aptidões pedagogicas e seu conhecimento do coração humano devem crescer ao mesmo tempo que as difficuldades por elle encontradas. Sómente nessas condições elle tornará a tarefa em proximo fim, compativel com as necessidades actuaes da instrucção e da educação do soldado.

E' trabalhando nesse sentido que fortificará e creará em torno d'elle esse estado de espirito fecundo, cuja importancia o Regulamento friza em algumas linhas:

"Acima de tudo, os instructors devem ter confiança em sua missão e estar ardentemente convencidos da possibilidade de obter bons resultados, embora as difficuldades venham ás vezes reduzir o tempo e os meios de que julgavam poder dispôr. Tem obrigação, apesar disso, de empregar, para realizar sua tarefa, todo seu amor proprio e toda a sua capacidade".



Livros á venda na «A Defesa Nacional»

Manobras do Curso de Engenharia da Escola de Armas em Rezende	3\$000
Naando o Crawl Americano — Weissimuller	6\$000
Memento du Chef de Bataillon	10\$000
Tactique et Fonctionnement P. C. — Andriot	10\$000
La Recherche des Renseig	3\$000
Aide memoire du chef de Section d'Infanterie	6\$500
Guide Tactique du Chef de Groupe	3\$500
Manouvre et l'emploi du genie	6\$500

Oriental-o sobre um pequeno posto (arma automatica) perfeitamente balizado, devendo o contacto estabelecido ser conservado até a hora da operação.

A hora mais favorável, é, salvo excepções, um pouco antes do amanhecer. E' indispensavel ver para atacar mas tambem é prudente estar occulto ou desaparecido das vistas no momento em que as silhuetas deixam de ser imprecisas.

Eis os motivos, entre outros, que exigem uma execução breve e rapida, e consequentemente a exclusão dos lerdos, das hesitações, e de contra ordem. Os executantes dum golpe de mão bem conduzidos, visto por aquelles que constituirão sua presa (objectivo), apresentam-se protegidos por uma cortina e, quando os olhos num relance se apercebem e as armas apontam-se, tudo se dissipa, tornando-se silencioso.

As consequencias dos esclarecimentos já expostos podem ser resumidas no seguinte:

- O pessoal do golpe de mão não póde ser constituido pelos recémchegados.
- E' necessario um Cmt. que tenha:
 - tempera,
 - pulso,
 - decisão prompta.

Isto é, um Cmt. que ao occorrer o primeiro incidente não metta os pés pelas mãos.

Este Cmt. que, bem entendido (por ser Cmt.) conhece toda a sua unidade, escolherá mui cuidadosamente o seu pessoal. Sua experiencia e sua prudencia dir-lhe-ão não ser preciso uma fracção constituida, porque esta, natural e forçosamente, comprehende elementos inaproveitaveis. Estes tornarão inevitavel o fracasso da operação.

Tratar-se-á pois de escolher um a um ou esquadra por esquadra (eliminados os suspeitos) de fuzileiros ou volteadores, este ultimo processo offerece a vantagem de manter o conjuncto dos homens que têm o habito de trabalho em commum.

Em seguida, o Cmt. distribuirá as tarefas, com bastante clareza e de accordo com as capacidades. Não convém mostrar-se

avaro neste particular, por ser o golpe de mão uma operação completa cuja engrenagem deve funcionar livremente e com facilidade.

Pedir pois a cada um, acção curta e precisa:

Unidade da Direcção; Divisão de trabalhos.

Trata-se, sem duvida, de fazer funcionar com perfeita argucia, scenas em que cada uma terá seus actores:

- ataque,
- cobertura,
- direcção,
- retrahimento,
- acolhimento, etc.

A concepção variará com as circumstancias e o fim.

O melhor é apresentar um exemplo de **idéa de manobra num caso concreto.**

Seja um golpe de mão de dois pelotões encarregados de envolver uma arma automatica identificada, que não pode ser destruida pelos demais meios.

O Cmt. repartiu suas forças do seguinte modo (detalhe dado no terreno que, conforme nos convencemos, é o melhor e o mais sincero conselheiro e amigo, o qual jamais deixará de exprimir suas indicações, numa linguagem que é preciso comprehender):

- dois G. C. atacam o objectivo (porque um poderá ser detido por uma arma automatica que surja durante a progressão);
- cobertura (um G. C. á direita e outro á esquerda);
- um G. C. de acolhimento e de balizamento de direcção.

Esta ultima precaução é absolutamente indispensavel. Todos aquelles que praticam o golpe de mão, conhecem a difficuldade de reencontrar exactamente (por ser condemnado o tateamento nesta operação) o ponto por onde deverá regressar as linhas, em consequencia da necessidade de fazer face á retaguarda.

O principio consiste em calcular tudo minuciosamente, e para isso, a concepção uma vez estabelecida em suas linhas geraes, exige para o completo preparo da operação a executar, um reconhecimento preliminar do respectivo Cmt. e dos Cmts. de G. C.

Trata-se de vêr, eis porque este reconhecimento far-se-á de dia.

Durante este tempo, demarcar a base da partida (1.^a linha). Prescrever as imprudencias cuja consequencia é divulgação da operação. Ter cuidado com as silhuetas sobre as cristas, ter cuidado com o movimento dos G. C. destinados, si for o caso, a substituir na base de partida os G. C. encarregados, do golpe de mão. Todos esses detalhes são executados sob a vigilancia pessoal do Capitão.

Pensar em reduzir ao minimum (isto é ao imprescindível) a distancia a percorrer. Um percurso de 100 metros, em tal situação, mesmo quando se possui coragem e força de vontade, representam um longo percurso a executar na treva. Installa-se no limite de segurança dos fogos.

O APOIO DE FOGOS

a) ARTILHARIA

Um ou dois minutos antes da hora H: martellada sobre o objectivo. Depois, a partir da hora H, tiros de neutralização mais profundos e mais largos para paralizar as reacções (principalmente das reservas) e emudecer as armas automaticas vizinhas (em largura e em profundidade).

Tiro continuo até ao signal de Infantaria "Acabado". Isto constitue mais uma razão para que o golpe de mão seja rapido.

Tiro cuidadosamente regulado (observador da Artilharia... juxtaposto e á disposição do Cmt. da Infantaria). O menor descuido, nesse particular, fará fracassar a operação.

b) METRALHADORAS:

Um minuto antes de H: rajada sobre o objectivo.

A partir de H: manobra semelhante á preconizada para a Artilharia.

Deve ser observada a mesma posição para não retardar o golpe de mão.

c) ENGENHOS:

Não nos causa admiração que um infante esclarecido, julgue, neste caso particular do golpe de mão, muitas vezes preferível a acção dos engenhos á da artilharia.

Entre outras razões allega-se o seguinte:

A Artilharia fica geralmente distante. Apesar dos destacamentos de ligação a infantaria a sente longe. Acresce ainda ser ella independente do corpo de infantaria; exigindo por isso, uma manipulação mais complicada e mais lenta. Argumenta-se ser necessario passar pela divisão advertindo-se (o golpe de mão é autonomo do começo ao fim) não pode a operação resistir a esta tensão.

Eis ahi uma demonstração clara, sem commentarios, a principal deficiencia da Artilharia, deficiencia que entrava consideravelmente sua acção: distancia kilometrica dobrada pela distancia hierarchica.

Eis ahi onde é preciso um esforço para remediar a questão afim de que a acção seja facilitada.

Ao contrario, os engenhos (morteiros, canhões) então entre as mãos da infantaria por lhe pertecerem organicamente. Os morteiros são tambem possantes e produzem resultados semelhantes aos da artilharia distante.

Ha entretanto uma sombra em quadro tão seductor: o consumo de munição e as possibilidades de remuniamento.

Esta questão constitue um campo aberto ás pesquisas: os engenhos tornam-se rapidamente famintos. Egualmente como o soldado elles só combaterão bem si tiverem o ventre cheio.

Após a exposição acima, resta somente dizer que o apoio pelos engenhos completará aquelle de artilharia.

Execução :

O Cmt. do golpe de mão, vigorosamente assistido pelo Capitão tem um conjuncto de arduas actividades bastantes pesadas:

Acção preparatoria :

- Dispor os meios.
- Balizar a base de partida, muita attenção com os movimentos superfluos.
- Regular a tarefa de cada um (com absoluta precisão para que não haja possibilidades de hesitação).
- A observação sobre a preparação (artilharia, engenhos e metralhadoras).
- Estabelecer um ponto de reunião após o golpe executado.

A t a q u e :

O Cmt. não toma a sua conta uma acção particular. Ao contrario a elle compete superintender o conjuncto; estar attento a tudo; julgar o cumprimento da operação e dar o signal de retrahimento.

Este é executado por todos sem hesitação.

A escolha do signal é uma cousa importante. Sonoro ou luminoso, não deve dar lugar a equívocos, mas deve ser comprehendido e obedecido immediatamente por todos os executantes.

O Cmt. verifica o regresso sobre o ponto de reunião.

Em seguida lança o signal "Acabado".

C o n c l u s ã o .

Tal é a physionomia do golpe de mão; acção de força breve e conduzido por pulso forte.

Sua focalização é extremamente util á instrucção, porque numa operação identica aprende-se a organizar (character cada vez mais importante do combate do futuro) e a aperfeiçoar sensivelmente o golpe de vista.

Evidentemente, o que vem de ser dito tratou-se unicamente de suas linhas geraes. Mas, isso, a nosso vêr, vale muito e é, o sufficiente para ter uma noção sobre o essencial. E' necessario reagir contra as tendencias de fazer tudo segundo um schema, apresentando uma especie de fórmula universal, cujo resultado mais certo será identico ao do offerecimento duma razão para cavallos velhos, onde tudo se confunde; principal e accessorio. Trata-se de: preparar, formar, instruir, pois será desse modo que se conduzirão nossas reservas, isto é, armado no espirito e da fórma desejada. Ninguem está identificado entre aquelles que prepararão ou executarão a guerra.

Eu julgo preferivel uma exposição certa e clara onde, sómente as linhas geraes são postas em relevo. Quanto ao resto ha oportunidade, para cada um, exercitar-se individualmente no proprio local de trabalho corrente.

Por outro lado convém chamar a attenção (porque ha ainda alguns hereticos para os quaes o golpe de mão não constitue a melhor utilidade para se fazer prisioneiros.

O instrumento de fazer prisioneiros é a emboscada, a qual utiliza principios differentes dos empregados pelo golpe de mão. Eis porque constituem duas coisas diversas, que não devem ser confundidas.

As emboscadas agem empregando redes. Ellas são estabelecidas á noite na proporção de 2 ou tres por batalhão. O conjunto forma um grande semi-circulo que se fecha como uma noz.

Ahi a qualidade directriz é a paciencia.

A arte consiste em preparar e esperar que passem as horas; 3, 4, 5 se fôr preciso.

Como o commandante reclamará sempre prisioneiros, Moloch insaciavel, convem, desde que seja possivel estudar os habitos do inimigo: sel-o-á sempre. Esforçar-se-á, em todo o caso, para não se desesperar pois que elle saia em patrulhas.

Aquelles infantes que, no decurso da guerra, experimentaram os respectivos meritos do golpe de mão e da emboscada, não hesitam. O commando commette um erro quando prescreve golpes de mão para fazer prisioneiros, deve apenas determinar que se proporcione a sua ração de prisioneiros. Será melhor servido, porque ficará no seu papel e terá deixado ao subordinado a sua liberdade de acção: educação profissional sempre admittida em theoria, mas muito difficil a se proceder na pratica. E' sempre a mesma historia do fim e do processo.

Qualquer que elle seja, o golpe de mão deve tornar-se, a operação familiar tanto para a activa como para a reserva, e ser conhecida até na ponta dos dedos.

Não ha cousa mais frequente desde que as forças entrem em contacto. Nada realiza melhor o quadro mental tão magistralmente definido pelo G. Q. G. numa correspondencia ao G. A. E. de Julho de 1935.

"Manter a atmospheria moral necessaria para que possam expandir-se todas as energias, todas as iniciativas, todos os devotamentos e todo "savoir faire" mais do que nunca necessarios á guerra".

Acreditar: quando souberem bem conduzir operações como a que tratamos (elles são cerca de uma duzia tendo cada qual o seu caracter proprio), isto é, quando souberdes conceber, montar e ganhar, que estareis em condições de instruir num sentido pratico em tempo de paz e fazer a guerra quando for necessario.

Seria emfim, desejavel que os regulamentos generalizassem este methodo de concretizar, onde as acções de guerra são reguladas, peça por peça e de tal modo que em seguida, podesse-se dizer que ahi se via claro.

Lieutenant Colonel Kuntz

Um exame de recrutas

Em consequencia aos Planos de Exames organizados pelos Cmts. de Corpos (R. I. e B. C.), cabe aos Cmts. de Cia. organizar seus Planos de Execução dos Exames. Esses planos, em que a previsão é levada ao extremo, têm por fim apresentar o **maximo**, da **melhor** maneira, dentro do **tempo** determinado. E' preciso não esquecer que para o exito concorrem, a tropa na **execução**, e mais ainda o commando na direcção. **Mesmo tendo trabalhado todo o Periodo**, deve o Cap. se desdobrar por occasião dos Exames, no elevado intuito de realçar o valor de sua tropa e de se tornar digno do seu Commando.

A respeito dos Exames de Recrutas, tivemos oportunidade de, no 13.º Batalhão de Caçadores com a pratica de dois annos successivos, organizar na 1.ª Companhia, uma documentação cuja publicação nos pareceu util. Esses trabalhos, **são da Companhia**, tendo recebido a collaboração dos subalternos 1.º Ten. **Gutemberg Kleper Ayres de Miranda**, 2.º Ten. da Res. Conv. **Camillo Pereira Baracho** e ulteriormente o Segundo Ten. **Heitor Silveira de Vasconcellos**, daquelle principalmente, a quem se deve a maior parte do Interrogatorio de I. Geral, Vida em Campanha e Organização do Terreno, e o plano de Exames de Technica do Armamento.

Precedendo a documentação da Companhia vem o **Quadro do Tempo**, elemento basico do Plano de Exames organizado pelo Commando do Batalhão, para aquelle anno e que já havia dado os melhores resultados no anno anterior, isto é, em 1934.

Cap. ALCYR D'AVILA MELLO

13.º Batalhão de Caçadores — 1.ª Companhia

EXAME DE RECRUTAS

Anno de instrucção 1935-1936 — Jornada do dia 4 de Novembro
Exame Tactico: Prova collectiva (Pel.) — Prova individual (turmas de 12 homens).

DOC. N.º 1

Horario:

4½ — Alvorada.

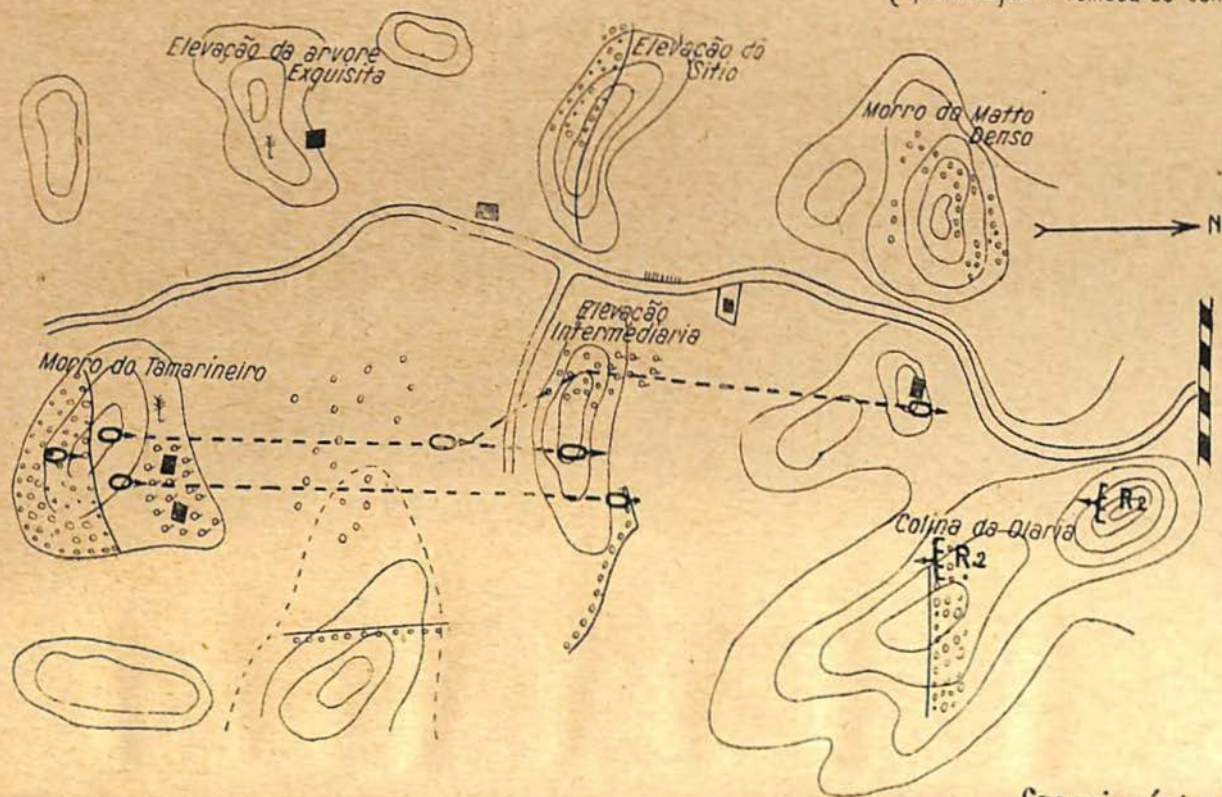
5,00 — Café.

5,15 — Sahida da companhia.

13^a B.C.
1^a Cia

Periodo de Recrutas

Anno de Instrução-1935-1936
EXAME DE RECRUTAS
Aproximação e tomada de contacto



Croquis á vista
ESC. APR. 1/10.000

- 6,00 — Chegada á Colina Intermediaria, tomando a formação em linha de Pelotões por tres, frente para o espigão, os graduados do Pel. do exercicio á direita.
- 6,30 — Escolha pela commissão do Pel. a ser examinado. Enquadramento, deslocamento para a posição inicial do exercicio.
- Divisão do Pel. excedente pelo Ten. Heitor em turmas de 12 homens por altura, que se mantêm na estrada.
- 7,00 — Toque de avançar, signal de inicio do exercicio, dado da Colina Intermediaria.
- 8,00 — Toque de reunir, do mesmo local, signal de fim de exercicio.
- Deslocamento, em consequencia, das turmas de 12 homens, conduzidos pelo Ten. Heitor para a Colina Intermediaria. Apresentação á Commissão.
- 8,5 — Escolha das turmas. Condução para a estrada das turmas excedentes.
- 8,10 — Inicio do exame tactico individual.
- 9,00 — Reunião da Cia. em columna por 3 na estrada. Volta para o quartel sob o commando do Sgt. Baltar.

13.º Batalhão de Caçadores — 1.ª Companhia

EXAME DE RECRUTAS

Anno de instrucção 1935-1936

DOC. N.º 1-A

T H E M A

Situação Geral: —

Um destacamento orienta-se de Sul para o Norte em direcção a Joinville, afim de repellar elementos inimigos que occupam a cidade.

A 1.ª Cia. do 13.º B. C. faz parte da Vg. do destacamento e progride enquadrada, em 1.º escalão — segundo o eixo da estrada do Paraty.

A's 6,40 foi attingida a linha Elevação Redonda-Morro do Tamarineiro.

Linha immediata a attingir — Morro do Matto Denso-Elevação da Casa Vermelha-Colina da Olaria.

O inimigo tem o dominio do ar.

Situação particular: —

Extracto das ordens dadas pelo Cmt. da 1.^a Cia. no Morro do Tamarineiro.

O movimento será retomado ás 7 horas com 2 Pels. em 1.^o escalão, 2.^o á direita, ponto de direcção afastada — arvore copada logo á direita da Casa Branca.

Deverá ser feita uma parada de 5' par reajustamento na Colina Intermediaria, sendo a progressão retomada independente de ordem, pelos Cmts. de Pelotão.

Ligações :

Com a fracção da direita a cargo desta fracção.

Com os elementos da esquerda a cargo da Cia.

Entre os escalões — de reconhecimento e combate — pelos signaes já convencionados.

Trabalhos a executar:

Deslocamento do 2.^o Pel. que se acha articulado na orla da encosta N. da Elevação do Tamarineiro, até a nova linha.

DOC. N.^o 1-B.

A) — Aspectos geraes que devem ser observados no movimento:

1.^a PHASE: —

Approximação — Morro do Tamarineiro — Colina Intermediaria. Deslocamento dos elementos de 1.^o escalão atravéz um terreno desprovido de organizações.

Travessia de zona batidas pela artilharia e infeccionada de gazes.

Reconhecimento dos pontos perigosos.

2.^a PHASE: —

Tomada de contacto: — Colina Intermediaria em diante.

Encontro das primeiras resistencias. Infiltração. Abertura do fogo — Escolha dos itinerarios não batidos.

B) — Aspectos particulares:

INCIDENTES	ESTUDO VISADO
<p>1) — Quando o G. C. da esquerda do 2.º Pel. transpõe a baixada entre o morro do Tamarineiro e a Colina Intermediária fica sujeito a um bombardeio de projectis tóxicos o que determina o emprego da máscara e a travessia violenta da zona perigosa.</p>	<p>Conducta dos homens do G. C. da direita na travessia de uma zona perigosa.</p>
<p>2) — Quando os 2 G. C. tenta ultrapassar a crista da Colina Intermediária, ficam sujeitos aos fogos de 2 armas automaticas inimigas — uma proxima á Casa Branca da colina da Olaria, e entra na Elevação da Clareira, e em consequencia impossibilitados de progredir.</p>	<p>Conducta das esquadras de volteadores. Abertura do fogo do F.M.H. Eventualmente tiro dos volteadores.</p>
<p>3) — Em face do incidente 2, o Cmt. do Pel. resolve empregar o seu G. C. de 2.º escalão pela esquerda, com a missão de attingir a elevação da Casa Vermelha — de maneira a levar o fogo sobre o flanco do inimigo.</p>	<p>Deslocamento do G. C. de 2.º escalão até a crista da elevação Intermediária. Infiltração até a elevação da Casa Vermelha.</p>
<p>4) — A manobra do G. C. do 2.º escalão determina o retrahimento da resistencia da Colina da Olaria o que permite a progressão do G. C. da direita.</p>	<p>Reinício da progressão do G. C. da direita.</p>
<p>5) — Quando o G. C. da direita inicia o seu movimento, surge um avião inimigo voando baixo.</p>	<p>Conducta dos homens na protecção contra aviões voando baixo.</p>

DOC. N.º 1-C.

CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO**A) — Commandos:**

Director do Exercício — O Cmt. da Cia.

Cmt. do Pel. do Exerc. — 2.º Ten. Baracho.

Cmt.s do G. C. do Exerc. — Sgt. Quentin — 1.os cabos: Ca-
loca e Bruno.

Sgt. Auxiliar Pel, do exercício — Sgt. Salves.

Chefe da figuração inimiga: — Sgt. Baltar .

B) — Código de signaes:Início, reinício, interrupção e fim do exercício — Os toques
habituaes nos exercícios da Companhia.

A reunião final se fará na Colina Intermediaria.

C) — Código de Figuração dos fogos:

Fogos de artilharia — Bombas chilenas.

A representação de gases toxicos será feita a titulo de expe-
riencia, com pannos embebidos em oleos e anti-oxido.Fogos de infantaria — Afim de evitar enganos na direcção
dos tiros inimigos, será adoptado o mesmo processo dos exercícios
anteriores, isto é uma bandeirola ficará na posição da arma e outra
na direcção em que esta deve atirar.

Apparecimento do avião — Rufo prolongado de tambor.

D) — Elementos auxiliares á disposição do director do exercício:

1 corneteiro,

1 tambor,

1 estafeta a cavallo.

DOC. N.º 1-D

FIGURAÇÃO INIMIGA :

Chefe Sgt. Baltar

A — INFANTARIA:**Pessoal: —**

Cabo Milton.

Sds. Lucio, Cani, Floriano e D'Avila.

Material:

2 F. M. H. com dois bornaes.

3 carregadores por F. M. H.

5 bandeirolas; 3 vermelhas e 2 amarellas.

Posições — R-1 :

Na região da casa branca da colina de Olaria.

R - 2 :

Na região da clareira da elevação que tem este nome.

Missões :

- a) Deter qualquer elemento inimigo que surja na orla do capão do sopé da Colina Intermediária (R-1) e na crista da encosta E desta elevação (R-2).
- b) A resistência R-1 deve retrahir logo que sinta seu flanco ameaçado pela infiltração de elementos inimigos.

B — ARTILHARIA:**Pessoaol :**

Cabo Azevedo e sd. Tigre.

Material:

10 bombas.

O material em experiencia para a representação dos projectis toxicos.

Posição:

Na baixada entre o Morro do Tamarineiro e a Colina Intermediária.

Missões :

- a) Funcionar o dispositivo desde que sinta a aproximação dos elementos do Pel. de exercicio .
- b) Cessar logo após passados os elementos de 1.º escalão.
- c) Só se retirar com o toque de fim de exercicio

C — AVIAÇÃO:

Será feita directamente pelo director do exercicio.

DOC. N.º 1-E.

EXAME TACTICO INDIVIDUAL**1.ª TURMA:****Mandar:**

- 1 — 1 homem designar um objectivo.
- 2 — 1 outro homem designar o mesmo objectivo de maneira diferente.
- 3 — 1 homem mostrar uma orla de matto.
- 4 — 1 homem mostrar um terreno sujo.
- 5 — 1 homem mostrar um terreno limpo.

- 6 — 4 homens escolherem uma posição para observar uma crista.

Perguntar :

- 1 — A que distancia emprega o tiro do Fuzil Mauser ?
- 2 — Que pergunta faz antes de dar um lanço ?
- 3 — Como a sentinella detem qualquer individuo que tente entrar pela L. V. ?
- 4 — A que condições deve satisfazer uma boa posição de tiro ?
- 5 — Até que distancia atira com o F. M. H. ?
- 6 — Qual a importancia militar de 1 arvore isolada, ponte, 1 poste ou de uma elevação ?

TURMA:

Mandar :

- 1 — 1 homem orientar-se.
- 2 — 1 homem tomar posição para atirar com o boccal.
- 3 — 1 homem mostrar o que é um angulo morto.
- 4 — 1 homem mostrar por onde, em determinado sector, podia surgir o inimigo.
- 5 — 5 homens escolherem uma posição para atirar na direcção da cota 60.

Perguntar:

- 1 — A que distancia lança no combate a granada de Fz. e qual o seu raio de acção ?
- 2 — O que é o homem que atira sem visar o objectivo ?
- 3 — Como procede o Vol. de uma patrulha ao fazer um prisioneiro ou encontrar um ferido ?
- 4 — Como procede a sentinella que não é obedecida á voz de fazer alto ?
- 5 — Como procede o vol. para atravessar uma zona batida pela Art.
- 6 — Como atirar em um objectivo que apparece e desaparece no mesmo lugar ?

TURMA:

Mandar:

- 1 — 1 homem transmittir uma ordem.
- 2 — 1 homem cobrir-se contra o avião.
- 3 — 1 homem fazer alguns signaes utilizados pela patrulha.

- 4 — 1 homem mostrar como se amarra o F. M. H. para o tiro á noite.
- 5 — 3 homens progredirem em direcção á cota 60 a coberto das vistas.

Perguntar:

- 1 — A que distancia lança no combate a granada defensiva e qual o seu raio de acção ?
- 2 — A que distancia lança no combate a granada offensiva e qual o seu raio de acção ?
- 3 — Quando é que a sentinella atira ?
- 4 — O que faz o volteador que, abrigado, vê um soldado inimigo voltar correndo em direcção opposta á que vinha progredindo ?
- 5 — Qual a phase decisiva do combate ?
- 6 — Como se atira sobre um grupo que progride ?

Mandar:

A turma toda cobrir-se das vistas de um avião que se aproxima.

EXAME DE RECRUTAS

Anno de 1935.

Jornada do dia 6 de Novembro.

Ordem Unida (individual e collectiva)

Technica do Armamento (collectiva).

13.º Batalhão de Caçadores — 1.ª Companhia

DOC. N.º 2.

Horario:

Manhã:

6,45 — Formatura da Cia. para o exame de Educação Physica.

Uniforme: Calção de gymnastica.

7,50 — Apresentação da Cia.

Tarde:

13,00 — Formatura na entrada da Garage, por Pelotões de 36 homens e por altura. Uniforme verde-oliva, cinturão e capacete.

- 13,25 — Sahida da Cia. sob o commando do Ten. Heitor, em direcção ao Pateo.
- 13,30 — Apresentação á commissão.
Exercicio de immobildade de 2 minutos.
Escolha pela commissão das 3 turmas de 12 homens e do Pel. — Conducção dos Pels. excedentes pelo Ten. Baracho, para o local do exame de technica de armamento.
- 13,40 — Inicio do exame de Ordem Unida (prova individual).
- 13,55 — Inicio do exame de Ordem Unida (prova collectiva).
- 14,05 — Escolha das turmas para o exame de technica do armamento.
- 14,10 — Inicio do exame de Technica do armamento (prova collectiva).
- 14,30 — Terminação dos exames da jornada.
Reunião da Cia. para a entrega do material.

DOC. N. 2-A.

PLANO PARA O EXAME DE ORDEM UNIDA:

A) — Prova individual:

- 13,40 - 13,48 — 1.^a Turma escolhida.
13,48 - 13,55 — 2.^a Turma escolhida.
Trabalho a ser executado:
Disponer os homens em columna por tres.

Commandar:

Sentido. Descançar. Sentido. (pausa). Descançar. (pausa).
Hombro arma. Descançar arma. Hombro arma. Descançar arma. Apresentar arma. Descançar arma. Apresentar arma.
Hombro arma. Descançar arma. (pausa). Direit volver. Esquerda volver. Meia volta volver. Direita volver. Oitava á direita volver. Oitava á esquerda volver. (pausa).
Alongar bandoleira. Em bandoleira arma. Descançar arma. Encurtar bandoleira. (pausa).
Arma suspensa ordinario marche. Alto. (pausa).
Armar baioneta. Desarmar baioneta. (pausa).
Ordinario marche. Marcar passo. Em frente. Alto (pausa).
Acelerado marche. Alto. Acelerado marche. Alto. (pausa).
Ordinario marche. Acelerado marche. Alto. (pausa).
Acelerado marche. Ordinario marche. Alto. (pausa).

Ordinario marche. Direita volver. Esquerda volver. Alto (pausa). Ordinario marche. Meia volta volver. Olhar á direita. Olhar frente. Olhar á esquerda. Olhar frente. Alto (pausa) Fóra de forma marche. Em forma.

B) — Prova collectiva:

13,55 - 14,05 — Pelotão escolhido.

Commandar:

Trabalho a ser executado:

Iniciar com o Pel. em columna por tres.

Cobrir. Firme. Pela direita perfilar. Firme. Sem intervallo pela esquerda perfilar. Firme.

Ensarihar arma. Fóra de forma marche. Em forma.

Columna por um, marche. Columna por 2 marche. Alto. Direita volver. Em funeral, preparar, carregar, apontar, fogo. Esquerda volver. Ordinario marche. Columna por um marche. Columna por tres marche. Direcção á direita marche. Em frente. Direcção á esquerda marche. Em frente. Sem cadencia, marche. Passo de estrada marche. Ordinario marche. Alto (pausa)

Em seguida: Começar os commands da prova individual na mesma ordem.

DOC. N.º 2-B.

PLANO PARA O EXAME DE TECHNICA DO ARMAMENTO:

Prova collectiva

14,10 - 14,17 — 1.ª Esquadra escolhida.

14,20 - 14,27 — 2.ª " "

14,30 - 14,37 — 3.ª " "

Trabalho a ser executado de cada vez :

Disponer a esquadra em posição, frente para o barranco do stand interno.

Commandar:

Rajadas de 4 a 5 tiros.

Alça... (tanto).

Objectivo... (tal).

Começar o fogo.

Suspender o fogo.

Fogo.

Cessar o fogo.

Admittir morto o fuzileiro metralhador.
Admittir morto logo em seguida o 2.º municiaador.
Admittir um incidente de tiro (insufficiencia de gazes, corpo extranho na mortagem, cartucho não extrahido).
Admittir incidentes com a arma (quebra da mola do gatilho).
Fazer tomar a posição do tiro em marcha.
Admittir a perda dos pés, no momento do lanço.
Admittir necessidades de remuniciamento.
Admittir perigo eminente num flanco.
Admittir mortos todos os homens da esquadra menos um.
Em seguida, admittir a necessidade de abandono da posição por falta de munição e envolvimento inimigo, sendo impossivel o transporte do F. M. H. (ferimento num braço).

13.º Batalhão de Caçadores — 1.ª Companhia

EXAME DE RECRUTAS

Anno de 1935.

Jornada do dia 7 de Novembro.

Maneabilidade.

Organização do Terreno.

Technica do armamento.

I. Geral, Vida em Campanha, Organização do Terreno.

Em 7-11-1935.

DOC. N.º 3.

Horario:

Manhã :

5,00 — Alvorada.

5,30 — Café

6,15 — Sahida da Cia.

6,30 — Chegada no Campo do Fischer, divisão em Pels. graduados do Pel. do exercicio á direita.

Retirada dos graduados designados para os trabalhos de organização do terreno.

6,45 — Escolha pela commissão do Pel. do exercicio.

7,00 — Inicio do exame de maneabilidade (prova individual).

7,30 — Collocação do Pelotão escolhido para a maneabilidade (prova collectiva).

Conducção do resto da Cia., para o local da organização do terreno.

- 8,35 — Início do exame de maneabilidade (prova colectiva).
- 8,10 — Escolha das turmas de 12 homens para o exame do R. O. T.
- 8,15 — Início do exame de organização do terreno.
- 9,00 — Terminação dos exames.

Tarde :

- 13,20 — Formatura da Cia. no pateo por altura, divisão em turmas de 12 homens.
- 13,30 — Início do Exame de technica do armamento (lançamento de granadas) com 3 turmas escolhidas. — Ten. Baracho.
Conducção do resto da Cia. para o alojamento.
- 13,55 — Continuação do exame de technica do armamento (nomenclatura, desmontagem e montagem) — Ten. Heitor.
- 14,55 — Collocação da Cia. em forma. Separação do terço a ser examinado.
- 15,00 — Início do exame de Instrução Geral., R. O. T. e serviço em Campanha.
- 17,00 — Terminação dos exames.
Preparativos para a marcha do dia seguinte.

DOC. N.º 3-A.

PLANO PARA O EXAME DE MANEABILIDADE

Horario:

- 7,00 - 7,10 — 1.ª Turma.
- 7,10 - 7,20 — 2.ª "
- 7,20 - 7,30 — 3.ª "

Trabalho a ser executado pelas turmas de cada vez:

- 1 — Collocar a turma em linha em uma fileira.
- 2 — Commandar:
 - Preparar para o combate.
 - Sem cadencia marche.
 - Alto.
 - Rastejar.
 - Alto.
 - Rastejar por outro processo.
 - Homem a homem por lanço até tal ponto. Marche-marche!
- 3 — Commandar :
 - Fogo á vontade.

- Alça tanto.
- Objectivo tal. Começar o fogo.
- Suspende fogo.
- Começar o fogo.
- Cessar fogo.
- c —
- Alça tanto.
- Objectivo tal.
- Começar fogo.
- Cessar fogo.

DOC. N.º 3 - C.

PLANO PARA O EXAME DE ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

Horario:

8,15 ás 9.

Trabalho a executar:

- 1.ª Turma escolhida — Construcção da trincheira c/ espaldão
- Demarcação.
- 2.ª Turma escolhida — Construcção da communicacão enter-
rada — Divisão em turmas e execução do trabalho.
Chefe das turmas — Sgt. Dominomi.
Substituto auxiliar — Cabo Ruy.
- 3.ª Turma escolhida — Construcção da caniçada — Divisão em
turmas.
- 4.ª Turma escolhida — Construcção do cestão e da faxina
- Execução.
Chefe de turmas — Sgt. Quantin.
Substituto auxiliar — 1.º Cabo Carioca.
- 5.ª Turma escolhida e
- 6.ª Turma escolhida: — Construcção de um trecho de rêde de
arame farpado. (rede normal). — Divisão das turmas. — Execução.
Chefe das turmas — Sgt. Salves.
Substituto auxiliar — Cabo Pereira.
- 7.ª Turma escolhida: Construcção de padiola — Divisão das
turmas.
Construcção de uma privada — Execução.
Chefe das turmas — Sgt. Alipio.
Substituto auxiliar — 1.º Cabo Bruno.
Observações — Admitte-se feito o preparo do material para a
construcção dos trabalhos (estacas, caras, etc.).

DOC. N.º 3-B

PLANO PARA O EXAME DE MANEABILIDADE - Prova colectiva

Tomar a formação em columna por 3
Sem cadencia marche.
Passar para a formação por G. C. juxta-
postos.

Alto. Sem cadencia, marche.

Passar para a form. em triangulo, 1 G.C. na frente.

Alto. Rastejando. Frente para a retaguarda.

Preparar para o combate.

Passar para a formação em triangulo com 2 G. C. á frente, todos com os volteadores na testa e desenvolvidos. Alto.

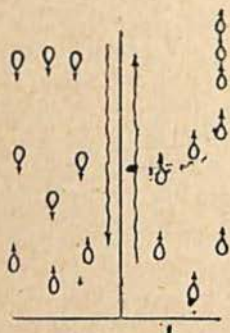
3.º G. C. — Executa um lanço até tal ponto.

2.º G. C. — Executa um lanço por esquadras até tal ponto.

1.º G. C. — Executa um lanço de homem a homem até tal ponto.

Grupo Extra — Acompanha o deslocamento do 2.º G. C. (20 metros á retaguarda).

Grupos — Rastejando. Frente para a retaguarda.



Sem cadencia marche. Dir. á direita marche. Columna por 3 marche.

Alto.

Passar para a formação por G. C. successivos.

Passar para a formação em escalão.

Sem cadencia marche.

PELOTÃO REUNIR!

3.º e 2.º G. C. Por lanço até tal ponto Marche-Marche.

Em linha para o assalto.

3.º e 2.º G. C. Cessar fogo. Preparar para partir.

Granadeiros — Em posição em tal ponto

1.º G. C. — Desloque-se até tal ponto.

Tomando a formação em esquadras juxta-postas, ambas desenvolvidas.

3.º G. C. — Entre e mposição em tal ponto. Alça tanto. Abra o fogo.

2.º G. C. Entre em posição em tal ponto. Alça tanto. Abra o fogo.

Pelotão alto.

Sem cadencia marche.

INTERROGATORIO DE I. GERAL, VIDA EM CAMPANHA E
O. TERRENO

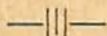
- 1 — Quando é que uma tropa está acampada ?
Quantos homens tem um G. C. ?
Dizer quaes os castigos que os soldados podem ter.
Quaes os principaes deveres no combate ?
- 2 — Quando é que uma tropa está acantonada ?
Quantas esquadras tem 1 G. C. e quaes são ?
Mostrar os distinctivos das differents armas.
Que fazer quando o chefe foi ferido ? Na defesa, no ataque ?
- 3 — Quando é que uma tropa está bivacada ?
Quantos G. C. tem um pelotão ?
Quaes as armas em que se divide o Exercito ?
Pode-se pretextar a morte ou o ferimento do chefe para retrair ?
- 4 — O que é alto horario ?
Quem commanda o G. C. e as esquadras ?
Quaes as cores da Bandeira e o que representam ?
Pode-se abandonar o corpo dum official morto ou ferido ?
- 5 — O que é grande alto ?
Quantos Pelotões tem uma Cia. ?
Quaes os cuidados que o soldado deve ter com o uniforme ?
Como é organizado o commando quando uma tropa perde o seu chefe ? Seus graduados ?
- 6 — Como se chama a tropa que faz a segurança em marcha ?
Quantas Cias. tem um Btl. ?
Quaes os cuidados que o soldado deve ter no alojamento ?
Como se deve agir no caso de mistura de unidade ?
- 7 — O que é vanguarda ?
Quem commanda um Btl., uma Cia. e um Pelotão ?
Quaes os procedimentos que o soldado deve ter no rancho ?
Qual deve ser o pensamento constante do soldado na 1.^a linha ?
- 8 — O que é flanco-guarda ?
Citar algumas Regiões Militares.
Quaes os deveres do plantão durante o dia ?
Póde-se falar ao inimigo ? (Só por meio do fuzil).
- 9 — O que é retaguarda ?
Dar a hierarchia do soldado ao aspirante.
Quaes são os deveres do reservista ?

- Que é o homem que atira sem visar ?
- 10 — Dizer algumas regras da disciplina de marcha.
Dar a hierarchia do aspirante ao marechal.
Quando é que o soldado passa a ser desertor ?
Deve-se esperar ordem para avançar quando uma occasião se apresenta ?
- 11 — Dizer algumas prescripções hygienicas durante o estacionamento.
Mandar localizar um corpo de Infantaria.
Quando é que o soldado passa a ausente ?
Pode-se render deante da ameaça de abordagem ou de envolvimento ?
- 12 — Em que condições se pode conduzir a arma no passo de estrada ?
Dizer o nome do presidente da Republica.
Que acontece e como se chama o sorteado que não se apresenta ?
Que se deve fazer com os soldados que falam em rendição ?
- 13 — Quaes são as liberdades permittidas em passo de estrada ?
Dizer o nome e posto do ministro da Guerra.
Como deve proceder o soldado que fica doente em casa ?
Que pensar do soldado que procura uma occasião para cahir prisioneiro ou se mutilar ?
- 14 — Que deve fazer o soldado que foi mandado á retaguarda ?
Como procede, necessitando sahír de forma durante a marcha ?
Dizer o nome e posto do Cmt. do 13.º B. C.
Como procede o soldado para falar ao Cmt. do Btl. ?
- 15 — Como se procede ao fazer o alto horario ?
Dizer o nome e posto do sub-cmt. do Btl.
Quaes os cuidados para proteger e conservar o seu armamento ?
Que deve fazer o soldado que se perdeu no combate ?
- 16 — Como se procede ao ouvir o apito para entrar em forma durante a marcha ?
Dizer o nome e posto do Ajudante do B. C.
Quaes as preoccupações do plantão durante a noite ?
Que fazer com o soldado ferido ?
- 17 — O que se deve preparar e cuidar no dia anterior ao das marchas ?
Dizer o nome e posto do Cmt. da Cia.

- Quaes são os deveres do soldado de guarda no quartel ?
Que fazer com as cartas recebidas ?
- 18 — O que é prohibido fazer durante o descanso do alto horario ?
Dizer o nome e posto dos subalternos da Cia.
Dizer alguns casos em que o sorteado é dispensado de prestar serviço militar.
Que preocupações tomar na conversação com pessoas estranhas em licença ?
- 19 — O que fazer com o resto da comida no estacionamento ?
Em quantas Regiões Militares se divide o Brasil ?
Citar alguns crimes militares.
Como evitar as indiscrições na correspondencia ?
- 20 — Quantos kilometros marcha por hora a infantaria ?
Que tem mais o Btl., além das Cias. ?
Quaes são as condições exigidas para um soldado engajar ?
Qual a conducta a manter em caso de ter sido feito prisioneiro ?
- 21 — O que é continencia ?
O que é uma trincheira ?
Quem descobriu o Brasil ?
Qual a conducta do Ag. de transmissão portador de um despacho ao ser ferido ? Ao ser feito prisioneiro ?
- 22 — Quem tem direito a continencia ?
Qual a largura e profundidade da trincheira ?
Qual foi o dia e anno da descoberta do Brasil ?
Qual sua velocidade no despacho ordinario, no urgente e no urgentissimo ?
- 23 — Quem tem direito a continencia parada ?
O que é uma comunicação enterrada ?
Quantos Estados tem o Brasil ?
De quantas maneiras póde ser transportada uma tropa ?
- 24 — A quantos passos se faz a continencia ?
Qual a largura e profundidade da comunicação enterrada ?
Dizer alguns vultos militares importantes.
Que é senha e contra-senha ?
- 25 — A quantos passos se desfaz a continencia ?
O que é um abrigo individual ?
Dizer a superficie e população approximada do Brasil.
O que é vigia ?
- 26 — A quantos passos se pára, para fazer continencia á Bandeira ou a um general ?

- Dizer algumas datas militares.
Dar exemplo differenciando obstaculos artificiaes e naturais
- Qual é a velocidade da marcha á noite ?
- 27 — Como procede a sentinella descoberta para fazer a continencia ?
Dizer as obras de fachina.
Qual foi a maior guerra externa do Brasil ?
Como em marcha de estrada de fogue do avião ?
- 28 — Como se procede encontrando um superior ao qual se fez a continencia no dia ?
Dizer o que é, e para que serve o cestão ?
Quem fez o Brasil ficar independente ?
Como se usa o pacote de curativo individual ?
- 29 — Como procede encontrando um superior n'uma escada ?
Dizer o que é e para que serve a cançada.
Dizer alguns Estados e suas capitais.
Quando se usa a ração de reserva ?
- 30 — Como procede encontrando um superior num estabelecimento qualquer ?
Dizer o que é e para que serve a fachina ?
Dizer qual é e onde fica a capital do Brasil.
Como se executam as marchas forçadas, augmentando a velocidade ou o numero de horas ?
- 31 — Como procede para sentar em um vehiculo vasio ?
Como se divide a ferramenta de sapa ?
Como se divide a ferramenta portatil ?
Qual a differença entre mensageiro e estafeta ?
- 32 — Como se procede para sentar em um só logar e na frente ter um superior ?
Como se procede quando, indo pela calçada encontrar um superior ?
O que é espaldão ?
Quantos tiros o volteador leva na sua cartucheira ?
Oque significam as cores da nossa Bandeira ?
- 33 — Como se procede sendo chamado por um superior ?
Qual a ferramenta de terraplenagem ?
O que é uma defesa accessoria ?
Quaes os vencimentos de uma praça em tempo de paz ?
Qual o nome do Cmt. da Brigada ?

- 34 — Como se procede para fazer a continencia estando em um vehiculo em movimento ?
Como se procede para descer de um vehiculo encontrando um superior que quer entrar ?
Quaes os vencimentos de uma praça em tempo de guerra ?
Qual é a ferramenta de destruição ?
Qual é o nome do Cmt. da Região ?
- 35 — Como se procede para fazer a continencia estando com ambas as mãos occupadas ?
Qual a differença entre communicação enterrada e trincheira ?
Quaes as preoccupações na construcção de um abrigo individual ?
Qual é o nome do presidente da Republica ?
- 36 — Como se procede para fazer a continencia, quando marcha no mesmo sentido do superior ultrapassando-o ?
Como a sentinella coberta faz a continencia depois das 18 horas ?
Qual a utilidade de cada uma das ferramentas conduzidas pelos homens do G. C. ?
Qual a duração do serviço Militar ?
- 37 — Como procede o plantão que vê um official entrar depois das 22 horas ?
Dizer os obstaculos que conhece.
Mostrar varias continencias erradas e fazer a correcta.
O que é o insubmisso ?



A' venda na "A Defesa Nacional"

Quadros Muraes

do Dr. Carlos Alberto Gonçalves

O Brasil com todos os seus productos

Auxiliar poderoso da instrucção geral

Preço: 25\$000

A Instrucção da Secção de Metralhadoras

Algumas Fichas

1.º Ten. André Fernandes de Souza

(ESCOLA DA PEÇA DE MTRS. P.)

Assumppto: Maneabilidade da Peça de Mtrs. P.: reunião, passagem de uma formação á outra, deslocamentos.

Fim: A) ensinar ao commandante da Peça a commandal-a, a executar commandos sem hesitação e habitual-o a tomar decisões rapidas, nos movimentos que terá de executar na marcha para o combate; B) habituar os homens a uma execução rapida, ordenada e methodica.

Pessoal e material: Uma peça de Mtr. P. e mais o armeiro da Sec.

Duração: Sessões de 30 a 50 minutos.

Local: Terreno limpo nas primeiras sessões; variado nas sessões posteriores.

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
I — A Peça, como mtaerial carregado, o instructor commandará: “ <i>Frente para tal ponto — Columna por um</i> ”.	I — Ao commando, o cabo volta á frente indicada e a Peça virá formar á sua retaguarda, em columna por um. E’ esta a formação normal de reunião e marcha.
II — Estando a Peça em Columna por um, o instructor commandará: “ <i>Sem cadencia — Marche</i> ” e em seguida: “ <i>Em linha — Cargueiros á direita — Marche</i> ”.	II — a) Para passar de uma formação a outra, põe-se, previamente, a Peça em movimento; b) — ao commando: “ <i>Em linha — Cargueiros á direita — Marche</i> ”, — o cabo continua a marcha:

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
	— os cargueiros, tomando a formação em linha, veem se collocar á direita do cabo.
III — A Peça em linha e em manobra, o instructor commandará: <i>“Columna por um — Marche”</i>	III — Para tomar a formação indicada, o cabo continúa a marcha; — os cargueiros veem se collocar á sua retaguarda, em columna por um.
IV — A Peça em columna por um e em marcha: commandar: <i>“A tantos passos — abrir distancia entre os cargueiros — Marche”</i> .	IV — Ao commando dado: — o cabo e o 1. ^o cargueiro (peça) continuam a marcha; — os demais cargueiros retardam o passo, até que entre todos haja uma distancia igual ao numero de passos mencionados na voz de commando.
V — A Peça na formação do item IV, commandar: <i>“A tantos passos — Cerrar distancia entre os cargueiros — Marche”</i> .	V — A este commando: — o cabo e o 1. ^o cargueiro continuam a marcha, retardando o passo se for isto necessario; — os demais cargueiros apressam o passo até que a distancia entre todos seja igual ao numero de passos mencionados na voz de commando.
VI — A Peça em columna por um, commandar: <i>“Em linha — Cargueiros á esquerda — Marche”</i> .	VI — Proceder aanlogo ao item III, indo agora os cargueiros se collocar á esquerda do cabo.

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>VII — A Peça na formação do item VI, commandar successivamente:</p> <p><i>“A tantos passos — abrir intervallo entre os cargueiros — Marche”.</i></p> <p><i>“A tantos passos — Cerrar intervallo entre os cargueiros — Marche”.</i></p>	<p>VII — O cabo e o cargueiro-peça continuam a marcha;</p> <p>— os demais cargueiros se afastam (ou correm, conforme o caso) até que entre todos haja o intervallo mencionado na voz de commando.</p>
<p>VIII — A Peça em qualquer formação, commandar:</p> <p><i>Peça — Marche-Marche”</i></p> <p>e em seguida:</p> <p><i>“Alto” ou “Sem cadencia — Marche”.</i></p>	<p>VIII — A Peça se deslocará toda de uma vez, os animaes ao trote largo.</p> <p>Attingida a méta do movimento, fará alto ou continuará a marcha, conforme o caso.</p>
<p>IX — A Peça em uma formação qualquer, commandar:</p> <p><i>“Até tal ponto — Peça — por cargueiro — Marche ou Marche-Marche”.</i></p>	<p>IX — O movimento será iniciado pelo cabo e pelo cargueiro peça, salvo se for indicado o contrário, e os demais cargueiros partirão, successivamente, á medida que o precedente haja alcançado o local indicado. Uma vez attingido esse local a Peça fará alto ou continuará a marcha.</p>
<p>X — O instructor fará o revesamento dos alumnos nas diferentes funcções dos serventes e exercital-os-á no commando da Peça.</p>	<p>X — Em resumo:</p> <p>a) para a Peça tomar uma formação qualquer, o commando será a indicação da formação que se quizer, succedido da voz de execução: <i>“Marche”.</i></p> <p>b) para se alterar a distancia ou o intervallo entre os cargueiros, qualquer que seja o espaço a que estiverem, o comman-</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
	<p>do constará da indicação da distancia ou intervallo a que elles devem ficar, seguida da voz de execução: "Marche".</p> <p>c) os deslocamentos rapidos (lanços) podem ser executados por toda a Peça de uma vez ou cargueiro a cargueiro. Em ambos os casos, o commando comportará a indicação da velocidade a ser empregada, precedida, quando necessario, da do ponto a ser attingido (itens VIII E IX).</p>

Assumppto: Maneabilidade da Peça (material descarregado) — descarregamento; entrada em posição; mudança de posição.

Fim: — A) ensinar ao commandante da Peça a commandal-a, a executar commandos sem hesitação e habitual-o a tomar decisões rapidas nos movimentos preparatorios para a execução do fogo; B) treinar os demais serventes nos movimentos necessarios ao descarregamento e transporte do material, entrada em posição e mudança de posição.

Pessoal e material: Uma peça de Mtrs. P. e mais o armeiro da Sec.

Duração — Sessões de 30 a 50 minutos. (Em cada sessão será executado parte do assumpto constante desta ficha).

Local — Terreno variado.

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>I — A Peça parada, em uma formação qualquer. commandar: "Descarregar para transportar — Material em tal ponto".</p>	<p>I — A este commando:</p> <p>a) — os homens do Gr, de Tiro desequipam; elles e os renunciadores collocam a arma a tiracolo, se estiverem armados de fuzil ou mosquetão;</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
	<p>b) — os serventes descarregam o material;</p> <p>— o chefe de peça retira o cofre de accessorios e sobresalentes;</p> <p>— o atirador retira a metralhadora;</p> <p>— o 1.º municizador retira o reparo;</p> <p>— o 2.º municizador e os dois remuniciadores cada um retiram dois cofres de munição do 2.º cargueiro;</p> <p>— o armeiro retira o cano sobresalente.</p> <p>c) — Conduzem o material descarregado para a posição indicada;</p> <p>d) — o armeiro entrega, então ao atirador, as luvas e espaldeiras e ao cabo o corrector de pontaria para o tiro contra avião;</p> <p>c) — collocam as mochilas individuaes sobre os cargueiros: o cabo e o atirador, sobre o 1.º cargueiro: os municizadores sobre o 2.º cargueiro.</p> <p>A) O local onde foi descarregado o material chama-se <i>Posição de descarregamento</i>.</p> <p>B) — O local onde foi collocado o material chama-se <i>Posição de Abrigo</i>.</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>II — A Peça com o material dos dois primeiros cargueiros descarregado, commandar: <i>“Sem cadencia — Marche”</i></p>	<p>II — Os serventes transportando o material que descarregaram (o cabo com o corrector de pontaria no bernal), marcham em columna por um, atraz do cabo e a 2 passos de distancia uns dos outros, todos aproveitando o terreno, procuram se furtar ás vistas.</p>
<p>III — A Peça (excepto os conductores e cargueiros), em marcha, a guarnição transportando o material (Item II), com mandar; alternadamente: <i>“Alto”</i> <i>“Sem cadencia — Marche”</i>.</p>	<p>III — Quando o material é transportado pela guarnição do abrigo, em posição do abrigo, aproveitando, assim, as cobertas para proporcionar um pequeno repouso aos serventes.</p>
<p>IV — A Peça (excepto os conductores e cargueiros) em uma posição do abrigo, ordem aos remuniadores: <i>“Em tal ponta — Organizar o deposito de munição”</i>.</p>	<p>IV — a) — os remuniadores, o armeiro se dirigem ao local indicado e desequipam; b) — um delles (o 2.^o) e o armeiro procurarão, com o auxilio da ferramenta, arranjar um abrigo; c) — o outro remuniador, conduzindo dois cofres de munição, acompanhará o Gr. de Tiro.</p>
<p>V — Grupo de Tiro e um remuniador, com o material numa posição do abrigo, commandar: <i>“Preparar para o tiro — reparo alto!”</i> (<i>intermediario — baixo</i>).</p>	<p>V — A este commando: a) — o 1.^o muniador verifica a posição do parafuso de elevação, desdobra o reparo, colloca-o na posição indicada, abre as sobre-munhoneiras e limpa as munhoneiras;</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>VI — A Peça numa posição de abrigo, após haver <i>preparado para o tiro</i>;</p> <p>a) Ordem: “Peça em tal ponto — Frente para tal ponto”.</p> <p>b) <i>Indicações</i>: “Alça tantos metros — Objectivo tal”.</p>	<p>b) — o atirador retira a metralhadora da capa e colloca-a sobre este; verifica se o punho da chaveta do cano está para a frente; engatilha-a; examina com a vareta se o cano e a camara estão limpos; lubrifica o interior da caixa da culatra (colloca a arma sobre o reparo e retira a tampa e o receptor, se fôr necessario) e as peças ligadas a arvore; examina o funcionamento do mecanismo da culatra e do alimentador; dando dois ou trez golpes de segurança.</p> <p>c) — o chefe de Peça verifica o conjuncto dessas operações e, com especial attenção, a posição do regulador.</p>
<p>VII — A peça na posição do abrigo, o chefe de peça no local que lhe for indicado, commandar:</p> <p>“<i>Em posição</i>”.</p> <p>(A voz e por gesto: — collo-</p>	<p>VI — a) — A’ indicação do local, o chefe de peça aproveitando o terreno e conduzindo o cofre de accessorios, avançará para o logar designado, de onde observará a frente dada.</p> <p>b) — Uma vez identificado o objectivo pelo chefe de peça, este dirá “Visto” e determinará o local preciso em que a peça deve entrar em posição.</p> <p>VII — Ao commando “Em posição”:</p> <p>a) — o chefe de peça repete o commando (voz e gesto); ao chegar ao 1.º municizador indica a este a posição do re-</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>car um dos ante-braços horizontalmente acima da cabeça e fazer em seguida o gesto de "apressar o passo".</p>	<p>paro, cuja direcção verifica: observa a posição do regulador e a direcção da metralhadora; colloca-se mais ou menos a um passo á direita e á retaguarda da janella de ejeção, de joelhos ou deitado, conforme o terreno e a posição de reparo;</p> <p>b) — o 1.^o municionador leva o reparo desdobrado e o colloca a esquerda do chefe de peça e, após haver este verificado a direcção, enterra as garras das pernas e da flecha até as sapatas se apoiarem no solo; colloca-se mais ou menos um passo á esquerda e á retaguarda do alimentador, ajoelhado ou deitado em decubito dorsal, conforme o terreno e a posição do reparo.</p> <p>c) — o atirador avança com a metralhadora e colloca-a sobre o reparo; se este estiver na posição alta ou intermedia, elle ficará sentado no assento, com as pernas estendidas, a mão direita no punho da guarnição, e a esquerda no volante de pontaria em altura; se o reparo estiver na posição baixa ficará deitado á esquerda da flecha e apoiado sobre ella, as mãos como na posição acima;</p> <p>d) — o 2.^o municionador leva dois cofres de munição; na po-</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
	<p>sição recebe dois outros do remuniador, abre-os e verifica os carregadores, corrigindo-os a mão se necessario; dispõe os carregadores por camadas de quatro, á frente do 1.º municiador, os cartuchos para cima, as balas para frente ou para a esquerda; colloca-se á esquerda e á retaguarda do 1.º municiador; ajoelhado ou deitado, conforme o terreno e a posição do reparo;</p> <p>c) — o remuniador (o que acompanhou a peça) leva dois cofres de munição, entrega-os ao 2.º municiador e regressa ao deposito de munição entrega-os ao 2.º municiador e regressa ao deposito de munição (item IV).</p>
<p>VIII — A Peça em posição ou numa posição de abrigo, e, neste caso, depois de haver preparado para o combate:</p> <p>“Peça — Em tal ponto — Frente para tal ponto” depois</p> <p>Indicação (sómente no caso de estar a peça numa posição de abrigo):</p> <p>“Material montado” .</p> <p>Indicação:</p> <p>“Alça - Tal; Objectivo - Tal”.</p>	<p>VIII — A’ indicação da nova posição e do objectivo:</p> <p>a) — o cabo chefe de peça deixando a posição occupada a caixa de accessorios, observa a frente dada, identifica o objectivo, determina com precisão a posição a ser occupada, indo para isso até o local indicado, se for necessario, regressando depois á posição;</p> <p>b) — o 2.º municiador guarda os carregadores nos cofres, os quaes fecha;</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>IX — A Peça em posição, e após haver o respectivo chefe reconhecido a nova posição: Commandos: a) “<i>A braço - Marche</i>”. b) “<i>Em posição</i>”</p>	<p>c) — os demais homens preparam-se para partir.</p> <p>IX — Ao commando “A braço — Marche”:</p> <p>a) — o cabo chefe de peça — commanda “A’ braço” e, mantendo com a mão direita a caixa de accessorios, segura com a mão esquerda um pouco acima da sapata da perna direita do reparo;</p> <p>b) — o atirador: segura a flecha do reparo na altura da sapata, com a mão direita e o punho da tampa da metralhadora com a mão esquerda.</p> <p>c) — o 1.º municizador, mantendo com a mão esquerda um cofre de munição, segura com a direita um pouco acima da sapata da perna esquerda;</p> <p>d) — o 2.º municizador apanha os trez cofres de munição.</p> <p>A) — Ao commando “marche” dado pelo cabo os serventes suspendem o material e marcham.</p> <p>B) — Ao commando “Em posição”:</p> <p>a) — o chefe de peça — repete o commando e o material é collocado em posição, occupando os serventes os logares previstos no item VII.</p>
<p>X — A peça em posição, ou numa posição de abrigo e, neste ca-</p>	<p>X — Os serventes procedem como está prescripto no item VIII.</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>so, após haver preparado para o tiro:</p> <p>a) Ordem: <i>"Peça em tal ponto"</i> <i>"Frente para tal ponto"</i>.</p> <p>b) indicações: (sómente no caso de estar a peça numa posição de abrigo): — <i>"Material montado"</i>.</p> <p>c) indicações: <i>"Alça tal"</i> <i>"Objectivo tal"</i></p>	
<p>XI — A peça em posição e após o respectivo chefe haver reconhecido a nova posição: Commandos: <i>"De rastros"</i>. <i>"Em posição"</i>.</p>	<p>XI — Ao commando "de rastros":</p> <p>a) — o cabo repete o commando e, deitado, mantendo com a mão direita o cofre de accessorios, segura com a esquerda um pouco acima da sapata da perna direita;</p> <p>b) — o atirador deitado segura a sapata da flecha;</p> <p>c) — o 1.º municizador, deitado, mantendo com a mão esquerda um cofre de munição, segura com a direita um pouco acima da sapata da perna esquerda;</p> <p>d) — o 2.º municizador arranja os 3 cofres de munição, para serem conduzidos;</p> <p>e) — todos avançam de rastros;</p> <p>f) — attingido o local, o cabo commandará "Em posição" repousam o material e os serventes collocam-se como está prescripto no item VII.</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
<p>XII — A peça em posição ou em uma posição do abrigo, e, neste caso, após haver preparado para o tiro:</p> <p>a) Commando (sómente quando a peça estiver em posição):</p> <p>“Desmontar para transportar — Reparo Alto (baixo, intermediario, dobrado)”.</p> <p>b) Ordem:</p> <p>“Peça — Em tal ponto”.</p> <p>“Frente para tal ponto”.</p> <p>c) Indicações:</p> <p>“Alça tal”.</p> <p>“Objectivo tal”.</p>	<p>XII — a) — o chefe de peça procede como está prescripto no item VI.</p> <p>b) — se a peça estiver sobre o reparo, o atirador retira-a;</p> <p>c) — o 2.^o municador fecha os cofres;</p> <p>d) — os serventes retomam o material que trouxeram, sendo que o 2.^o municador apanhará o quarto cofre de munição.</p>
<p>XIII — A Peça na situação do item XII — o chefe respectivo, na posição a ser occupada:</p> <p>Commando:</p> <p>“Em posição — homem a homem” (à voz e por gesto: collocar o ante-braço horizontalmente acima da cabeça”).</p>	<p>XIII — a) — o 1.^o municador procede como está prescripto no item VII.</p> <p>b) — após haver o 1.^o municador attingido a posição, o atirador procede como está prescripto no item VII;</p> <p>c) — após haver o atirador attingido a posição, o 2.^o municador conduzindo 4 cofres de munição, procederá como está prescripto no item VII;</p> <p>d) — o chefe de peça procede como está prescripto na letra c do item VII.</p>
<p>XIV — A peça em posição: — Commandos:</p> <p>a) “Desmontar para transportar — Reparo dobrado”.</p> <p>b) “Sem cadencia — Marche”.</p>	<p>XIV — A) — Ao primeiro commando, todos procedem como está prescripto no item XII.</p> <p>B) — Ao segundo commando, todos marcham como está prescripto no item II, condu-</p>

<i>Incidentes a crear</i>	<i>Execução e ensinamentos</i>
	<p>zindo o material e o 2.^o municiador os 4 cofres de munição.</p>
<p>XV — A peça com o material descarregado: — Commando: “Carregar material”.</p>	<p>XV — A este commando:</p> <ul style="list-style-type: none">— o chefe de peça repete o commando;— os homen do grupo de tiro retiram suas mochilas de sobre os cargueiros;— os serventes collocam o material sobre os cargueiros, na mesma ordem em que descarregam.
<p>XV I— Fazer o revezamento dos alumnos nas differentes funções.</p>	<p>XVI — Em geral, todos os commandos são dados pelo cmt. da Secção e sempre repetidos pelo chefe de peça.</p> <p>— Esses commandos são feitos á voz ou por gesto e ha, alem dos gestos regulamentares previstos no R.E.C.I., mais alguns, particulares á Mtr., dos quaes vimos dois:</p> <p>Constante do item VII (em posição !Todos de uma só vez) e o constante do item XIII (em posição — homem a homem).</p>

O aparelho de pontaria da metralhadora pesada Hotchkiss

1.º Ten. Alamy de Lemos Furtado

Das observações que vou colhendo no labor quotidiano da ardua tarefa de instructor, uma exige ser focalizada, pelos inconvenientes que acarreta, a quem expõe, em estudo comparativo, o armamento da Infantaria.

Trata-se de não se encontrar contemplado o **aparelho de pontaria** entre as cinco partes em que o Regulamento divide a Metralhadora Pesada Hotchkiss.

Parece á primeira vista, que essa parte está incluída ou no estudo do cano ou no da caixa da culatra. A verdade, porém, é que em nenhuma dellas se trata do estudo do tal aparelho, que, como todos sabem, é quasi commum a todas as armas quer automaticas, quer de repetição, com pequenas e insignificantes adaptações.

Durante o exercicio das funções de instructor dum Curso de Candidatos a Cabo, fazendo um estudo meticoloso e comparativo de todo o armamento da Infantaria, conclui que os Regulamentos que tratam do fuzil Mauser e mosquetão modelo 1908, F. M. e Metralhadora Leve Hotchkiss e Metralhadora Madsen Modelo 1932, classificam o aparelho de pontaria ora pertencendo ao cano, como nos dois primeiros, e ora como parte distincta. Ha para isso uma razão bem logica porque nos Fuzil e Mosquetão modelo 1908, o aparelho de pontaria, alça e massa de mira, se acha collocado no cano, e portanto deve a elle pertencer e nos demais a massa de mira se acha collocada no cano (F. M. e Mtr. L. Hotchkiss) e na camisa (Mtr. Madsen, 1932) e a alça de mira na caixa da culatra.

No que se refere á Metralhadora Pesada Hotchkiss, impõe-se a inclusão de mais essa parte — aparelho de pontaria — porque não poderemos considerá-la como no caso do Fuzil Mauser, visto a massa de

mira se achar no cano e a alça de mira na caixa da culatra.

Assimilando ás outras armas, apresento o estudo abaixo:

APPARELHO DE PONTARIA

O aparelho de pontaria serve para dar ao cano a inclinação e a direcção convenientes ao tiro, segundo a distancia e a situação do alvo.

Consta de duas partes:

- a) — Alça de mira;
- b) — Massa de mira.

A) Alça de mira.

A Alça de Mira comprehende:
Supporte, Lamina, Cursor e Molla.

SUPPORTE :

E' a peça emmalhetada na caixa de culatra em que estão montadas as restantes peças da alça.

Nelle se notam:

- a) Os montantes, paredes lateraes do alojamento da lamina, em cuja superficie superior desliza o cursor.
- b) As orelhas, com olhaes para o eixo da lamina.
- c) O talão, parte superior do suporte.
- c) O talão, parte superior do suporte.
- d) O alojamento da mola da lamina, onde se aloja a dita mola.
- e) Batente da lamina, parte posterior que serve de apoio á lamina.
- f) Rosca, onde se atarracha o parafuso de fixação da mola.

LAMINA :

Nella se notam :

- a) O pé ou talão, extremidade lisa da lamina em que se apoia a extremidade livre da mola. Ha nella um olhal para o eixo.

- b) O eixo, que articula a lamina com o suporte.
- c) As graduações, constituídas por duas séries de numeros impares e pares separados uns dos outros por pequenos traços de referencia ou linhas de fé, que indicam a posição que se deve dar ao cursor para apontar a arma desde 250 até 2.000 metros. Os numeros impares grapham-se á esquerda e os pares á direita.
- d) A cabeça, parte da lamina, opposta ao pé.
- e) O entalhe de mira, corte praticado na cabeça, por onde se faz a pontaria.
- f) Os engrazadores, pequenos cortes parallelos uniformemente intervalados, que se encontram de ambos os lados na parte inferior da mira, onde se prendem os dentes dos detentores.

CURSOR :

E' uma pequena peça movel ao longo da lamina, que se destina a dar ao entalhe de mira a altura correspondente á distancia do tiro.

Nelle se notam :

- a) **O corpo**, parte principal do cursor, em que se vêem: A) a passagem da lamina, abertura rectangular que dá passagem á lamina; B) os alojamentos dos detentores.
- b) **Os detentores**, destinados á fixação do corpo, uma vez dispostos estes na graduação conveniente. Vêem-se nelle: A) a **cabeça**, onde se apoiam respectivamente o indicador e o pollegar da mão direita, no manejo do cursor; B) a **haste**, parte central dos detentores, C) **dente** que penetra nos engrazadores.
- c) As molas que accionam os detentores.

MOLA :

E' uma lamina que se prende por uma de suas extremidades a uma ranhura praticada no alojamento respectivo entre os montantes, e é livre na extremidade opposta, pela qual tende constantemente a manter a lamina da alça abaixada, comprimindo-a pelo talão. O

pequeno rebaixo, que se nota em sua face superior junto á extremidade fixa, tem por fim permittir ajustal-a em seu alojamento ou d'elle retiral-a em caso de ruptura ou de funcionamento irregular.

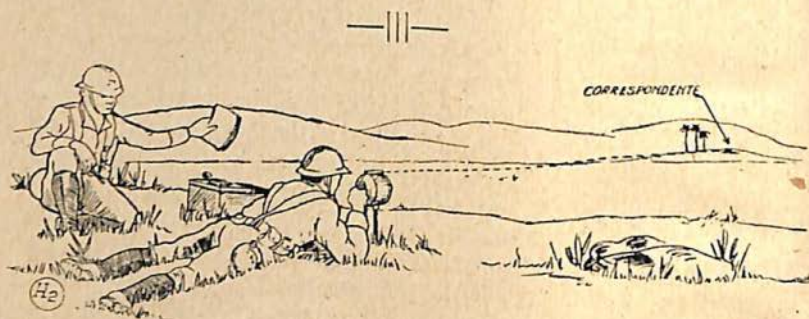
B) Massa de mira

E' uma pequena peça de forma quadrangular solidaria com um dispositivo em uma peça inteiriça formada por um anel soldado ao cano e um prisma ou embasamento.

Para evitar effeitos de luz prejudiciaes á pontaria são todas as peças despolidas.

Nella se notam:

- a) O anel soldado ao cano.
- b) O embasamento, peça quadrangular na qual se emmalheta o vertice da massa de mira.
- c) Vertice da massa de mira, peça trapezoidal que se emmalheta no embasamento.



SINALIZAÇÃO:

2.^a Edição

- a braços
- optica
- com heliógrafos

do Cap. Lima Figueirêdo

A' venda na "A Defesa Nacional"

Preço 2\$000

Instrucção de Tiro

Cap. ARTHUR DA COSTA E SILVA

Exemplo da elaboração dum plano tendo em vista:

- duração do 1.º periodo: 4 mezes;
- effectivo das Cias.: 98 homens;
- dotação de munição prescripta pelo escalão superior.

Foram estabelecidas, dentro dos dados acima, prescripções annexas, tendentes a regular o desenvolvimento da instrucção do II/11.º R. I. em 1935, levando em conta:

- 1.º — a possibilidade de executar integralmente os tiros de instrucção e de combate nas condições previstas no R. T. A. P., com supressão das posições constantes da pagina 14.
- 2.º — a necessidade de estabelecer condições de execução especiaes para os tiros de F. M., tendentes a permittir, com a pequena dotação de munição, attingir um maximo de rendimento e formar o maior numero possivel de fuzileiros-atiradores para a nossa reserva.
- 3.º — a necessidade de estabelecer prescripções sobre os tiros de granadas, visto como nos nossos regulamentos não existem nem “disposições relativas á execução dos tiros”, nem “quadros typos” que possibilitem a formação e classificação dos granadeiros.

PREScriPÇÕES A SEREM OBSERVADAS NA INSTRUÇÃO DE TIRO DO II BTL.

Para que o consumo de munição de guerra nos exercicios de tiro neste Btl. se ajuste á “dotação de munição prevista para o corrente anno”, deverão as sub-unidades observar, na execução dos tiros de instrucção e de combate das diversas armas, as seguintes prescripções.

F u z i l M a u s e r

(Nas Cias. de Fuzileiros, C. M. B.)

A) — TIROS DE INSTRUÇÃO

I) — **Os sargentos, cabos e praças engajadas** — reiniciarão a instrução pelo tiro n.º 9 do quadro II do R. T. A. P. (1.ª parte) (de accordo com o n.º 41 do annexo VIII do R. T. A. P., 1.ª parte) e terminarão no tiro n.º 11 (de accordo com o reservado n.º 11).

II) — **Os recrutas** — executarão a série de tiros dos quadros I e II do R. T. A. (1.ª parte), menos os de n.º 2 e 6, do quadro I, e 12 do quadro II.

III) — **Objectivos a attingir** — No fim da 2.ª phase (fim do 3.º mez).

a) **Os sargentos, cabos e praças engajadas** — deverão ter executado o tiro 9.

b) **Os recrutas** — deverão ter todos executados os tiros 1, 3, 4 e 5 do quadro I do R. T. A. P. (1.ª parte), e o tiro 7 do quadro II.

No fim da 3.ª phase (4.º mez)

a) **Os sargentos, cabos e praças engajadas** — deverão ter executado o tiro n.º 10.

b) **Os recrutas:**

50 %	o tiro n.º 9
30 %	o tiro n.º 10
20 %	o tiro n.º 11

No fim do 1.º mez do 2.º periodo:

Todos os homens das sub-unidades, deverão ter executado o tiro 11 do quadro II do R. T. A. P., 1.ª parte.

B) — TIROS INDIVIDUAES DE COMBATE — P. E., C. M. B.,

Cias. de fuzileiros.

I) — **Sargentos, cabos e praças normalmente armadas de fuzil** (2.os municidores, remunicidores, armeiros, conductores, engajados, etc.) **que não pertencem ás esquadras de volteadores**, executarão 3 tiros de combate, cujas condições se approximem dos tiros 1, 3 e 4 do quadro III do R. T. A. P., 1.ª Parte (de accordo com o n.º 11, título III do R. T. A. P., 1.ª parte, e a letra a do n.º 437 do R. 10).

II) — **Volteadores** (30 por Cia. de fuzileiros) — executarão os tiros individuaes de combate constantes do quadro III do R. T. A. P., 1.^a parte, menos os de n.º 6 e 8 (n.º 77, titulo III, R. T. A. P., 1.^a parte e reserv. 11).

C) — **TIROS COLLECTIVOS DE COMBATE** — (Só nas Cias. de fuzileiros).

Tiro n.º 1 — executado pelos volteadores, segundos municia-dores e remuniciadores de 2 G. C. de cada Cia.

Munição — 5 cartuchos por homem.

Distancia — entre 200 e 300 metros.

Tiro n.º 2 — executados pelos 4 G. C. restantes de cada Cia., nas condições previstas nos ns. 74, 75 e 76, cap. II titulo II do R. T. A. P. 1.^a parte, figurando-se o caso da falta da arma automatica e obedecendo a uma situação tactica simples, creada no decorrer de um exercicio de combate.

Distancia — entre 400 e 800 metros.

Munição — 10 cartuchos por volteador, remuniciador ou 2.^o municiador.

Tiro n.º 3 — executado pelos volteadores e remuniciadores dos 6 G. C. de cada Cia., (8 homens por G. C.) em cooperação com a arma automatica no "fogo de surpresa" (n.º 74, Cap. II — R. T. P. A. — 1.^a parte).

Distancia — entre 300 e 400 metros;

Munição — 5 cartuchos por volteador ou remuniciador.

As condições de execução dos tiros collectivos de combate serão estabelecidas, opportunamente, pelos Cmts. de Cias. e sub-mettidas á consideração do cmdo. do batalhão.

Objectivos a attingir na progressão dos tiros de combate —

No fim da 3.^a phase (4.^o mez):

a) os volteadores deverão ter executado os tiros 1 e 2 do quadro III do R. T. A. P. — 1.^a parte;

b) Os sargentos, cabos e praças armadas de fuzil — o tiro 1 do mesmo quadro.

No fim do 1.^o mez do 2.^o periodo:

Tiros individuaes	{	<p>a) Os volteadores deverão ter executado os tiros 3, 4 e 5 do quadro III;</p> <p>b) Os sargentos, cabos e praças armadas de fuzil — o tiro 3.</p>
-------------------	---	---

No fim do 2.º periodo de instrucção:

- Tiros individuaes {
- a) Os volteadores deverão ter executado os tiros 7, 9 e 10 do quadro III;
 - b) Os sargentos, cabos e praças armadas de fuzil — o tiro 4.

Tiros collectivos — O de n.º 1, previsto acima.

No fim do 3.º periodo:

Tiros collectivos — N.os 2 e 3, já previstos.

- D) — INSTRUCCÃO DE ATIRADORES DE ESCOL — será ministrada, no decorrer do 3.º periodo de instrucção, em condições fixadas pelos commandantes de sub-unidades (C. M. B. e Cias. de Fuzileiros) — **caso haja saldo de munição** — obedecendo ás prescripções do R. T. A. P. e R. 10 (n.º 77 e nota do 437 respectivamente) — aos atiradores especiaes, classificados segundo o que estatue o R. T. A. P., annexo 9 (IX), n.º 43.

NOTA — **Tiros de Instrucção no P. E.** — todos os homens do P. E. reiniciarão a instrucção pelo tiro 7, e terminarão no tiro 11, do quadro II do R. T. A. P., 1.ª Parte.

F. M. H.

(Nas Cias. de fuzileiros)

A instrucção do tiro do F. M. terá por objectivo principal:

I) — **Nos tiros de Instrucção:**

- a) A formação de 12 atiradores (atirador e 1.º municador por G. C.), que executarão os tiros 1, 2, 3, 7 e 9 dos quadros I II do R. T. A. P., 2.ª parte.
- b) A formação de 12 municadores (2.º municador e 1.º remuniciador por G. C.) em condições de supprirem, eventualmente, a falta dos atiradores; executarão apenas os tiros 1, 2 e 7 sujeitos á "condição de passagem".
- c) A execução pelos demais recrutas de cada Cia. de fuzileiros, apenas do tiro I do quadro I do R. T. A. P., 2.ª parte, (manejo da arma para o tiro, instrucção technica summaria).

II) — **Nos tiros de combate:**

- a) A execução pelos atiradores dos G. C. (1 por G. C.) de dois tiros individuaes de combate, os de ns. 1 e 2 do quadro III do R. T. A. P., 2.^a parte, sendo a dotação de munição para o 1.^o de 10 cartuchos, ao envez de 15 e para o 2.^o de 20 ao envez de 30 cartuchos.
- b) A execução de um tiro colectivo, no ambito do G. C., "fogo de surpresa" (n.^o 74 — cap. II — titulo II do R. T. A. P. — 1.^a parte) — tiro n.^o 3 previsto para o fuzil Mauser. Dotação de munição — 1 carregador (15 cartuchos) por G.C.

OBJECTIVOS A ATTINGIR NA INSTRUÇÃO DE TIRO DO F. M.

No fim da 2.^a phase (3.^o mez):

- a) Todos os recrutas deverão ter executado o tiro n.^o 1 do quadro I do R. T. A. P. — 1.^a parte.
- b) 24 (vinte e quatro) recrutas, releccionados entre os melhores executantes do tiro 1, deverão ter executado o tiro 2.
- c) 12 (doze) dos melhores executantes do tiro 2 (atiradores) deverão ter executado o tiro n.^o 3.

No fim da 3.^a phase (4.^o mez):

- a) Os dozes atiradores e os 12 remuniçadores deverão ter executado o tiro 7 do quadro II do R. T. A. P. — 2.^a parte.

No fim do 2.^o periodo de instrução:

- a) Os 12 atiradores deverão ter executado o tiro n.^o 9 do quadro II.
- b) Os 6 melhores atiradores (effectivos dos G. C.) deverão ter executado os tiros individuaes de combate ns. 1 e 2 do quadro III do R. T. A. P., 2.^a parte, com as dotações previstas acima.

No fim do 3.^o periodo:

- Os 6 atiradores (effectivos dos G. C.) deverão ter executado o tiro colectivo n.^o 3 previsto na parte fuzil Mauser.

CALCULO DO CONSUMO DE MUNIÇÃO, OBSERVANDO-SE AS PRESENTES PRESCRIÇÕES — FUZIL MAUSER

NAS CIAS. DE FUZILEIROS:

Bases:	{	Effectivo medio: 98 homens	{	38 eng. (sgts, cab, prç.
				30 volteadores
		Dotação..... (Vêr doc. annexo).		30 recrutas não volt.

CONSUMO:

A) — Nos tiros de instrução:

— do item I.... 38 x 28 cartuchos . .	1064	cartuchos
— do item II... 60 x 66 cartuchos . .	3960	"
— 20 % para repetições	1004	"

Somma 6028 "

B) — Nos tiros individuais de combate:

— do item I.... 68 x 15 cartuchos . .	1020	cartuchos
— do item II... 30 x 50 cartuchos . .	1500	"

Somma 2520 "

C) — Nos tiros collectivos de combate:

N.os 1, 2 e 3	740	cartuchos
-------------------------	-----	-----------

Total 9288 cartuchos

D) — Na execução do atirador de escol:

Grande total

NA C. M. B.:

Bases: {	Effectivo: 89 homens	{ 30 engajados, (sgts., cabos e praças.
	Dotação.... (vêr documento annexo).	
		56 recrutas.

CONSUMO :

A) — Nos tiros de instrução :

— do item I.... 30 x 28 cartuchos . .	840	cartuchos
— do item II... 56 x 66 cartuchos . .	3696	"
— 25 % para repetições	1134	"

Somma 5670 "

B) — Nos tiros individuais de combate :

— do item I.... 86 x 15 cartuchos . .	1290	cartuchos
---------------------------------------	------	-----------

Total 6960 cartuchos

C) — Na instrução do atirador de escol:

Grande total

F. M. H.

NAS CIAS. DE FUZILEIROS :

Bases	{	Effectivo.....	6 G. C.
		Dotação.....	(ver doc. anexo)

CONSUMO:

I) — Nos tiros de instrução :

— do item a... 12x65 (menos 5 cart. no tiro 3)	780	cart.
— do item b... 12x35	420	"
— do item c... 36x10	360	"
Somma	1560	"

II) — Nos tiros de combate :

— do item a... 6x30	180	cart.
— do item b... 6x30	90	"
Somma	270	"
Total	1830	"

MTR. P. E. L.

(Na C. M. B.)

A instrução de tiros de Mtrs. terá por objectivo principal:

I) — Nos tiros de instrução :

- a) A formação de 12 **atiradores** de Mtr. P. (417 do R. 10), executando a série de tiros dos quadros ns. 1 e 2 do R. 10, com exclusão dos tiros ns. 4 e 7; e dotação de 1 carregador para o tiro 6.
- b) A formação de 8 **atiradores** de Mtr. L., executando a série de tiros dos quadros ns. 1 e 2, com exclusão dos tiros 4, 7 e 8. e com a dotação de 1 carregador, apenas, no tiro 6 (correspondendo ao reparo baixo);
- c) O treinamento de 12 **muniadores** ou **remuniadores** — para eventual substituição dos atiradores (417 do R. 10) — executando os tiros 1, 2, 5 e 6 (reduzida a dotação do tiro 6, a 1 carregador).

Desses remuniadores ou municiadores, 8 atirarão com mtr. pesada e 4 com metr. leve.

- d) A execução, pelos **conductores, armeiros e telemetristas** (24 homens, sendo 18 de Mtr. P. e 6 de Mtr. L.) dos tiros 1, 2 e 5;
- f) A execução por 4 sargentos e 4 praças engajadas, dos tiros 1 e 5.

II) — Nos tiros de combate :

A execução, pelos 20 atiradores (de Mtr. P. e Mtr. L.) dos tiros de combate ns. 1 e 2 (1 carregador para cada tiro) do quadro n.º 3 do R. 10.

III) — Na Instrução do metralhador de escol :

A execução, pelos 4 melhores atiradores de Mtr. P. e pelos 2 melhores atiradores de Mtr. L., de tiros supplementares á escolha de Cmt. da C. M. B. de accordo com o n.º 419 do R. 10.

Dotação: 80 cartuchos para cada atirador.

OBJECTIVOS A ATTINGIR NA PROGRESSÃO DE TIROS DE METRALHADORAS

No fim da 2.ª phase (3.º mez).

- a) Todos os recrutas da C. M. B. deverão ter executado os tiros ns. 1 e 2 do R. 10;
- b) Os sargentos (4), chefes de peça e engajados (4) deverão ter executado o tiro n.º 1.

No fim da 3.ª phase (4.º mez):

- a) Os atiradores (20 homens recrutas) deverão ter executado os tiros ns. 3 e 5;
- b) Os demais homens, citados nos itens c, d e f, deverão ter executado o tiro n.º 5.

No fim do 1.º mez do 2.º periodo de instrução :

- a) Os atiradores de Mtr. P. (item a) deverão ter executado os tiros 6 e 8;
- b) Os atiradores de Mtr. L. (item b) deverão ter executado o tiro n.º 6.

No fim do 2.º periodo :

Os atiradores (item a e b) deverão ter executado o tiro n.º 9 do quadro 2 e o tiro de combate n.º 1 do quadro 3 do R. 10.

No fim do 3.º periodo :

- a) Os atiradores (itens a e b) deverão ter executado o tiro n.º 2 do quadro.

- b) Os 6 melhores atiradores (4 de Mtr. P. e 2 de Mtr. L.) deverão ter executado 2 tiros supplementares da instrucção do metralhador de escol.

CALCULO DE CONSUMO DE MUNIÇÃO DE MTR., OBSERVANDO-SE AS PRESENTES PRESCRIPÇÕES

(NA C. M. B.)

Base { Effective — 6 peças.
Dotação (ver doc. annexo).

CONSUMO :

I) — Nos tiros de instrucção :

— do item a....	12x195	cartuchos	. .	2340	cartuchos
— do item b....	8x156	"	. .	1320	"
— do item c....	12x 75	"	. .	900	"
— do item d....	24x 45	"	. .	1080	"
— do item e....	6x 30	"	. .	180	"
— do item f....	8x 30	"	. .	240	"
Somma				6060	"

II) — Nos tiros de combate :

20x60	cartuchos	.	.	1200	cartuchos
				<hr/>	
Total	.	.	.	7260	cartuchos

III) — Na instrucção do metralhador de escol :

Grande total

GRANADAS DE MÃO

(Na C. M. B. e Cias. de Fuzileiros)

— Não havendo dotação de **granadas carregadas**, ou com **espoleta carregada**, prevista no corrente anno, para attender o que prescreve o annexo IV, do R. T. A. P., 1.^a parte;

— Não existindo no R. T. A. P., "quaesquer disposições relativas á execução dos tiros de granadas";

— Não estabelecendo o R. T. A. P. "quadros typos ou disposições especiaes para execução dos tiros de granadas";

— Não fixando este ou qualquer outro dos nossos regulamentos, as bases para a classificação dos granadeiros; em bons, de 1.^a classe, ou classe especial, (classificação a que allude o anexo X, n.º 56);

— Referindo-se o R. T. A. P. a “exigencias medias” a satisfazer pelos granadeiros e a “resultados obtidos” nos tiros executados com as granadas de mão e de fuzil (anexo IX, n.º 42, letra b) e quadro IV (tiro de granadas) modelos do R. T. A. P.

— Não havendo disposições especiaes para apreciação dos alludidos “resultados obtidos nos tiros de granadas” em alcance, velocidade e precisão, a que se refere a citada folha IV dos modelos (anexo).

— E, tendo em vista a importancia da instrucção de tiros de granadas, para formação de granadeiros, o que é possível com a execução apenas de tiro com **granadas inertes**, a exemplo do que se faz no Exercito Francez, em que o uso de **granadas carregadas**, ou com **espoleta carregada**, é excepcional, sendo mesmo “interdicto no tempo de paz, salvo para os corpos que são autorizados a utilisal-as” (Inst. Sur la pratique tu tir. 1930 — n.º 218);

— para que no Btl., se executem tiros de granadas, completando as noções relativas ás granadas, adquiridas nas partes de armamento, tiro e educação physica; e para que haja um só criterio na apreciação dos “resultados obtidos”, nesses tiros, **adoptar-se-ão, neste Btl., a titulo precario** as seguintes disposições:

A) — PARA OS TIROS DE INSTRUCCÃO

Typo de granadas — Os utilizados nos exercicios preparatorios de lançamento — inertes — cheias de areia ou chumbo, de modo que os pesos se approximem dos das granadas offensivas (300 grms.) e defensivas (630 grms.).

Tiros a executar e condições de execução — QUADRO I

B) — PARA OS TIROS DE COMBATE

Tipos de granadas — Inertes como as dos tiros de instrucção e, se possível, com “espoletas carregadas” (dotação a conseguir).

Tiros a executar e condições de execução — Ver QUADRO II

QUADRO I
TIROS DE INSTRUÇÃO (granadas de mão)

Numero	Natureza da granada	N. de granada	Tempo para o lançamento	Natureza do tiro	Posição do lançador	Objectivos	Distancia	Apreciação dos resultados	Observações
1	Offensiva inerte	6	—	Lançamento em alcance	De pé	Faixas horizontaes de 10 ms. de comprimento e largura de 5 ms. entre 15 e 25 ms. 2½ ms. entre 25 e 30 ms. -- 5 ms. entre 30 e 45 ms.	Maxima 45 metros	Conta-se 1 ponto por granada que cahir na 1.ª faixa 2 na 2.ª faixa 3 na 3.ª faixa 4 na 4.ª faixa 5 na 5.ª faixa 6 na 6.ª faixa 7 na 7.ª faixa	As faixas serão delimitadas por muro de pedras soltas, com 30 cms. de altura
2	Defensiva inerte	6	—	Idem	De joelho ou deitado	Idem	Idem	Idem	Idem
3	Offensiva inerte	6	—	Lançamento de precisão	De pé	Circulo de 3 ms. de diametro, com o centro assignalado por uma estaca	30 ms.	Contam-se 2 pontos por granada posta no circulo	O circulo será delimitado por 1 muro de pedras soltas de 30 cms. de altura
4	Defensiva inerte	6	—	Idem	De joelho	Idem com 2½ ms. de diametro	25 ms.	Idem	Idem
5	Offensiva inerte	40"		Lançamento em velocidade e precisão	De pé	Como o do n.º 3	30 ms.	Idem	Maximo de pontos exigidos: 20 pontos ou 14 granadas em 40"
6	Defensiva inerte	40"		Idem	De joelho	Como no n.º 4	25 ms	Idem	Idem

QUADRO II
TIROS DE COMBATE (granadas de mão)

Numero	Natureza da granada	N. de granada	Tempo para o lançamento	Natureza do tiro	Posição do lançador	Objectivos	Distancia	Apreciação dos resultados	Observações
1	Defensiva inerte c/ espoleta carregada	6	—	Lançamento em alcance e precisão	De pé numa trincheira	4 linhas de 2 silhuetas de homem ajoelhado (de madeira) c/ 1 mt. de intervalo e collocadas no meio de faixas de 5 ms. de largura, entre 25 e 45 ms.	1 linha de silhuetas a 27,50; 2.ª 32,50; 3.ª 37,50; 4.ª 42,50	2, 3, 4 ou 5 pontos para cada granada que atingir a 1.ª, 2.ª, 3.ª ou 4.ª faixa.	Equipamento aliviado, com máscara contra gazes
2	Offensiva inerte ou com espoleta carregada	Não limitado	40"	Lançamento de precisão	Deitado	Silhueta busto no bordo de um fosso de 3 ms. de diametro.	30 ms.	2 pontos por granada posta no fosso	Equipamento completo de combate e máscara contra gazes
3	Idem	6	—	Idem	Idem	Elemento de trincheira de 1 m. de largura e 3 de comprimento	De 30 a 20 ms.	2 pontos por granada que cahir na trincheira	2 lanç. de 3 grs. a 30 e 20 ms., precedido cada um de um lançamento de 10 partindo da posição deitado. Equipamento aliviado, bernal c/ granadas

C) — OBJECTIVO PRINCIPAL A ATTINGIR NA INSTRUÇÃO DE TIRO DE GRANADAS DE MÃO.

- a) A execução dos tiros ns. 1, 2 e 3 do quadro I, por todos os homens das sub-unidades (C. M. B. e Cias. de fuzileiros).
- b) A execução pelos 42 recrutas mais bem classificados nos tiros 1, 2 e 3, de todos os tiros do quadro I.
- c) A execução dos tiros de combate do quadro II, pelos 30 melhores lançadores nos tiros de instrução.
- d) A execução pelos demais homens das sub-unidades, do tiro I do quadro II.

OBJECTIVOS A ATTINGIR NO DECORRER DA INSTRUÇÃO

No fim da 1.^a phase (2.^o mez) :

Instrução technica e mecanismo do lançamento.

No fim da 2.^a phase (2.^o mez) :

Instrução preparatoria: technica, mecanismo do lançamento (e treinamento do lançamento).

Todos os homens deverão ter executado o tiro 1 do quadro I.

No fim da 3.^a phase (4.^o mez) :

Todos os homens deverão ter executado os tiros 1, 2 e 3 do quadro I.

No fim do 1.^o mez do 2.^o periodo :

Os 42 homens seleccionados deverão ter executado o tiro 4 do quadro I.

No fim do 2.^o periodo de instrução :

- a) Os 42 homens (do item b) seleccionados deverão ter executado os tiros 5 e 6 do quadro I.
- b) Os 42 homens (recrutas e seleccionados) deverão ter executado o tiro 1 do quadro II.

No fim do 3.^o periodo de instrução :

- a) Os 30 homens seleccionados nos tiros de instrução e tiro 1 de combate, deverão ter executado os tiros 2 e 3 do quadro II.
- b) Os demais homens das sub-unidades deverão ter executado o tiro 1 do quadro II.

GRANADAS DE FUZIL

Prevalecendo para as granadas de fuzil as mesmas considerações preliminares feitas para as granadas de mão e, mais ainda, a

a de só existirem no batalhão 4 granadas inertes, typo B. C. R., 1 boccal do mesmo typo, de propriedade do Cap. Hugo de Faria, Cmt. da 5.^a Cia., que os colloca á disposição do Btl., seguir-se-ão, na instrucção de tiro de granadas de fuzil, as prescripções abaixo:

Typos de granadas: B. C. R. — inertes (a titulo precario).

Boccal: B. C. R. — (a titulo precario).

Cartuchos: de festim commum.

Apparelho de pontaria: de madeira, de accordo com o modelo francez.

Com esses elementos, poder-se-á contar com um alcance até 200 metros, conforme experiencias feitas.

TIROS DE INSTRUCCÃO

I) — Tiros a executar e condicções de execução (Vêr quadro I)

II) — Nos tiros de combate (Ver quadro II)

III) — Objectivo principal da Instrucção de Tiro de granadas de fuzil (Só nas Cias. de fuzileiros).

- a) A formação de 12 atiradores (2 por G. C.) executando todos os tiros do quadro I e II.
- b) A execução pelos volteadores, dos tiros 1, 2 e 3 do quadro I e dos 1 e 2 do quadro II, para ficarem em condicções de substituirem, eventualmente, os atiradores.
- c) A execução pelos demais recrutas, dos tiros 1e 2 do quadro I e tiro 1 do quadro II.

IV) — Objectivos a attingir no decorrer da instrucção :

No fim da 3.^a phase (do 4.^o mez) :

Deverá ter sido ministrada a instrucção preparatoria para o tiro, comprehendendo: conhecimento sobre os caracteristicos, emprego e effeitos das granadas de fuzil, technica do tiro, posições do atirador.

No fim do 2.^o periodo de instrucção :

- a) Todos os recrutas deverão ter executado os tiros 1e 2 do quadro I.
- b) Os volteadores, o tiro 3 do quadro I, e o tiro 1 do quadro II.
- c) Os atiradores, os tiros 3 e 4 do quadro I e o tiro 1 do quadro II.

No fim do 3.^o periodo de instrucção :

- a) Os volteadores deverão ter executado o tiro 2, do quadro II.
- b) Os atiradores os tiros 2, 3 e 4 do quadro II.

QUADRO I
TIROS DE INSTRUÇÃO (granadas de fuzil)

Numero	Natureza das granadas	Numero de granadas	Objectivos	Distancia	OBSERVAÇÕES
1	Inerte	6	Silhueta de homem em pé	100ms.	A silhueta será collocada no centro de 3 circulos concentricos de 2, 4 e 6 ms. de diametro e delimitado por muros de pedras soltas de 30 centimetro de altura. Terreno do alvo: plano e descoberto. Com apparelho de pontaria.
2	idem	6	Silhueta de homem ajoelhado, ou saccos de areia em pé	150ms.	A silhueta (ou o sacco) collocada no centro de 3 circulos concentricos de 3, 6 e 9 metros de diametro e delimitados como os do tiro 1. Terreno em que fica o alvo: plano e descoberto. Com apparelho de pontaria.
3	idem	6	Idem	idem	Idem (sem apparelho de pontaria).
4	idem	Duração, do tiro: 1'	Idem	150ms.	Idem. Alvo em angulo morto á frente de uma elevação. Observação dos resultados por um auxiliar. Sem apparelho de pontaria.

NOTA — Em todos os tiros, contam-se 3, 2 e 1 ponto por granada que attingir o circulo interior, medio ou exterior.

QUADRO II
TIROS DE COMBATE (granadas de fuzil)

Numero	Natureza das granadas	Numero de granadas	Objectivos	Distancia	Observações
1	Inerte	8	Figurativo de arma automatica c/ 6 grupos de tiro (3 hs.) representados por saccos deitados.	Desconhecido a avaliar	O figurativo será collocado no centro de circulos, como no tiro 1 de instrucção. Contagem de pontos — como no tiro 1 — instrucção.
2	idem	8	Arma automatica e grupo de tiro, mascarados atraz de uma macêga (matto ralo).	Entre 80 e 180 ms. (a avaliar)	Idem
3	idem	Não limitado	Arma automatica e gr. de tiro num fosso, c/ 3 ms. de diametro.	idem	Tiro precedido de um lance de 20 ms., findo o qual o atirador se colloca atraz de uma mascara, ou dentro de um fosso e inicia o tiro. Duração do tiro: 1½' a contar do momento em que o atirador attinge a posição de tiro. Contam-se dois pontos por granada que attingir o fosso.
4	idem	8	Idem	idem	Tiro executado na posição deitado. — Contam-se dois pontos por granada que attingir o fosso.

PISTOLA OU REVOLVER

- I) — Não tendo sido prevista dotação dessa munição para execução dos tiros de pistola ou revolver, e possuindo o Btl. apenas 3 pistolas e 1 revolver, deixa este commando de estabelecer as prescrições a serem observadas na instrução de tiro dessas armas no Btl.
 - II) — Como lembrança, suggere, entretanto:
 - a) A dotação de 6 cartuchos para a execução de cada um dos tiros 1, 2, 3, e 4 indicados no R. T. A. P., cap. II, letra A dos modelos;
 - b) O estabelecimento de "Condições para a execução de, pelo menos, 2 tiros de combate", identicas ás estabelecidas para os tiros de combate 1 e 3 no Regulamento Francez (Instructino sur la pratique du tir) de 15 de Novembro de 1930 (pagina 137).
- Dotação,** por arma, de 40 cartuchos para a instrucção de tiro, no anno de instrucção.

I — ORGANIZAÇÃO

1 — ORGANIZAÇÃO																						
	PESSOAL		MENTO ARMA-	FERRA- MENTA	ARMAMENTO, MATERIAL E MEIOS DA PEÇA																	
	1.º ou 2.º cabo	Soldados	Fuzil ordinario	Pistola ou revolver	Facão de matto	Pá portatil	Picareta portatil	Animaes de carga	Mtrs. Madsen	Reparo Madsen	Cano sobresalente	B lsa accessorios	Bolsa periscopio	Bolsa para 2 carreg.	Bolsa d'agua	Bolsa para 5 carreg.	Cangalhas	Cabeçadas	Peitoraes	Retrancas	Cilhas	
Comandante.	1		1		1						1	1			1							
Atirador		1		1		1			1					1	1							
1.º municador		1		1		1				1			1		1	4						
2.º municador		1	1				1								1	4						
1.º remuniciador . . .		1	1				1								1	4						
2.º remuniciador . . .		1	1			1									1	4						
Conductores.		2	2			1	1	2									2	2	2	2	2	
	1	7	6	2	1	4	3	2	1	1	1	1	1	1	6	16	2	2	2	2	2	

As peças são numeradas no interior da Cia., de 1 á 6, as impares são commandadas por primeiros cabos e as pares por segundos cabos.

II — FUNÇÕES DOS SERVENTES

A — ATIRADOR

a) Colocar a metralhadora sobre o reparo.

Estando o reparo desdobrado, aberta a forqueta e convenientemente disposto o parafuso de elevação, segurar a metralhadora com a mão direita no delgado da coronha e com a esquerda na camisa, logo adiante da caixa da culatra, collocar-se á esquerda do reparo e voltado para elle; collocar a metralhadora sobre a forqueta, de modo que a nervura central da forqueta, passando por entre os pés, receba a camisa por entre seus dois resaltos inferiores; fechar e afivellar a braçadeira; introduzir o parafuso superior de elevação no bocal da coronha e apertar bem a sua porca. Para verificar se a arma ficou bem assentada no reparo, segurar o punho serriilhado de elevação com a mão direita e fazer mover rapidamente a arma, para diante e para traz, algumas vezes, como se fosse no tiro real.

b) Retirar a metralhadora de sobre o reparo.

Collocar-se á esquerda do reparo e voltado para elle; desafivellar e abrir a forqueta, fazendo girar para a direita a braçadeira; afrouxar a porca do bocal da coronha; segurar a metralhadora com a mão direita no delgado da coronha e com a esquerda na camisa, logo adiante da caixa da culatra; retirar a metralhadora, já livre, do reparo.

c) Manejar a alça.

Para as distancias 200, 400, 600,, 1800 e 1900, isto é, para as correspondentes ás graduações inscriptas na lamina, mover o cursor até que sua linha de fé coincida com as das graduações.

Para as distancias intermediarias, 300, 500, 700,, 1700, fazer a coincidência da linha de fé do cursor com as linhas de fé menores existentes entre as linhas de fé das graduações.

d) Engatilhar a metralhadora.

Segurar o punho da alavanca de manejo com a mão direita e puxal-a para traz até esbarrar; reconduzil-a em seguida para frente até que se prenda em seu batente.

e) Apontar a metralhadora.

Desapertar a porca freio de pontaria em direcção e fazer a pontaria em direcção; girando convenientemente o punho serriilhado de elevação, fazer a pontaria em alcance.

f) Travar, destravar e descarregar a metralhadora.

Para travar, segurar a alavanca do registro de segurança com o pollegar e o indicador da mão esquerda e girar-a até que se encaixe no rebaixo assinalado com a letra "S".

Para destravar, proceder do mesmo modo, até que a alavanca do registro de segurança se encaixe no rebaixo "F".

Para descarregar a arma, isto é, para retirar da câmara o estojo ou cartucho falhado, ou do receptor os dois cartuchos que sempre ficam após a retirada do carregador, manobrar a alavanca do registro de segurança até que se encaixe no rebaixo "D". Então, é impossível a percussão e possível a ejeção, e o atirador com golpes sucessivos da alavanca de manejo ejetará os cartuchos restantes.

g) Atirar.

Colocar a alavanca do registro de segurança em "F" e premir a tecla do gatilho, ou a alavanca de disparo, durante o tempo necessário á execução do tiro desejado.

- Para executar o tiro concentrado, feita a pontaria, imobilizar a metralhadora, apertando a porca freio de pontaria em alcance se se tornar preciso.

- Para executar o tiro livre, afrouxar a porca do bocal da coronha, livrar a coronha do parafuso superior de elevação e fazer a pontaria só com o apoio do berço, o que permite maior liberdade na procura de objectivos.

- Para executar o tiro de ceifa, visar os extremos do objectivo e imobilizar em situação correspondente os limitadores de ceifa; manobrar o punho serrilhado de elevação até que a pontaria em alcance esteja perfeita.

- Para "suspender fogo", soltar a tecla do gatilho e travar a arma com o registro de segurança em "D"; aguardar a retirada do carregador pelo 1.º municiador e descarregar a arma como foi dito anteriormente, na letra f.

h) Mudar o cano.

Engatilhar a arma; levar a alavanca do registro de segurança em "D"; segurando a alavanca de manejo á retaguarda, premir a tecla, afim de distender suavemente a mola recuperadora; livrar a coronha do parafuso superior de elevação; abrir a tampa; puchar a chaveta da caixa da culatra para esquerda; segurar com a mão esquerda e por baixo a parte anterior da caixa da culatra e com a mão direita a coronha pelo

delgado; forçar com a mão direita para baixo; aberta a caixa da culatra, introduzir o dedo indicador da mão direita por baixo da caixeta e puxar pelo tambôr do eixo do transportador, o sistema caixeta-cano; quando a caixeta estiver toda fóra da parte anterior da caixa da culatra, empunhar ainda com a mão direita a caixeta e puxando para traz, retirar o cano.

Para collocar o cano agir em sentido inverso.

i) **Collocar o cabo de disparo.**

A armadura do cabo de disparo, quando não é empregada, fica no respectivo encaixe do lado direito do corpo do reparo. Para retirar, segurar a armadura pela parte anterior entre os dedos indicador e medio da mão direita; comprimir com o polegar a pequena alavanca da presilha, obrigando-a a soltar o encaixe do reparo com um quarto de volta para a esquerda; elevar a parte posterior, afim de desprender o dente anterior e a armadura estará livre.

Para collocar a armadura no guarda-matto, prender o dente anterior na parte anterior do guarda-matto e a presilha movel no ramo posterior deste com um movimento combinado de recalque de sua pequena alavanca e giro desta de um quarto de volta para baixo.

Em seguida agir sobre a porca e contra porca, regulando a posição da tecla de disparo, em relação a tecla do gatilho da metralhadora para que esta possa ser disparada á distancia, com o cabo, quando se apertar a alavanca do punho de direcção com a mão esquerda que tambem dirige a pontaria em direcção. A pontaria em profundidade é commandada pelo punho de elvação, com a mão direita.

Para retirar o cabo de disparo da metralhadora, proceder de modo inverso.

Não se utiliza o cabo de disparo no tiro ante-aereo.

B — PRIMEIRO MUNICIADOR

a) **Desdobrar o reparo.**

Collocar o reparo dobrado na vertical, com o berço para frente e descançando no sólo; desapertar as borboletas das travas das pernas trazeiras; girar as pernas trazeiras até conseguir as coincidencias das graduações:

0 — 3 Para a posição normal;

0 — 5 Para a posição alta;

0 — 1 Para a posição baixa, para o tiro ante-aereo e para o tiro com boccal; apertar as borboletas das travas das pernas trazeiras, até tel-as fixado; depor no sólo as pernas trazeiras; levantar a parte anterior do reparo; afrouxar a borboleta da trava do tirante; desdobrar a perna deanteira, dando-lhe inclinação necessaria para que a cauda do reparo fique na horizontal, excepção feita para o tiro ante-aereo, posição em que o freio recuperador não trabalha; apertar a borboleta da trava do tirante; abrir a forqueta desafivellando e girando a braçadeira para a direita; soltar o parafuso de elevação de sua presilha e collocar-o na vertical e no alinhamento do tirante, afrouxando para isto o freio de pontaria em direcção e deslocando em seguida o punho de direcção para esquerda. A séta deve estar voltada para o objectivo.

b) Dobrar o reparo.

Deslacar o punho de direcção até que seja possivel girar para frente o parafuso de elevação e prendel-o em sua presilha; apertar o freio de pontaria em direcção; fechar a forqueta, girando a braçadeira e afivelando-a immobilizar o berço com a mola recuperadora suplementar; desapertar a borboleta da trava do tirante; dobrar a perna deanteira; apertar a borboleta da trava do tirante; depor no sólo a parte anterior do do reparo, erguendo-o pelas pernas trazeiras; desapertar as borboletas das travas das pernas trazeiras; dobrar as pernas trazeiras; apertar as borboletas travas das pernas trazeiras.

c) Alimentar a metralhadora.

Segurar o carregador com a mão esquerda, de maneira que a parte concava fique voltada para a frente; introduzir o bico do boccal do carregador no respectivo encaixe do receptor; fazer pressão no carregador, da frente para traz e de cima para baixo, até que o dente do retem penetre na armela do boccal; nesse momento a cabeça do retem da mola do carregador afasta-se para a esquerda e dois cartuchos cáem no receptor — só então deve a arma ser engatilhada.

d) Retirar o carregador.

Com a mão direita, segurar o carregador proximo ao boccal, de fôrma que a aza do retem do carregador seja comprimida pela região hipotenar; fazer o carregador inclinar-se para a frente e retirar-o.

C — SEGUNDO MUNICIADOR

Receber dos remuniadores as bolsas contendo os carregadores cheios; passal-os ao 1.º municiaior; recolher todos os carregadores vazios, mettendo-os nas bolsas vazias, que são devolvidas aos remuniadores.

D — REMUNICIADORES

Aos remuniadores compete o remuniciamento immediato da peça, desde a posição de descarregamento da secção onde geralmente fica tambem seu posto de remuniciamento, até a posição de tiro. Os remuniadores transportam do posto de remuniciamento da secção as bolsas contendo carregadores cheios, entregando-as no grupo de tiro ao 2.º municiaior; recebem do 2.º municiaior as bolsas com carregadores vazios, entregando-as no posto de remuniciamento da secção.

III — FORMAÇÕES

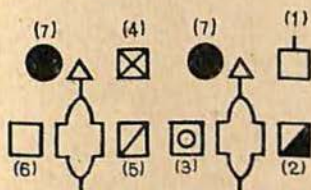
A Peça fórma em:

- linha em uma fileira;
- columna por um;
- formação para inspecção de pessoal e material.

A primeira é usada nas revistas; a segunda serve para as marchas e reunião; e a terceira, como seu nome indica, para inspecções.

a) Linha em uma fileira.

1.º Para o material — os cargueiros formam, um ao lado do outro; n.º 1 — cargueiro reparo, á direita; n.º 2 — car-



gueiro peça, á esquerda; intervalo entre os cargueiros 3 (tres) passos.

2.º Para o pessoal — o cargueiro n.º 1 — (1) cabo chefe de peça, do lado direito do luar e no alinhamento dos conductores; (2) 1.º municiaior, á direita e na altura do meio corpo do luar, cobrindo o cabo chefe de peça; (3) 1.º remuniador á esquerda do luar, no alinhamento do 1.º municiaior e cobrindo o conductor.

...eiro n.º 2 — (4) atirador, á direita do luar e no alinhamento dos conductores; (5) 2.º municizador, á direita do luar, no alinhamento do 1.º municizador e cobrindo o atirador; (6) 2.º remunicizador, á esquerda do luar, no alinhamento do 1.º municizador e cobrindo o conductor.

- Os conductores — (7), á esquerda de seus muares, segurando-os de accôrdo com o n.º 9 do Anexo n.º 1 do R. 10.

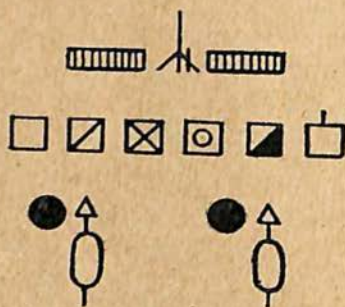
b) Columna por um

1.º Para o material — os cargueiros formam em columna, um atraz do outro, n.º 1 — cargueiro reparo á frente e a 4 (quatro) passos de distancia do cargueiro n.º 2.

2.º Para o pessoal — o cabo chefe de peça a 2 (dois) passos á frente do cargueiro n.º 1; atirador a 3 (tres) passos á retaguarda do cargueiro n.º 1 e cobrindo-o, os demais serventes e conductores guarnecem os cargueiros do mesmo modo que na formação anterior.



c) Formação para inspecção de pessoal e material.



Partindo da formação linha em uma fileira, ao commando "Formação para inspecção — Marche!" o cabo chefe de peça e os serventes deixam seus lugares e entram em fôrma em linha em uma fileira a 3 (tres) passos á frente dos cargueiros, na seguinte ordem da direita para a esquerda: cabo chefe de peça, 1.º municizador, 1.º remunicizador, atirador, 2.º muni-

ciador e 2.º remunicizador, com intervallos regulamentares de modo que aos 1.º e 2.º cargueiros correspondam respectivamente os 1.º e 2.º municidores.

O cabo chefe de peça commanda então — “Desequipar! Armas sobre as mochilas!” e todos procedem como no n.º 118 da 1.ª parte do R. E. C. I. (se a tropa estiver com o equipamento de campanha). Livres das armas e das mochilas o cabo chefe de peça commanda “Descarregar, material!” — os serventes rapidamente voltam aos seus primitivos lugares e iniciam o descarregamento do material, montando-o a 6 (seis) passos á frente dos cargueiros, de modo que a peça fique montada na direcção do meio dos intervallos entre os dois cargueiros, as bolsas de carregadores dispostas 8 (oito) de cada lado da peça, no alinhamento da cauda do reparo, com as tampas para traz e curvatura voltada para a peça e o estojo do cano sobresalente sob o reparo, com o fecho para cima e tampa para traz.

Finda a tarefa de cada um, os serventes vão entrando em fôrma atraz de suas respectivas mochilas.

O cabo chefe de peça commanda finalmente — “Equipar!” e todos procedem inversamente ao que diz o n.º 118 da 1.ª Parte do R. E. C. I.

d) **Reunião.**

Ao commando “Frente para tal ponto — Reunir!” a peça reúne, formando em columna por um, atraz de seu chefe.

IV — MOVIMENTOS, ALINHAMENTOS, PASSAGEM DE UMA FORMAÇÃO A' OUTRA.

A — MOVIMENTOS

Os movimentos em marcha são feitos geralmente, em columna, ao passo ordinario ou sem cadencia (animaes a passo), ao commando “Ordinario (sem cadencia) — Marche!”

Os movimentos na carreira são feitos em acelerado ou em marche-marche (animaes a trote), ao commando “Acelerado — Marche!” ou “Marche-Marche!”

Os movimentos na carreira só são empregados para pequenos deslocamentos ou quando a situação o exigir.

As mudanças de direcção em marcha, são feitas como está prescripto no R. E. C. I., e o mesmo acontece nas mudanças de frente a pé firme.

Ao commando: “Meia volta — Volver!”, o pessoal acompanha o deslocamento dos cargueiros, guiados pelos conducto-

res, como determina o R. E. C. I. e o n.º 13 do Anexo n.º 1 do R. 10.

B — ALINHAMENTOS

Os alinhamentos são obtidos e rectificadados como está prescripto no R. E. C. I.

C — PASSAGEM DE UMA FORMAÇÃO A' OUTRA

a) Da linha para a columna:

Ao commando: "Columna por um — Marche!", o chefe de peça desloca-se para a frente, seguido do cargueiro n.º 1, que marcha 2 (dois) passos á retaguarda; o atirador avança 3 (tres) passos á retaguarda do cargueiro n.º 1, e seguido do cargueiro n.º 2; os outros serventes guarneecendo, acompanham seus cargueiros.

Esta mesma formação pôde ser obtida por "Direita (esquerda) — Volver!" passando o cabo chefe de peça e o atirador respectivamente para a frente dos cargueiros ns. 1 e 2.

b) Da columna para a linha:

Ao commando: "Linha em uma fileira — Marche!" — o cabo chefe de peça fica firme, o cargueiro n.º 1 vem com sua guarnição collocar-se á sua esquerda de modo que o seu conductor fique no alinhamento do cabo e o 1.º municizador cobrindo o cabo; o cargueiro n.º 2 vem se collocar a 3 (tres) passos á esquerda do n.º 1 de modo que o atirador e o conductor fiquem no alinhamento cabo-conductor do cargueiro n.º 1 e os 2.º municizador e 2.º remunicizador no alinhamento do 1.º municizador — 1.º remunicizador.

Esta mesma formação pôde ser obtida por "Direita (esquerda) — Volver!" passando o cabo e o atirador da frente para a direita respectivamente dos cargueiros ns. 1 e 2.

V — CARREGAMENTO, DESCARREGAMENTO E TRANSPORTE DO MATERIAL

A — CARREGAMENTO DO MATERIAL

O carregamento do material é sempre feito partindo da formação para inspecção de pessoal e material ou da peça em bateria.

a) **Partindo da "Formação para inspecção de pessoal e material"**

1.º — A' ordem preparatoria "Desmontar o material!" — o atirador retira a metralhadora do reparo, colloca o guarda-mecanismo de couro e deita-se no sólo logo á direita da 8 (oito) bolsas de carregadores do cargueiro n.º 2, com a bocca para a frente e com a alavanca de manejo para cima;

— o primeiro municiaador dobra o reparo e colloca-o no chão com o berço para cima e para a frente, logo á esquerda das 8 (oito) bolsas de carregadores do cargueiro n.º 1;

— finda a desmontagem o atirador e o 1.º municiaador retomam seus logares.

2.º — A' ordem "Carregar o material!" os serventes sahém de forma e se dirigem ao material e procedem:

— **Primeiro cargueiro :**

— o 1.º municiaador suspendendo o reparo, com a mão esquerda nos tubos parallellos e tirante e com a mão direita na perna trazeira direita, leva-o no hombro esquerdo para a direita do 1.º cargueiro; colloca o reparo nos supportes da cangalha com a cauda para traz e com o berço para cima; auxiliado pelo 1.º remuniciador aperta as borboletas das garras do suporte anterior, ajusta e afivella as correiras de fixação do reparo; fixado o reparo em seus supportes, o 1.º municiaador, trazendo de cada vez duas bolsas de carregadores, dependura-as por suas argollas nos respectivos supportes do lado direito da cangalha, começando da frente para a retaguarda; ajusta e afivella as correias de fixação das bolsas de carregadores;

— o 1.º remuniciador, enquanto o 1.º municiaador colloca o reparo em seus supportes, pelo lado esquerdo do 1.º cargueiro, auxilia-o a fixar o reparo, apertando a borboleta da garra esquerda e afivellando as correias de fixação; traz depois, duas a duas, as bolsas de carregadores e procede como foi dito para o 1.º municiaador.

— **Segundo cargueiro :**

— o atirador, transportando a metralhadora sobre o hombro esquerdo, colloca-se do lado direito do cargueiro n.º 2 e põe sobre os supportes da cangalha, a metralhadora, com a coronha para a frente e com a alavanca de manejo para baixo. de modo que as garras do suporte dianteiro empolguem a coronha pelo delgado junto aos zarelhos; auxiliado pelo 2.º

remuniador aperta as borboletas das garras do suporte anterior, de modo a fixar bem a metralhadora;

— o 2.º municiador, logo que o atirador colloca a metralhadora, sobre ella depõe o estojo do cano, com o fecho para baixo e com a tampa para a frente; auxiliado pelo 2.º remuniador, ajusta e afivella as correias de fixação que abraçam o estojo do cano e a metralhadora; traz depois as bolsas de carregadores, duas a duas, procedendo do mesmo modo que foi dito para o 1.º municiador;

— 2.º remuniador, pelo lado esquerdo do cargueiro auxilia, primeiro o atirador e depois o 2.º municiador; afivelladas as correias de fixação do estojo do cano e da metralhadora, traz duas a duas as bolsas de carregadores, procedendo como foi dito para o 1.º municiador.

Nota — Si a tropa estiver com o equipamento completo, a desmontagem do material deverá ser precedida da ordem — “Desequipar — Armas sobre as mochilas!”; estando a tropa com o equipamento de guarnição a desmontagem do material será precedido da ordem — “Armas a tiracollo!”.

b) Partindo da peça em posição:

Como nesta situação o que se quer é ordem e presteza de movimentos, sem nenhuma preocupação de effeito, e também, não existindo uma formação rígida, o carregamento do material será feito tendo em vista:

— a ordem,

— a rapidez,

— a observação terrestre e aerea inimiga,

e seguindo sempre que possível, as normas estabelecidas na letra a) anterior.

B — DESCARREGAMENTO DO MATERIAL

O material póde ser descarregado de dois modos: para formação e para inspecção de pessoal e material e para transportar.

a) Para formação para inspecção de pessoal e material:

Estando a peça em linha em uma fileira, ao commando “Formação para inspecção — Marche!” o pessoal procede como foi dito na letra c do item III — Formações

O cabo chefe de peça commanda — “Descarregar — material!”.

Os serventes deixam os logares atraz de suas mochilas e rapidamente guarnecem os cargueiros descarregando o material como segue:

Primeiro cargueiro :

- o 1.º municizador, pelo lado esquerdo do cargueiro n.º 1, auxiliado pelo 1.º remuniciador, afrouxa as borboletas das garras do supporte anterior e desafivella as correias de fixação; com a mão esquerda segura o corpo do reparo pelos tubos parallelos e tirante e com a mão direita a perna trazeira direita, inclinando o reparo para a esquerda até que a alavanca do travão escape da garra; ergue o reparo e transporta-o sobre o hombro esquerdo, desdobra-o no ponto designado pelo cabo chefe de peça, com a mesma frente; retorna ao cargueiro e retirando duas a duas as bolsas de carregadores, as colloca logo á direita do reparo, com a curvatura voltada para elle e com as tampas para traz. Entra em fôrma atraz
- o 1.º remuniciador, pelo lado esquerdo do cargueiro n.º 1 auxilia o 1.º municizador a affrouxar as borboletas das garras do supporte anterior; desafivella as correias de fixação; regulando seus movimentos pelo 1.º municizador, retira duas a duas as bolsas de carregadores e as colloca juntamente e do mesmo módo, com as do 1.º municizador. Entra em forma atraz de sua mochila.

Segundo cargueiro:

- o atirador, pelo lado direito do cargueiro n.º 2, auxiliado pelo 2.º remuniciador afrouxa as borboletas das garras do supporte anterior; segurando a metralhadora com a mão direita no delgado e com a esquerda na camisa, retira a metralhadora; transportando-a sobre o hombro esquerdo, colloca-a sobre o reparo; retira o guarda-mecanismo de couro e colloca-o enrolado sob o reparo. Entra em fôrma atraz de sua mochila.
- o 2.º municizador, antes do atirador, pelo lado esquerdo do cargueiro, auxiliado pelo 2.º remuniciador, desafivella as correias de fixação do estojo do cano e da metralhadora; retira o estojo do cano e transporta-o sobre o hombro esquerdo, colloca-o sob o reparo, mais proximo da perna trazeira direita, com o fecho para cima e com a tampa para traz; retorna ao cargueiro e retirando as bolsas de carregadores, duas a duas,

colloca-as á esquerda do reparo com a curvatura voltada para elle e com as tampas para traz. Entra em forma atraz de sua mochila.

— o 2.º remuniador, pelo lado direito do cargueiro n.º 2, auxilia primeiro o 2.º municiador a desafivellar as correias de fixação e depois ao atirador afrouxar as borboletas das garras do suporte anterior; regulando seus movimentos pelo 2.º municiador, retira, duas a duas, as bolsas de carregadores e as colloca ao lado e do mesmo modo que as do 2.º municiador. Entra em forma atraz de sua mochila.

3.º — Cabo Chefe de Peça:

Quando os serventes voltam a guarnecer para descarregar o material o cabo chefe de peça assignala o ponto em que deve ser desdobrado o reparo e que fica a 6 (seis) passos á frente dos cargueiros e correspondendo ao meio do intervallo entre elles.

Descarregado, todo o material o cabo chefe de peça commanda "Equipar!" e todos procedem inversamente ao que manda o n.º 118 da 1.ª parte do R. E. C. I.

b) Para transportar :

Attingida a posição de descarregamento, que é sempre unica para ambas as peças da secção, ao commando — "Descarregar para transportar!", o cabo chefe de peça designando o local onde devem ficar depositadas as mochilas, ordena "Desequipar!" e em seguida "Armas a tiracollo!". Confia as mochilas á guarda do cabo conductor da secção. Os serventes voltam a guarnecer os cargueiros e iniciam o descarregamento do material do seguinte modo e, nesta ordem:

— cabo chefe de peça retira o estojo do cano sobresalente e conduzindo-o sobre o hombro esquerdo vae se postar a cerca de 15 (quinze) metros á frente do 1.º cargueiro;

— 1.º municiador, procedendo como foi dito anteriormente, retira o reparo e transportando-o sobre o hombro esquerdo vae se collocar atraz do cabo;

— atirador, procedendo como já foi dito, retira a metralhadora e transportando-a sobre o hombro esquerdo vae se collocar á retaguarda do 1.º municiador;

— 2.º municiador, pelo lado direito do 1.º cargueiro, retira duas bolsas de carregadores e conduzindo uma em cada mão vae se collocar á retaguarda do atirador.

Está constituido o grupo de tiro que acompanha o cabo chefe peça. Cerca de 10 (dez) passos atrás vêm os remuni-ciadores.

— 1.º remuniador, pelo lado esquerdo do cargueiro n.º 1. retira duas bolsas de carregadores e conduzindo-as uma em cada mão colloca-se 10 (dez) passos atrás do 2.º municiador.

— 2.º remuniador, retira uma bolsa de cada lado do cargueiro n.º 1 e conduzindo-as do mesmo modo que o 1.º remuniador, vae se collocar á retaguarda deste.

Aos dois remuniadores compéte o remuniciamento immediato da peça.

As restantes bolsas de carregadores continuam nos cargueiros.

C — TRANSPORTE DO MATERIAL:

Normalmente o material "Madsen" é transportado em cargueiros, comtudo, graças ao seu peso reduzido e ao equipamento especial, póde elle ser transportado pelos serventes, desde que se os livre das mochilas.

Dada a condição da nossa companhia, de companhia de metralhadoras regimental, só cogitaremos do transporte normal em cargueiros e do transporte a braços, para entrada ou mudança de posição, isto é, para pequenos deslocamentos.

VI — ENTRADA EM POSIÇÃO DE TIRO

Estando imminente a entrada em posição, ao commando: "Preparar para o tiro!" o 1.º municiador desdobra o reparo, montando-o na posição (normal, alta, baixa, para o tiro anteaereo ou com boccal) e no local, designados pelo cabo chefe de peça procedendo de accordo com a letra a de B do item II destas instrucções.

O atirador retira o guarda-mecanismo de couro, enrola e o prende no cinto; abre a caixa da culatra; lubrifica abundantemente o mecanismo da culatra e os deslisadores da camisa; verifica com dois ou tres golpes da alavanca de manejo o funcionamento da arma.

A — ENTRADA EM POSIÇÃO :

Achando-se o chefe de peça na posição de tiro, convenientemente abrigado, tendo comsigo o estojo do cano; de frente

para o objectivo e apontando-o com o braço distendido, commanda: "Em posição !".

— O 1.º municador leva o reparo desdobrado e colloca-o á esquerda do cabo chefe de peça; enterra as garras das pernas até que as sapatas se apoiem no sólo e recebe do 2.º municador dois carregadores cheios, ficando do lado esquerdo da peça, prompto para alimentar-a.

— O atirador leva a metralhadora e colloca-a no reparo; colloca em seguida o cabo de disparo. Lubrifica as partes do reparo que soffrem attricto — arco posterior e freio recuperador. Toma posição adequada praa a execução do tiro.

— O 2.º municador, devidamente abrigado posta-se á esquerda e á retaguarda do 1.º municador, de modo que possa, sem se deslocar, lhe entregar na medida das necessidades os carregadores cheios e delle receber os vazios, que vão sendo collocados nas bolsas.

B — COLLOCAÇÃO DOS SERVENTES:

Estando a peça em posição os serventes se collocam :

— o cabo chefe de peça á direita do atirador, donde possa commandar o fogo da sua peça, observando o effeito de seu fogo, interrompendo-o quando julgar necessario ou quando ordenado pelo commandane da secção, e fazendo com que o atirador mantenha o fogo dentro do regime dado.

— o atirador se colloca á retaguarda da peça, em posição adequada á posição do reparo, e donde possa visar com sua arma o objectivo e manejar a alavanca de disparo, o punho de direcção e o punho serrilhado de elevação.

— o 1.º municador, desdobrado e collocado o reparo no local designado pelo cabo, colloca-se á esquerda da peça, a cerca de 0m,5, de frente para ella e na altura do alimentador.

— o 2.º municador, conduzindo duas bolsas de carregadores cheios, colloca-se á esquerda e á retaguarda do 1.º municador, de modo que possa passar-lhe os carregadores cheios e receber delle os vazios.

Para o reparo na posição baixa os serventes ficam deitados e para as posições normal e alta de joelhos, conservando os mesmos logares, como foi dito.

C — MUDANÇA DE POSIÇÃO:

O transporte do material para mudança de posição pode ser feito de dois modos: transporte do material desmontado e transporte do material montado.

O primeiro modo para os deslocamentos mais longos, o segundo é empregado nos deslocamentos de apenas alguns metros. No primeiro caso, ao commando "Desmontar para transportar!" cada servente retoma o material que trouxe por ocasião da entrada em posição e acompanha o chefe de peça da maneira que este indicar.

No segundo caso, isto é, quando o lanço for apenas de alguns metros, o cabo chefe de peça commanda successivamente:

"A braço!"

— O cabo, tendo na mão direita o estojo do cano, com a esquerda segura a perna anterior do reparo e conjunctamente com o atirador e o 1.º municiador, ergue a peça do sólo.

— O atirador, por fóra das pernas trazeiras do reparo e á direita da peça, com a mão esquerda segura o braço direito da cauda do reparo e conjunctamente com o cabo e o 1.º municiador, levanta a peça.

— O 1.º municiador, por fóra das pernas trazeiras e á esquerda da peça, com a mão direita segura o braço esquerdo da cauda do reparo e conjunctamente com o cabo e o atirador, levanta a peça; na mão esquerda conduz os dois carregadores que lhe foram entregues pelo 2.º municiador.

"Marche!"

Os tres serventes se põem em marcha seguidos pelo 2.º municiador conduzindo duas bolsas de carregadores.

"Em posição!"

Repousam a peça na posição indicada e cada um enterra as garras da perna do reparo que lhe fica proxima, até as sapatas se apoiarem no sólo.

VII — PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DO TIRO

Estando a peça em posição e os serventes a postos, ao commando "Alça tanto!", o atirador depois de alimentada pelo 1.º municiador, engatilha a arma e gradua a alça.

Ao commando: "Objectivo (tal ponto ou tal linha)!" "Tiro livre sem (ou com) ceifa!" ou "tiro concentrado", o chefe de peça observa o objectivo; o atirador aponta (para o

ponto mais importante da esquerda do objectivo, no tiro ceifante) e annuncia, em vóz alta, desde que a operação esteja terminada: "Prompto!"

O chefe de peça levanta um braço verticalmente (para ser visto pelo commandante de secção, mas tomando todas as precauções uteis para não o ser pelo inimigo) e informa — "Tal peça, prompta!"

Execução do tiro :

Ao commando "Fogo!", o atirador comprime a alavanca de disparo.

O cabo chefe de peça observa o effeito do fogo, faz corrigir a pontaria se necessario e mantem o fogo dentro do regime que lhe foi dado.

O 1.º municizador alimenta a arma.

Si o fogo se interromper repentinamente, o atirador abandona a alavanca de disparo, e pela alavanca de manejo engatilha a arma e procura continuar o tiro, salvo ordem contraria do chefe de peça.

O chefe de peça informa, então, em vóz alta: "Tal peça — incidente de tiro!".

Em seguida o chefe de peça, o atirador e o 1.º municizador procuram sanar o incidente; si houver porem, um cartucho alojado na camara e si a arma estiver muito aquecida, torna-se preciso que o dito incidente seja sanado em menos de trinta segundos, pois, poderá se verificar a combustão espontanea da carga do dito cartucho; caso isso não seja possivel, deve-se deixar esfriar a arma.

Quando a peça estiver em condições de atirar, carregada e reapontada, o chefe de peça levanta um braço e informa: "Tal peça — prompta!".

Quando, em virtude das necessidades do combate, a arma tiver disparado quinhentos tiros sem pausa, torna-se necessario mudar o cano, si as circunstancias o permittir.

— Tiro de festim — é executado empregando-se o reforçador de recuo para o tiro de festim, executado com cartuchos providos de bala de madeira.

Interupção momentanea e continuação do tiro:

Ao commando: "Suspender fogo!", todos os serventes repetem o commando; o atirador abandona a alavanca de disparo e continua a observar o objectivo. O 1.º municador alimenta a arma si o carregador estiver exgottado. Ao commando: "Fogo!", recomeça-se o tiro com os mesmos elementos anteriores.

Cessar o tiro:

Ao commando: "Cessar fogo!", todos os serventes repetem o commando; o atirador procede como já foi dito anteriormente e o 1.º municador retira o carregador.

Ao commando "Tal peça — limpeza!", trocar os canos e lubrificar o mecanismo da culatra e resfriar, limpar e lubrificar o cano substituido.

Si o cessar fogo tiver de ser seguido de um deslocamento, ao commando: "Cessar fogo!", "fechar as bolsas", o atirador e o 1.º municador executam o que ficou prescripto para o cessar fogo e o 2.º municador repõe os carregadores nas bolsas fechando-as em seguida.

Inspecção da metralhadora:

A inspecção da metralhadora e dos carregadores é obrigatoria antes e depois de qualquer exercicio em que se empreguem cartuchos de guerra, de festim ou de manejo.

O encarregado da inspecção colloca-se ao lado e á retaguarda da metralhadora, verifica se existe carregador no alimentador, faz executar dois golpes de segurança e manda abrir a caixa da culatra e passar uma escova no cano.

O atirador fecha depois a caixa da culatra.

A inspecção das metralhadoras é sempre passada por um official antes de deixar o terreno. Este official verifica os cartuchos de guerra ou festim, não empregados no exercicio, assim como si todos os estojos provenientes dos cartuchhos disparados foram devolvidos ao sargento encarregado do tiro. Passa igualmente inspecção nos mosquetões, fuzis, pistolas ou revolvers e cartucheiras. (R. T. A. P. — n.º 57).

Quartel em Pelotas, 12 de Agosto de 1935

Estudo analytico do funcionamento da metralhadora Madsen, modelo brasileiro, 1933

1.º Ten. Isnard de Albuquerque Camara, do 5.º R. I.

Ficha de instrucção n.º

Assumpto: Metralhadora Madsen — Funcionamento do mecanismo da culatra, durante o recuo.

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	OBS.
Recuo.	— A pressão se transmite ao bloco e o empurra para traz com a caixeta, onde elle está fixado pelo seu eixo.	Peças que compõem o mecanismo da culatra:
Causa — Pressão dos gases no fundo do estojo.	— Compressão da mola recuperadora: A cabeça da alavanca recuperadora vae deslizando pela corrediça da cauda da caixeta, e a sua noz empurrando para traz a haste, comprime a mola recuperadora.	— Caixeta
Efeito: Movimento do cano-caixeta para traz, e consequente:	— Retração do percussor: Com o recuo do cano-caixeta, a cabeça do cão escorrega da cauda da bigorna para o resvaladouro, cessando assim a pressão sobre a bigorna; em consequencia o percussor se retrahê por effeito da sua mola, e a bigorna oscilla para traz.	— Bloco
— compressão da mola recuperadora;	— Inicio da extração, abertura da camara e oscillação para traz do transportador:	— Percussor
— retração do percussor;	1) O espigão do bloco está ainda recuando entre os resaltos de fechamento do guia do bloco; aproxima o pé do extractor da rampa anterior (de accesso) do guia do extractor, e o obriga a subil-a, pelo que se ergue verticalmente indo a sua garra empolgar o culote do cartucho, o que se dá	— Extractor
— inicio da extracção;		— Transportador
— abertura;		— Bigorna
— oscillação do transportador para traz;		— Alavanca recuperadora
— extracção;		— Cão
— fechamento.		— Grande eixo
		— A Alavanca de manejo

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	O B S.
	<p>quando o seu pé trepa na plataforma do guia do extractor; continuâ assim emquanto percorre a plataforma; emquanto isto o espigão da sua alavanca vae subindo pela rampa anterior da sua corredeira, comprimindo portanto a mola, o que deixa livre o movimento do extractor.</p> <p>2) O espigão do bloco toca e começa a subir o resalto de rotação, obrigando o bloco a ir abrindo a camara, o que se verifica quando o espigão do bloco attinge a parte superior do resalto de rotação.</p> <p>3) O braço anterior da forqueta do transportador girando sobre o cavalete, obriga o braço superior do mesmo a girar para traz, onde permanece até o final do recuo.</p> <p>— Extracção e fechamento da camara :</p> <p>1) Quando o espigão do bloco attinge a parte superior do resalto de rotação, e o do alavanca do extractor a parte superior da sua corredeira, é o tempo do pé do extractor, que corria sobre a plataforma, cahir no degrão inferior do seu guia, oscillando em consequencia a extracção do cartucho que corre pelo guia de ejeccção abaixo, deitando se em seu leito.</p> <p>2) Desde o momento do inicio da sahida do estojo da camara, o espigão do bloco está em cima do resalto superior de espera; e no momento em que o estojo sahe da arma elle desce para cima do resalto inferior de espera, e se dá o fechamento.</p>	<p>— O braço superior vae se collocar atraz do novo cartucho introduzido pelo impulsor, na canelura do bloco.</p>

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	OBS.
<p>Avanço.</p> <p>Causa: Distensão da mola recuperadora, após o dente do gatilho soltar a alavanca recuperadora.</p> <p>Efeito: Avanço do cano-caixeta, e consequente:</p> <ul style="list-style-type: none"> — abertura da camara; — alimentação; — fechamento da camara; — elevação do extrator; — percussão. 	<p>A) Posição das peças no final do recuo:</p> <ul style="list-style-type: none"> — O bloco fechando a camara, com seu espigão apoiado sobre o resalto inferior de espera. — A alavanca recuperadora tem o seu entalhe preso pelo dente do gatilho, a mola comprimida, e a haste ultrapassando um pouco o seu olhal no batente na mola. — O cão tem o seu entalhe preso ao dente da armadilha. — O percussor retrahido. — O espigão da alavanca do extractor, na parte superior da sua corrediça, comprime a sua mola. — O extractor deitado no leito do guia. — O transportador deitado para traz, tem o seu braço superior atraz do cartucho que o impulsor introduziu na canelura do bloco. <p>B) O avanço:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Distensão da mola recuperadora: Apertando a tecla do gatilho, o seu dente solta a alavanca recuperadora que começa a empurrar o cano-caixeta, descendo a corrediça da cauda da caixeta em consequencia da distensão da mola recuperadora que a alavanca soltou. — Abertura da camara: Immediatamente o espigão do bloco cahe do resalto de espera inferior, determinando a abertura da camara. — Alimentação: Com o percurso do cano-caixeta logo após a abertura da camara, o braço posterior da forqueta do transportador bate no cavalete e este choque violento faz 	

com que seu braço superior, empurrando o culote do cartucho que já está na canelura do bloco, o introduza na camara, ficando portanto o transportador inclinado para a frente, mantendo o cartucho na camara.

- **Fechamento da camara:** No momento em que o cartucho é introduzido na camara o espigão do bloco está junto do resalto inferior de fechamento; e quando elle acaba de entrar, o espigão sobe por elle, mette-se por entre os 3 resaltos de fechamento, produzindo assim o fechamento da camara.
- **Elevação do extractor:** Como o extractor estava deitado sobre o leito do seu guia, e mantido nesta posição pelo bloco que desliza por cima d'elle (enquanto o espigão andava lá por cima do resalto de rotação), dando-se o fechamento da camara, o bloco se liberta, e pela acção combinada da alavanca do extractor e sua mola elle se verticaliza descendo a rampa de accesso do seu guia.
- **Percussão:** Após o fechamento da camara, a alavanca recuperadora continuando o seu movimento para a frente, faz pressão para baixo sobre a rampa da armadilha, com o seu resalto, de modo que a armadilha baixando faz com que seu dente solte o entalhe do cão o qual se inclina para a frente violentamente por effeito da sua mola que se distende, e vae se chocar com a bigorna, a qual transmite o choque á cauda do percussor que comprime a sua mola vae percutir a capsula do cartucho.

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	OBS.
<p>Avanço.</p> <p>Causa: — Distensão da mola recuperadora.</p> <p>Efeito: Permittir o:</p> <p>— avanço do cano-caixeta, e consequente:</p> <p>— disparo.</p>	<p>Posição das peças após o engatilhamento:</p> <p>— Tecla do gatilho para a frente (posição normal), portanto com o corpo levantado pela sua mola (apoiada no guarda-matto), e com seu dente segurando a alavanca recuperadora pelo seu entalhe.</p> <p>— A armadilha — Uma vez que a alavanca recuperadora está erguida, o seu resalto deixa livre a armadilha, portanto ella está levantada pela sua mola (tambem apoiada no guarda-matto), e com o seu dente segurando o cão pelo seu entalhe, estando o cão como já dissemos, em pé, pois é o final do recuo.</p> <p>O avanço:</p> <p>a) — Accionando a tecla do gatilho, baixa-se o seu corpo comprimindo a mola.</p> <p>— Baixando-se o corpo, baixa o corpo do gatilho que é feito nelle, e portanto solta-se a alavanca recuperadora, permittindo o avanço do cano-caixeta.</p> <p>— Quando a alavanca está quasi no final do avanço, o seu resalto toca a rampa da armadilha forçando-a para baixo, comprimindo assim a respectiva mola.</p> <p>b) — Baixando-se a armadilha, o seu dente solta o entalhe do cão, permittindo o avanço deste, que como sabemos, vae occasionar o disparo.</p>	<p>Mecanismo de disparo.</p> <p>Peças que o compõem:</p> <p>— Guarda-matto</p> <p>— Gatilho</p> <p>— Armadilha</p>

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	OBS.
<p>Recuo.</p> <p>Causa: — Recuo no cano-caixeta pela pressão dos gases.</p> <p>Efeito: — Engatilhamento.</p>	<p>Posição das peças no final do avanço:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Gatilho — com a tecla ligeiramente para traz, corpo baixado comprimindo a mola. — Armadilha — baixada pela pressão sobre ella exercida pelo resalto da noz da alavanca recuperadora, comprimindo portanto a sua mola. <p>O recuo :</p> <ul style="list-style-type: none"> — Com o recuo do cano-caixeta, já vimos como vêm para traz a alavanca recuperadora e depois o cão. — A' proporção que se levanta a alavanca, o seu entalhe vae se approximando do dente do gatilho, terminando por nelle se prender, pois cessada a pressão sobre a decla, o gatilho se levanta por effeito da sua mola. — Levantando-se a alavanca o seu resalto vae descendo a rampa da armadilha até abandonal-a, e portanto a armadilha vae se elevando por effeito da sua mola, até que o cão, que vem se elevando por estar subindo o seu resvaladouro, prenda o seu entalhe no dente da armadilha. 	
<p>Causa: — A mão do atirador.</p> <p>Efeito: — Permittir:</p> <ul style="list-style-type: none"> — O livre funcionamento da arma. — Traval-a. 	<ul style="list-style-type: none"> — O retém em F — O resalto não impede o funcionamento da arma. E' a posição do retém para o tiro. — O retém em S — O resalto se intromette por baixo da armadilha, não permittindo assim que o cão se abaixe; e por baixo do saliente do gatilho, evitando com isto que se dê 	<p>Registro de segurança.</p> <p>Peças que o compõem:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Haste

PHASE	EXPOSIÇÃO	OBS.
— Preparal-a para a desmontagem.	o abaixamento da alavanca recuperadora. E' a posição de travamento da arma. — O retém em D — O resalto se intromette apenas por baixo da armadilha, não deixando deste modo que o cão se abaixe, e portanto evitando uma possível percussão. E' a posição para a desmontagem da arma.	— Alavanca — Retém num só bloco.

Ficha de instrução n.º

Assumpto: Armamento — Funcionamento do alimentador.

PHASE	EXPOSIÇÃO	OBS.
<p>Recuo.</p> <p>Causa: — Movimento para traz do cano-caixeta. O braço curto do impulsor desce a rampa da caixeta, na primeira phase do recuo.</p> <p>Efeito: — Alimentação da arma:</p> <p>— Introdução do cartucho no bloco.</p>	<p>— E' introduzido o carregador no receptor, e neste momento a cabeça do retém da mola do carregador é afastada para a esquerda pelo proprio receptor, deixando cahir o primeiro cartucho no seu alojamento que é ao lado direito do impulsor, pois neste instante (final do avanço), o braço curto do impulsor subiu a rampa da caixeta, obrigando-o a girar da direita para a esquerda.</p> <p>— A mola do impulsor força-o sempre a se rebater contra a caixeta, isto é, força-o sempre a girar da esquerda para a direita em torno da arvore.</p> <p>— No início do recuo, o braço curto do impulsor, que é onde repousa a bala, desce a rampa da caixeta, fazendo com que a sua parte esquerda que forma a parede esquerda do alojamento do cartucho, introduza-se entre o primeiro</p>	<p>Alimentador. Peças que o constituem:</p> <p>— Receptor — Impulsor — Arvore</p>

P H A S E	E X P O S I Ç Ã O	OBS.
<p>Avanço.</p> <p>Causa — Movimento para frente do cano-caixeta. O braço curto do impulsor sóbe a rampa da caixeta na ultima fase do avanço.</p> <p>Efeito — Alimentação da arma:</p> <p>— Introducção do novo cartucho no seu alojamento, no fundo do receptor.</p>	<p>cartucho que cahiu n ofundo do receptor e o seguinte, afim de impedir o avanço dos dois ao mesmo tempo.</p> <p>— Continuando o seu movimento para traz, no final do recuo a caixeta fica com a sua janella em coincidencia com o impulsor que por ella o cartucho para a canelura do bloco, que como vimos na ficha n.º... está na posição mais baixa. O cartucho, como sabemos da mesma ficha, quando é introduzido na canelura do bloco vae se collocar na frente do transportador, cujo movimento tambem já estudamos.</p> <p>Assim a arma está alimentada.</p> <p>— O impulsor se mantem nesta posição (parte esquerda do alojamento do cartucho, fechando este alojamento), até o final, quasi, do avanço, que é quando o braço curto do impulsor começa a subir a rampa da caixeta obrigando assim ao que forma a parede esquerda do alojamento do cartucho, a girar para a esquerda, abrindo novamente este alojamento, permittindo que nelle caia o segundo cartucho.</p>	

NOTICIARIO E VARIEDADES

Symbolos, Distinctivos e sua significação na vida dos povos — Bandeiras brasileiras

Conferencia realizada pelo Capitão SYNVAL DE CASTRO E SILVA FILHO, no dia commemorativo da adopção da Bandeira Nacional, em 19 de Novembro de 1936.

Disse Antonio Austegesilo, o psychiatra illustre e traductor emerito dos sentimentos humanos: "O instincto humano é de victoria e o sentimento de força ou predominio o mais natural de todos. O triumpho biologico, sociologico, sentimental ou intellectual é o programma natural de quem vive".

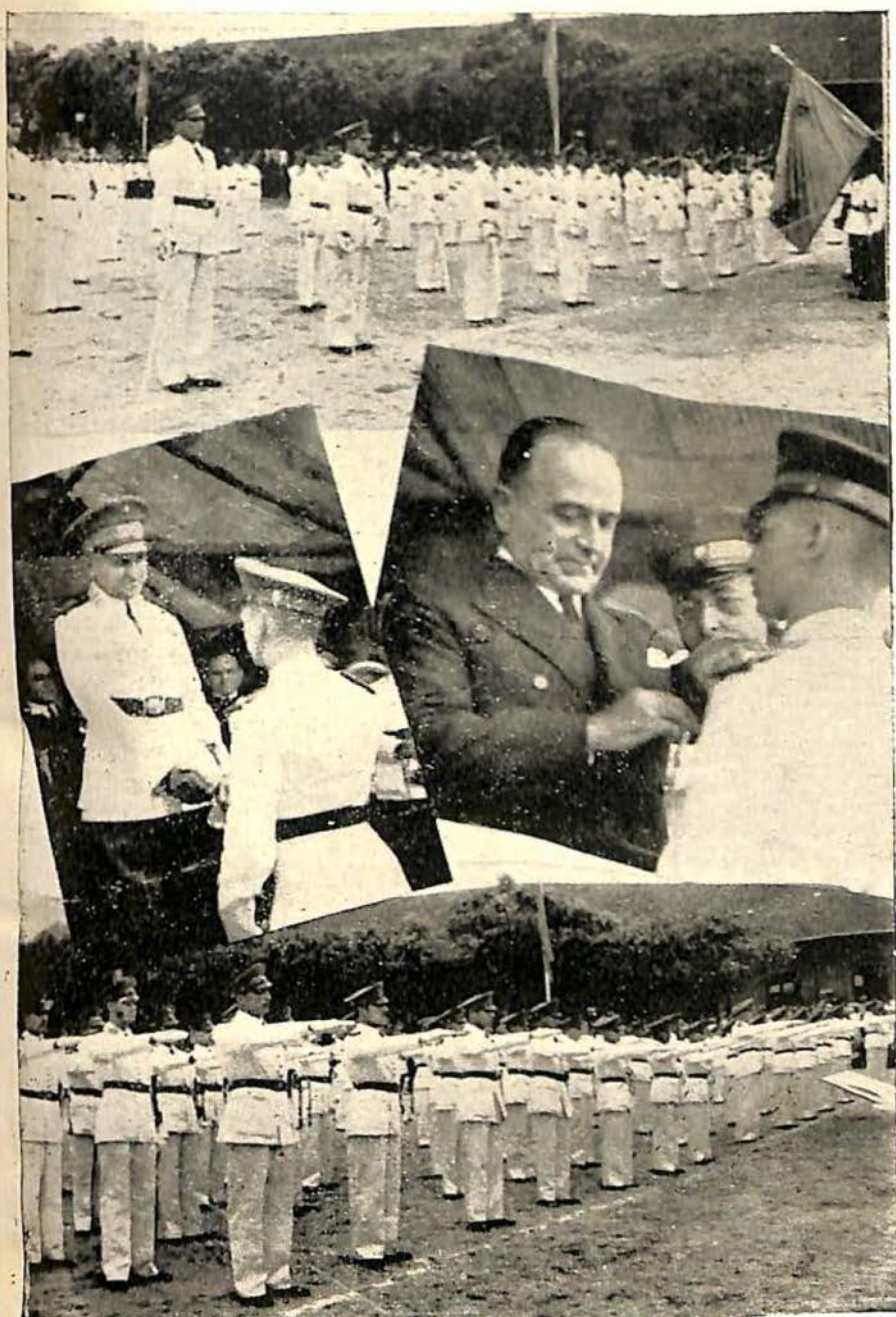
Baseados, certamente, nestes conceitos que positivamente sempre povoaram a mente dos dirigentes e obreiros do desenvolvimento da crescente potencialidade do genero humano, — na Grecia antiga, dos tempos Olympicos, atiravam-se pelas escarpas do desfiladeiro de Taygeto, as creanças que nasciam vencidas, isto é, que por sua construcção debil, defeitos physicos ou de formações organicas, não offereciam, logo aos primeiros vagidos, garantias de triumphos na vida, que era a lucta iniciada. Seguiam-se, com os recém-nascidos julgados capazes, os cuidados, adestramentos e preparos para a victoria, que o determinismo da propria criação lhes tinha reservado. Vinham depois as competições athleticas, as marathonas, e, por fim, as guerras em busca do triumpho do mais forte, do mais destro, do mais capaz.

E' da historia dos povos, em cada seculo de sua vida e evolução, — o desenrolar de luctas, cada vez mais encarniçadas, — pela imposição da vontade, predominio de ideias e de crença, pela hegemonia de raças e dilatação de dominios.

E assim a humanidade evoluiu perennemente, a despeito das difficuldades e sacrificios que teve de superar, num rythmo mais ou menos accelerado, — conforme o dynamismo dos seus leaders, — nas differentes épocas e gerações, destacadas pelos esplendores que as notabilisaram.

"A perpetua lucta das raças é a lei da historia", diz Gumplo-wicz, na sua obra "La lutte des races"; e o grande Gustavo Le

“S E I V A F O R T E”



Aspectos do juramento dos novos aspirantes a official.



A turma da Escola do Estado Maior em estagio na Aviação.

Bon, sentença que “todos os povos possuem uma alma”, quando investiga o espirito das massas no seu trabalho analytico: “Lois psychologiques de l’evolution des peuples”.

O espirito e tendencia das raças se definem e a historia da humanidade se vae formando, continuamente, verdadeira ou não, ligada ás varias regiões do planeta. Seja nos livros de Moysés, o propheta da Historia Sagrada e demais illuminados, seja pelas pennas de Herodoto, Xenophonte, Dionysio, Guilherme Ferrero, Duruy, Honcken e outros historiadores, contemporaneos, — vae-se erigindo o edificio da tradição, — herança, — rasto luminoso das gerações que se foram.

“O culto da tradição, nos disse o vigoroso e brilhante publicista paulista Eduardo Prado, num discurso pronunciado no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em 1898, o culto da tradição, — é a força, a luz, o ensino e a manifestação mais sagrada das raças, — a cadeia que assegura a solidariedade das gerações”. Podemos concluir, com muito acerto, que a tradição é pura e simplesmente a columna mestra em que se apoiam os edificios das Nações, é a alma da vida dos povos.

O homem, aferrado ao mysticismo atavico que o domina desde sua criação, não podia fugir á concretização, á representação dos anseios de preponderancia, de sublimação do seu ego, das glorias passadas, das conquistas memoraveis, — de sua tradição e sua crença.

E a tradição, como crença, foram symbolisadas, cultuadas differentemente, em cada cyclo de sua evolução na senda do progresso.

“O symbolo é uma necessidade humana” disse Giovanni Marchesini, e, “tudo é symbolo em tudo”, reza uma sentença occultista...

Não se privou, jamais, a humanidade de solver suas necessidades, de cumprir os imperativos do seu destino. Crearam-se os symbolos que evoluíram sempre e sempre, como se vê da historia dos povos, representando tradições, gloria e o seu passado.

Dos livros de Moysés, o propheta e legislador da Historia Sagrada, constam referencias ás congregações das tribus de Israel, em derredor dos estandartes e insignias dos seus Chefes.

Possuiam os antigos, emblemas, distinctivos e symbolos nacionaes, a que prestavam culto, defendiam com indizível fervor e sacrificavam em holocausto, conforme os ritos da época.

A historia faz referencia ao bezerro de ouro do obstinado povo de Israel, que a mediação de Moysés, no monte Sinai, evitou fosse consumado pelo furor do Senhor.

Os animaes sagrados que os egypcios ostentavam nas suas lanças; o sol divino e tutelar e a aguia de ouro que os persas de Cyro e Dario conduziam á peleja, em viaturas defendidas pelos seus melhores guerreiros; as insignias dos francos, saxões, godos, hunos e romanos, representadas por animaes taes como o lobo, o javali, o minotauro mythologico e mais animaes ferozes e fantasticos, — representavam os emblemas e symbolos da força, predomínio e evolução de taes povos.

Desde Caio Mario, o general romano vencedor dos Cimbros e dos Teutões, nos annos 101 e 102 A. C., o qual sete vezes se fez nomear consul de Roma, — as legiões das margens do Tiberis, passaram a ostentar, altaneira, a aguia conhecida na historia como a "Aguia dos romanos".

De madeira, prata ou de ouro, conforme o valor guerreiro das legiões que as conduziam, as aguias romanas tiveram destaque historico na época dos Cezares, — seja por feitos guerreiros destacados como a conquista de Gallia, durante Julio Cezar, — seja pelo esplendor incomparavel que marcou o reinado de Cezar Augusto, como o periodo mais brilhante da historia romana, — como Horacio, Virgilio, Tito Livio, Mecenas, Ovidio e outros que levaram ás culminancias, a poesia, historia, eloquencia e as letras latinas.

De par com as insignias, assignala a historia, levavam as legiões e cohortes, pequenas bandeiras ou estandartes com as divisas estereotypadas nas suas dobras, os nomes dos seus chefes, effigies de animaes, phrases, palavras ou letras, que tinham, ou a que emprestavam peculiar significação.

Com o decorrer dos tempos, foi-se tornando mais e mais usual o uso dos labaros, estandartes e bandeiras, enquanto iam sendo abandonados os emblemas representativos de animaes.

Ainda é dos nossos dias, o uso pelos allemães e austriacos, povos tradicionalistas e visceralmente conservadores, da aguia encimando o capacete de aço de suas guardas imperiaes. Os "husards da morte", ostentavam no seu barrete de pelles, o distinctivo impressionante de uma caveira em miniatura, encimando duas tibias cruzadas.

Pendentes, pelo centro, a um só, presos de um e de outro lado, a dois mastros, — os labaros ou estandartes, — só no seculo

XV passaram a ter a forma de suspensão hoje adoptada pelas bandeiras, isto é, a ser presos por um dos lados, a um mastro só, terminando seja em forma de lança, de alabardo, seja por uma cruz, uma esphera ou uma aguia.

A historia gravou em suas paginas eternas, um lance memoravel da evolução que vos fallei acima. Foi quando de sua victoria sobre Mascencio, que, vencido junto aos muros de Roma, se afogou nas aguas do Tibre, — Constantino I, o Grande — decidiu a hegemonia do christianismo sobre o paganismo. Implantando, então, o christianismo no tradicional Imperio Romano, com a publicação do edito de Milão no anno 313 de nossa era, Constantino modificou o labaro imperial. No rectangulo côr de purpura, recamado de pedras preciosas e trabalhado a ouro, substituiu o busto do imperador, pelo monogramma de Jesus Christo. Na extremidade superior do mastro a que era suspenso o labaro magnifico e esplendoroso, succedeu á aguia imperial, a cruz promissora do Senhor Jesus.

In hoc signo vinces, foi a legenda electrizante que arrastou torrentes humanas, durante muitos seculos, ao fragor de batalhas memoraveis cujos desenlaces épicos colimaram pelas Cruzadas, — aventuras perigosas, em numero de oito, que levaram os guerreiros christãos mais devotados da Europa, contra os mulsumanos do Oriente, para impor-lhes sua civilização, sua crença e seus costumes.

Tiveram, então, os symbolos, o uso mais dilatado, a significação mais eloquente.

Bandeiras occidentaes de par com os pendões dos cavalleiros medievaes mais illustres, as cruzes das ordens religiosas, os gonfalões clericaes, inflamando hostes guerreiras de bravura sem par e desprendimento innegualavel, chocavam-se em batalhas sangrentas, com as ordas sarracenas, que agiam sob a pretença protecção das crescentes temiveis do Islam, ao tremular dos estandartes regionaes. Pendões riquissimos, com as dimensões e matizes mais variados, guardados pelos guerreiros mais valorosos, eram levados em carros fortissimos, puchados por alimarias robustas e amestradas ao fragor de batalhas cruentas. Taes carros, que os italianos denominavam de *carrocio*, tinham distinctivos caracteristicos. Ao redor delles, em sua defesa e para sua gloria, correram caudaes de sangue escarlata e morno, que regaram o idealismo e a ambição dos guerreiros de antanho.

Hoje, como sempre, os symbolos continuarão a desempenhar o papel electrizante do seu destino, — seja de conquista ou ambição incommensuravel, — seja de concordia, paz, de progresso.

Depois de estudarmos o papel dos symbolos na vida dos povos — como factor de cohesão e integridade das nações apreciemos a origem e as modificações por que passou nossa bandeira.

Façamol-o nas diferentes phases da evolução politica de nosa terra, nos quatro seculos de sua existencia no conceito das nações, isto é, — Brasil Colonia, Reino, Imperio e Republica.

BRASIL COLONIA

Do anno de 1500 ao de 1816, — que tanto durou o periodo do Brasil-colonia, — quatro bandeiras officiaes differentes, congregaram os habitantes deste Canaan, — que é a nossa terra, — sem incluir ás bandeiras francezas e hollandezas, que tiveram dominio ephemero sobre pequenas porções de territorio do nosso paiz, — logo expurgado pela tenacidade e bravura de nossa gente.

Tremulou primeiro, junto ao altar em que frei Henrique de Coimbra, celebrou a missa em acção de graças, nas praias doiradas de Porto Seguro, na Bahia, — dominadora e heroica, — a tradicional bandeira da "ordem portugueza de Christo", trazida de alem mar, pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral. Branco, — a suggestiva e singela cruz vermelha estampada em suas dobras, — os braços abertos como um appello ao amplexo da civilização e da fé, — os navegantes portuguezes levaram tão formoso pendão, numa affirmacão insophismavel de valor e arrojo, — a todas as regiões do globo, — "por mares nunca dantes navegados", — na expressão de Camões, o vate illustre que viveu e decantou seus feitos memoraveis.

Tres outras bandeiras tremularam em nosso torrão, durante o periodo do Brasil-colonia, — todas, com o mesmo campo branco.

Após a restauração do throno portuguez e os laureis conquistados nas batalhas de Montijo, em 1644 e de Tabocas, em 1645, — D. João IV o Restaurador, rei de Portugal — elevou o Brasil á categoria de principado, em 27 de Outubro de 1645, — conferindo ao seu filho Theodesio, o titulo de "principe do Brasil", — denominação honorifica que dahi por diante foi transmittida aos herdeiros da corôa de Portugal. A cruz foi então substituida pela aurea esphera armillar de D. Manoel, — a divia anteriormente

creada por el-rei D. João II, o "Príncipe perfeito", rei de Portugal, quando "ordenara casa" áquelle que havia de succeder-lhe em 1495.

Foi sob a egide dessas duas primeiras bandeiras que espantaram sob o ceu do Brasil, que se creou e desenvolveu o espirito pátrio da nacionalidade, — retemperado nas luctas pela expulsão dos francezes e holandezes e reafirmado nas conquistas heróicas dos bandeirantes paulistas, que em investidas homéricas pelos sertões desconhecidos do nosso "hinterland", levaram a colonisação e as fronteiras do Brasil, onde seu arrojo e ambição patriótica seriam capazes de atingir... Legaram-nos o Brasil grandioso de nossos dias.

Acosada pelas tropas francezas que sob o commando do General Junot, invadiram Portugal no principio do Seculo XIX, — a familia real portugueza deixou Lisboa, precipitadamente, vindo instalar-se no Rio de Janeiro, onde chegou a 7 de Março do anno de 1808.

De então por diante, dizem os historiadores, passaram a tremular indistinctamente, no Brasil, seja a antiga bandeira portugueza, representando apenas as quinas multicores, — seja estampando a corôa real sobreposta aos escudos de Portugal e Algarve, — em ambos os casos, em campo branco.

BRASIL REINO

Proclamado publicamente, o Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves, pela carta de lei expedida no paço de S. Christovão, em 16 de Dezembro de 1815, deu-se á bandeira uma forma que traduzisse a nova expressão politica que enfeixava Portugal e seus Dominios. Foi adoptado o triplico brasão, — a aurea esphera armillar do Brasil em fundo azul, os escudos de Portugal e Algarves, com a corôa real sobre-posta, sendo tudo disposto em campo branco.

Tal bandeira, congraçante dos vastos dominios da casa real de Bragança, espantou no tempo dos mastros, no Brasil, até que na ampulheta dos tempos escoassem os ultimos instantes da hegemonia politica de Portugal sobre os nossos destinos, isto é, até o dia 7 de Setembro do anno de 1822, quando ... Pedro de Orleans e Bragança, fazendo echo ao grito que soava unisono na consciencia e coração de todos os brasileiros, declarou a nossa eman-

cipação politica, nas margens do riacho Ypiranga, no Estado de S. Paulo, ao grito de "Independencia ou Morte".

Acto continuo, numa arrancada soberba que só no merito do acto que vinha de praticar e na impetuosidade de seu temperamento encontra explicação, o principe D. Pedro alcançava o Rio de Janeiro em poucos dias de cavalgada, no "proposito deliberado de levar a termo o movimento que vinha de iniciar".

Aqui chegando, nos tres primeiros actos officiaes de após a independencia de nossa Patria, D. Pedro firmou categoricamente a divisa e as cores nacionaes, que ostentou, ufano, na representação do Theatro S. João, no dia seguinte á sua chegada da Paulicéa, arrancando aos circunstantes ovações entusiastas.

No primeiro acto estabeleceu que todo o portuguez, europeu ou brasileiro, que abraçasse o novo systema politico do Brasil e estivesse prompto a defendel-o, usaria, "por distincção, a flor verde dentro do angulo de ouro, no braço esquerdo, com a legenda "Independencia ou morte".

No segundo, decidiu da conveniencia de "dar ao Reino do Brasil um novo Tope Nacional", e ordenou: "O laço ou Tope Nacional Brasileiro, será composto das cores emblematicas: verde de primavera e amarello d'ouro na forma do modelo annexo a este Decreto. A flor verde no braço esquerdo, dentro d'um angulo d'ouro, ficará sendo a divisa voluntaria dos Patriotas do Brasil, que juraram o desempenho da legenda independencia ou morte, lavrada no dito angulo".

No terceiro acto desta historicas e notavel data, foram prescriptos os matizes com que compareceriamos, no mesmo pé de egualdade, ao confronto das nações independentes, quanto á forma e disposição na Bandeira e no Escudo d'Armas.

E assim discorre aquella peça memoravel, traçada (certamente, pelo paladino de nossa independencia, — o constructor dos alicerces da nossa estrutura politica liberal, — o grande José Bonifacio de Andrada e Silva.

"Havendo o Reino no Brasil, de quem sou Regente, e Perpetuo defensor, declarado a sua emancipação poltica, entrando a occupar na Grande Familia das Nações o lugar que justamente lhe compete, como Nação Grande, livre e independente; sendo por isso indispensavel que elle tenha um Escudo Real d'Armas que não só se distingam das de Portugal e Algarve, até agora reunidas, mas sejam caracteristicos deste rico e vasto continente: e desejando eu que se conservem as Armas que a este Reino foram dadas pelo

Senhor Rei Dom João VI, meu augusto Pai, na Carta de lei de 13 de Maio de 1816, e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fora imposto no seu feliz descobrimento, e honrar as 19 Províncias comprehendidas entre os grandes Rios, que são os seus limites naturaes, e que formam a sua integridade que eu jurei sustentar: Hei por bem, e com o parecer do meu Conselho de Estado, determinar o seguinte: Será d'ora em diante Escudo d'Armas deste Reino do Brasil, em campo verde uma Esphera Armillar e de ouro travessada por uma cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma esphera de Dezenove Estrellas de prata em uma orla azul e firmada a Corôa Real diamantina sobre o Escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas de Café e Tabaco, como emblema de sua riqueza commercial, representados na sua propria côr, e ligados na parte inferior pelo laço da Nação.

A Bandeira Nacional será composta de um parallelogrammo verde, e nelle inscripto um quadrilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro deste, o Escudo das Armas do Brasil. José Bonifacio de Andrada e Silva, do meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade, Fidelissima, o Senhor Rei D. João VI, e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Extrangeiros, o tenha assim determinado, e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 18 de Setembro de 1822".

Seguiram-se no texto da Lei, a rubrica de S. A. R. o Principe Regente e a assignatura de José Bonifacio de Andrada e Silva, conhecido com justiça, como o Patriarcha da nossa Independencia.

Vida ephemera teve esta primeira Bandeira, genuinamente Nacional, muito nossa, concebida nas nossas plagas, quando não por brasileiros natos, pelo menos, por quem commungava da causa, vibrava com as aspirações nacionaes.

BRASIL IMPERIO

O ambiente foi-se impregnando da idéa da liberdade, foi-se desenvolvendo e avolumando o espirito da nacionalidade. Os ultimos reductos dos adversarios da causa gloriosa, — chefiados por Fidié, Madeira de Mello, Alvaro da Costa, — no Maranhão, Pará, Bahia e Cisplatina — foram ruindo ao embate do ardor e decisão dos seus adeptos.

Com a sua "Acclamação, Sagração e Coroação", no Campo de Sant'Anna, como "Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil", D. Pedro decretou em 1.º de Dezembro de 1822, a substituição pela "Corôa Imperial", da "Corôa Real diamantina firmada sobre o Escudo Real d'Armas", pelo Decreto Real de 18 de Setembro do mesmo anno.

D. Pedro I, Taunay e João Baptista Debret, conceberam ou collaboraram na confecção dos desenhos, e na distribuição das cores do primeiro, como do segundo pavilhão do Imperio. O Monarcha em pessoa, no dia 10 de Dezembro do mesmo anno, com toda a pompa e o maximo de solemnidade, perante grande massa de povo, nobres e o Senado da Camara incorporado, no Largo do Paço, — após abençoadas pelo Bispo, — passou ás mãos do Ministro da Guerra, Marquez de Lages, as bandeiras que foram distribuidas aos corpos de tropa da guarnição de terra, alli dispostos envergando o grande uniforme de parada. Um por um, foi prestando seu juramento, com profundo sentimento e grande enthusiasmo; e ao fim de todos, foram os auri-verdes pendões homenageados por uma salva de 101 tiros de artilharia.

Alçada no dia seguinte no topo dos mastros dos navios nacionaes surtos na Guanabara, foi nossa bandeira homenageada com salvas de artilharia, por cerca de duas dezenas de navios estrangeiros, que penetrados pelo enthusiasmo do ambiente, adiantaram-se aos respectivos governos na homenagem á independencia da Nação Brasileira, que despontava, heroica e viril, para a vida Internacional.

Tal bandeira, que tremulou graciosa, "estheticamente apreciavel e logicamente historica", — na expressão justa e feliz de Eurico de Góes, durante o "periodo illustre dos nossos factos", — que foi o imperio do Brasil, — soffreu pequena modificação, quanto ao numero das "Estrellas de prata contidas na orla azul" que encerrava o Escudo de Armas do Reino do Brasil.

Creada apenas com dezenove, apresentou-se a Bandeira Imperial com vinte estrellas, nos ultimos momentos do Segundo Imperio, sem que de tal modificação se saiba de qualquer acto official ordenatorio. Varios estudiosos do assumpto, explicam que a alteração do numero de estrellas representativas das Provincias do Imperio, deve ter sido determinada pelo desligamento da Provincia Cisplatina, em Abril de 1829 e á criação das Provincias do Amazonas e Paraná, respectivamente em 1850 e 1853.

BRASIL REPUBLICA

Recolhido do pedestal de Glorias, a que fôra alçada nos campos de Batalha, como no terreno das sciencias, letras e conquistas sociaes, pela bravura e alto descortínio de seus filhos, — com a proclamação da Republica, no nosso paiz, em 15 de Novembro de 1889, dias após voltava a tremular radiosa, no seu todo, a mesma, — como nas côres, como no espirito de representação dos Estados. Mais gloriosa ainda, porque assistia á mudança do regimen de Governo do Paiz sem manchar suas dobras no sangue dos seus filhos idealistas e abnegados.

Apeada do poder e banida do Brasil a Familia Imperial reinante, nos primeiros dias da transição, até que se firmasse a Republica, foi adoptada uma bandeira por demais ephemera, — copia grosseira da bandeira dos Estados Unidos da America do Norte, — onde os fundadores da Republica, sorveram os principios basicos para a implantação da metamorphose do Governo do Estado. Adoptada por menos de uma semana, — foi um espécimen da "provisoria plagiata", no dizer de Eurico de Góes, — de listas horizontaes verdes e amarellas, com as estrellas a um canto, — após fluctuar no mastro do paquete "Alagôas", que levou para a Europa a Familia Imperial exilada, — foi recolhida ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, catalogada em 1905, sob o n.º 285, 4.ª Secção, onde poderá ser vista.

O auri-verde pendão, muito nosso, por suas glorias e tradições, após pequena modificação decorrente da transformação por que passou o Regimen de Governo, — voltou a concretizar os anseios dos brasileiros, pelo decreto n.º 4, de 19 de Novembro do anno em que foi proclamada a Republica dos Estados Unidos do Brasil. Assim discorre o decreto que restabeleceu o symbolo que merecidamente hoje commemoramos.

"O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil: — Considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do Exercito e Armada na defesa da Patria, considerando, pois, que essas côres, independentemente da fórmula de governo, symbolisam a perpetuidade e integridade da Patria entre as outras nações; Decreta:

Art. 1.º — A bandeira, adoptada pela Republica mantem a tradição das antigas côres nacionaes, verde e amarello, do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sen-

tido obliquo e descendente da direita para a esquerda, com a legenda, — “Ordem e Progresso” — e pontuada por vinte e uma estrellas, entre as quaes as da constallação do Cruzeiro, dispostas em sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte Estados da Republica e Municipio Neutro, tudo segundo modelo debuxado no annexo numero 1.

Art. 2.º — As armas nacionaes serão as que figuram na estampa annexa ao numero II (Nota — No annexo II do Dec. 4 de 19 de Novembro de 1889, vê-se estampada uma estrellas de cinco pontas, — verde-amarellas, — suspensa de um gladio disposto verticalmente e em cujo punho, em meio ao cruzamento da guarda, ha uma estrellas preta solitaria. Aberta interiormente num circulo em que se ostenta a constellação do Cruzeiro e que é encerrado por uma orla azul, onde são dispostas 20 estrellas representativas dos Estados da União. E’ tal estrellas circumdada por dois ramos de café e tabaco, cujo ponto de junção, no punho do gladio, é coberto por uma fita em que se lê: “Estados Unidos do Brasil — 15 de Novembro de 1889”).

Art. 3.º — Para os sellos e sinetes da Republica, servirá de symbolo a esphera celeste, qual se debuxa no centro da Bandeira, tendo em volta as palavras — Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Art. 4.º — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Sala das Sessões do Governo Provisorio, 19 de Novembro de 1889. — P. da Republica. — Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio. — Q. Bocayuva — Aristides da Silveira Lobo — Ruy Barbosa — M. Ferraz de Campos Salles — Benjamin Constant Botelho de Magalhães — Eduardo Wandenolk”.

Como o decreto acima transcripto, que crea o emblema, as armas e a bandeira da Republica, regulasse a utilização do emblema e das armas, mas fosse omisso quanto ao hasteamento da bandeira nacional, — pelo Dec. n.º 763, de 23 de Abril do corrente anno, foram estabelecidas “Instrucções para o hasteamento de bandeiras no territorio nacional”.

Oxalá que seja este ultimo decreto devidamente observado — o que não tem acontecido com o primeiro, pois que as armas e o emblema são usados irregularmente, pelos ministerios e suas dependencias, como qualquer observador, menos arguto que seja, poderá constatar sem esforço”.

Os desenhos da bandeira, emblema e armas da Republica, que foram creados pelo Decreto acima, são alguns escriptores accordes em dizer que foram feito por Decio Villares, lithographo chefe das officinas da Casa Laemmert, e que a legenda "Ordem e Progresso", "resumo da politica republicana" — "foi o legado deixado á sua Patria, por Benjamin Constant", — o inspirador e constructor intellectual da Republica, — discipulo fervoroso de Augusto Comte, o "fundador da dynamica social, para completar e desenvolver a estatica social, fundada por Aristoteles, demonstrando que as duas necessidades, de ordem e progresso, longe de serem irreconciliaveis, por toda parte se harmonisam". "Pois bem; é essa conciliação da ordem com o progresso que todo o brasileiro sente, e sem a qual não poderá existir a verdadeira fraternidade; é essa conciliação o que o nosso symbolo proclama. Progressistas e ordeiros podem hoje confraternizar; e essa confraternização é tanto mais solida, quanto a divisa foi hasteada após uma revolução progressista e triumphante. A nossa divisa significa que essa revolução não aboliu simplesmente a monarchia; que ella aspira a fundar uma patria de verdadeiros irmãos, dando á ordem e ao progresso as garantias que a historia nos demonstra serem necessarios á sua permanente harmonia". Quem teceu conceitos tão sublimes sobre a divisa inserta na banda zodiacal de nossa Bandeira, foi o grande escriptor maranhense, da propaganda republicana, Raymundo Teixeira Mendes, no Doc. 3, sobre a Bandeira Nacional, publicado no "Diario Official" de 24 de Novembro de 1889.

Camaradas! Venho de relatar-vos um pouco da historia da bandeira de nossa Patria, — relicario bemdito de nossas tradições — descripta sem brilho e sem rethorica, repassada, porem, de entusiasmo e são patriotismo.

Seja-nos permitido fazer, de passagem, ligeira referencia a tres bandeiras que tiveram vida ephemera, mas que definiram bem nitidamente, — a formação e evolução das tendencias do espirito da nacionalidade brasileira. Taes foram as bandeiras que concretisaram os anseios e impulsos dos patriotas da Conjuração Mineira, em 1789; Confederação do Equador, em 1817, e Republica de Piratiny em 1835, cujo idealismo, — retardado, disimulado, sufocado — afinal triumphante, implantou-se a 15 de Novembro de 1889, com a Republica Federativa dos nossos dias.

O auri-verde pendão que ahi vedes, camaradas — "palládio sacrosanto do patriotismo", no dizer eloquente de Eduardo Prado, — "suprema synthese da Patria Brasileira", na inspiração fe-

líz de Eurico de Góes — será o fanal radiante que guiará nosso patriotismo, a propugnar pelo Brasil sempre livre, muito mais forte e rico.

Doutrinou Emilio Bocquillon, “que o patriotismo é o instinto de conservação dos povos” e ou vos concito a todos, a que nos reunamos em torno do “palládio sacrosanto”, que perpetuará nosso Brasil, — traduzindo a pujança de suas florestas virgens e cafezaes interminos que ondeando sobre as colinas se derramam pelo sertão; reluzindo o ouro fulvo de suas minas; representando seu céu majestoso e estrellado, onde fulgura o Cruzeiro, — insignia vibrante dos princípios christãos que inspiraram nossos maiores á conquista dos mais assignalados triumphos, em todos os ramos da actividade humana.

Evoca o labaro da Patria, na magestade de suas linhas heraldicas, os louros colhidos ao aceno de suas dobras magestosas, enaltecendo a grandeza do seu destino, na defesa da Liberdade, na implantação da Ordem, no desenvolvimento do Progresso.

No altar da Patria erigido em nossas consciencias, confirmemos, camaradas, o mais sagrado juramento do soldado, que fizemos cheios de emoção, de conservar invicto e altaneiro o pavilhão do Brasil, tal como o recebemos de nossos antepassados.

Tudo façamos, camaradas, para que a Justiça do Futuro na voz da Historia, não nos aponte á execração dos herdeiros de nossa Tradição, como indignos de nossa Patria esplendorosa — o Brasil !

BIBLIOGRAPHIA

ANNOTANDO “ARMAMENTO PORTATIL”

(Casa Editora Henrique Velho — 1935)

1.º Ten. **Umberto Peregrino**

Seguramente já existe clima no nosso ambiente militar para a troca de idéas. As idéas também não faltam perdidas por ahi em livros e revistas. O que falta é a

N. R. — Estamos informados que na nova edição de “Arma-mento Portatil” serão levadas em consideração as referencias do Autor.

analyse, o exame dellas, explical-as, comparal-as, julgal-as. E' a critica. E', sim, a turma vai tomando pé rapidamente na "industria da materia legivel" como diria Huxley. A nossa literatura militar já é uma bonita e solida realidade. Póde não ser lá muito farta em creação e em assumptos daquelles altos que dão tremuras a nós outros, mas como instrumento de vulgarização já é bem apreciavel, e vai ajudando um bocado na cultura profissional dos nossos quarteis. Será esse, aliás, sem duvida nenhuma, ao menos por muito tempo, o seu grande e principal papel entre nós. Deve vir, porem, a critica seleccionadora, orientadora para completal-a. Não me engano. Sei que a coisa é difficil e ingrata. Exige "aquelle grau de cultura e disciplina moral, indispensaveis ao exercicio da livre analyse" como falava Sylvio Romero queixando-se de não o termos ainda attingido. Sem contar as descomposturas que o sujeito leva sempre que não consegue se desmanchar em applausos... Não creio, todavia, que entre nós pudesse succeder assim senão esporadicamente. A critica que eu reclamo é a de uma litteratura especializada, onde os assumptos são as mais das vezes scientificos ou technicos, movimentando-se dentro de doutrinas mais ou menos assentes, o que seguramente é uma garantia contra a exaltação das paixões. Mesmo por que é preciso não perder de vista que a critica é um estudo e não uma arrogancia".

Depois de todas estas considerações solemnes creio que posso entrar no desenvolvimento de umas notas que fui accumulando no manuseio frequente do volume "Armamento Portatil". E' um livro muito espalhado e seria realmente util si fosse bem feito. Sabe-se como são escassos os nossos regulamentos do armamento portatil, de modo que a idéa daquella compilação reunindo-os todos num unico volume, só devia ser muito opportuna e pratica. Mas o volume deixa mais a desejar. Não é em verdade nada pratico. A começar pelas gravuras, capitulo primeiro em qualquer livro sobre armamento. Pois as gravuras, alem de deficientes não são nitidas, nem claras, quanto mais coloridas como deviam. Vejam só a parte sobre pistola parabellum. Apenas uma gravura e esta mesma cega, sem uma seta indicativa, sem um

numero ou letra para identificação das partes. Até nem sei para que aquella figura, para não dizer logo que não sei para que aquelle capitulo sobre parabellum. Porque si no estudo das outras armas as gravuras ajudam muito pouco, no estudo da parabellum não ha gymnastica que dê geito. Atravessa-se da pagina 61 á 73 sem o menor risco de aprender pistola parabellum.

Com respeito ao mosquetão quasi nada. Apenas algumas das suas diferenças do fuzil, quando o que seria interessante era um estudo comparativo entre os dois. Comparar os dados numericos e balísticos de um e de outro, as tabellas de tiro, as ordenadas das trajetórias e a penetração de cada um.

Do F. M. Hotchkiss nada se fica sabendo relativamente aos seus dados numericos e balísticos. Não vem a tabella de tiro e sobre incidentes dá apenas a transcrição literal daquelle capitulo IV das "Instrucção Provisórias" approvadas em 1926. Mas um compilador bem informado não podia esquecer, neste assumpto, o quadro perfeito que se encontra numas "Instrucções do Fuzil-Metralhador" assignadas por Arthur Coelho de Souza (ten-cel.) e João Carlos Toledo Bondini (major) edição de J. Broders, Paris. Este quadro, á semelhança do que ha nas "Instrucções Provisórias de Metralhadora Automatica Hotchkiss", cataloga todos os incidentes possiveis com os seus caracteristicos principaes, secundarios, causas e modos de proceder. Não seria, por certo demais no volume que estudamos...

O capitulo sobre "Metralhadora Leve Hotchkiss" também não traduz a tabella de tiro, nem as ordenadas das trajetórias, nem o calculo das zonas perigosas, tudo é muito á mão no proprio regulamento donde o organizador de "Armamento Portatil" o copiou. Minha impressão, aliás, é de que o homem tem como puro luxo estas coisas, porque no estudo da "Metralhadora Pesada" igualmente omitta os seus dados numericos e balísticos. Vai alem todo ancho encolhendo o seu volume de armamentos por atacado... Não tem bocca para dizer uma palavra sobre coisas essenciaes como a verificação da arma (desgaste do cano e encaixe), desmontagem e montagem do reparo (não obstante serem operações ex-

cepcionaes), sua conservação, munição, aparelho de carregar, aparelho de recalibrar, cofres para munição, suporte para o tiro contra aviões. De telemetros e do material de transporte está se vendo logo que tambem não dá noticia...

Mas o grande furo de "Armamento Portatil", ao tempo em que foi lançado, era a parte referente á metralhadora Madsen, modelo brasileiro 1932, que estava novinha, muito pouco conhecida. Pois bem, ahi mesmo, tirante o estudo do reparo que póde ser feito nas melhores condições, o mais inteiramente inutil, parecidissimo com a bellesa da pistola parabellum: uma gravura unica, sem a menor referencia, e paginas por cima de paginas entupidas de descripções duras, inacessiveis. Nem se deram ao trabalho de reproduzir aquelles admiraveis graficos em cores que a "Cavallaria" andou publicando. Que nada! Pelo contrario, encontro é conflicto entre certos dados de um e de outro. "Armamento Portatil" dá á Madsen 1932 como pesando 8 ks. 400 e o reparo 12 ks. 700. Pois uma separata da revista "Cavallaria" 1934 (não posso precisar o numero), pag. 7, consigna o peso de 9 ks. 300 para a arma sem quebra chammas e de 13 ks. 400 para o reparo. Falando de Madsen, accode-me ainda uma observação contra "Armamento Portatil". E' que não se dá um tico de confiança ao F. M. Madsen, modelo 1919. No entanto trata-se apenas da arma automatica usada por toda a nossa cavallaria independente! Por que, pois, a omissão num volume com ares de esgotar a materia? Outra falha bem singular... Os dados finaes sobre dotação de munição abrangem sómente a infantaria. A gente, sem saber como, se encontra de repente matutando — não estará truncado aquilo, não seria "Armamento Portatil da Infantaria" o nome verdadeiro?

E' pena um livro que podia ser tão util ter a desvalorizal-o defeitos assim. Mas si em edições futuras forem arredados os senões remediadas as missões e sobretudo si fôr racionalizada a organização material do volume, no sentido de tornal-o claro, pratico, directo, como convem ao assumpto, então só teremos applausos para a iniciativa de "Armamento Portatil".

Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MEMENTO DU CHEF DE BATAILLON, <i>Vanègue</i>	18\$000
L'OBE'ISSANCE MILITAIRE — <i>Henry Clerc</i>	7\$000
TACTIQUE ET FONCTIONNEMENT DES POSTES DE COM- MANDEMENT DES UNITE'S D'INFANTRIE, <i>Andriot</i> . . .	12\$000
A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA, Major <i>Denys</i>	10\$000
COMO ORGANIZAR UMA SUB-UNIDADE, Cap. <i>João Ribeiro</i> . .	8\$000
EMPREGO DAS UNIDADES AEREAS, Cap. <i>Sucupira</i>	10\$000
ORDEM UNIDA, Cap. <i>Boiteux</i>	8\$000
TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA, Gen. <i>Paes de Andrade</i> . . .	7\$000
NOÇÕES DE AGRIMENSURA, Cel. <i>Paulino</i>	16\$000
PROVAS PARA CONCURSO DE ADMISSÃO A' E. E. M.	1\$500
REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA (3. ^a parte)	8\$000
ARTILHARIA NAVAL, Cap. Ten. <i>Alencastro Graça</i>	2\$000
NOTAS A' MARGEM DE EXERCITOS TACTICOS — Major <i>M. Travassos</i>	6\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1934	15\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1935	15\$000
R. S. C. (reedição de 1936)	6\$000
R. T. A. P. (reedição de 1936) 1. ^a parte	4\$000
MANUAL DO OFFICIAL ORIENTADOR DE ARTILHARIA E. M. E., 1. ^o Fasciculo	3\$000
NOTS S/ EMPREGO DA ARTILHARIA, Major <i>Ignacio Verissimo</i> .	10\$000
TIRO INDIRECTO DE METRALHADORAS, Cap. <i>Eduardo</i> <i>Campello</i>	2\$000
A SECÇÃO DO COMMANDO NO BTL, Cap. <i>Delmiro de Andrade</i> .	8\$000
ELOGIO DE CAXIAS, Gral. <i>Góes Monteiro</i>	2\$000
PREPARAÇÃO E MACHINISMO DO TIRO	6\$000
FORMULARIO DO CONTADOR — Ten. <i>José Salles</i>	4\$000
LIMITES DO BRASIL — Cap. <i>Lima Figueirêdo</i>	10\$000

COMPANHIA ACUMULADORES PREST-O-LITE

Prest-o-lite Battery Co. Inc. New York

Fabrica e Escritorio — Rua 21 de Abril, 39

Telephone 9-2895 — Caixa Postal, 2302

São Paulo-Brasil — Endereço Telegraphico "CAP" — São Paulo

Prest-O-Lite

Storage Battery



DISTRIBUIDORES

Mestre e Blagé - Rio, S. Paulo, B. Horizonte, P. Alegre

Irmãos Abonchar - S. Paulo e Santos

S. A. Kimmel - Rua Pedro Ivo — Curityba

Vieira da Cunha - Praça Barãa Lucena-Recife-Pernambuco

BALANÇAS

Para qualquer fim

FILIZOLA

Fabrica fundada em 1896

Av. Vantier, 49 - S. PAULO



Saudando em V. Ex., a distincta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relacione com *Vestuarios em geral, Moveis, Tapetes*, e todos os artigos indispensaveis ao conforto e belleza do lar.

MAPPIN STORES

— A Sua Casa Predilecta —

S. Paulo
P. Patriarcha, 2

Rio de Janeiro
Rua Botafogo, 360

INDUSTRIA E COMMERCIO DE TECIDOS

Varam, Gasparian & Cia.

Panos militares em geral

Tecelagem: Rua Taquary, 155

Fiação de lã penteada

Rua Lopes Coutinho, 315

SÃO PAULO

Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo

ESTABELECIMENTOS	Localidades	Capacidade de produção mensal
MOINHOS DE TRIGO	S. Paulo 3-Antonina 1 (numa area só)	4.000.000 Sacs. Farinha
"MARIANGELA" (Fiação-Tecelagem-Alvejamento-Tinturaria)		
"Sta. CELINA"-Fiação Tecelagem		
BELEMZINHO (Mercerisação-Estamparia-Acabamento) 120.000 fusos 4.300 teares	São Paulo	50.000.000 Mts.
SEDA ARTIFICIAL — "VISCO-SEDA"	São Caetano	3.000 ton. fio 600 " sol.
CORTUME (Sola-Pelless-Correias)	" "	400 "
SULFURETO D ECARBONO — FORMICIDA	" "	2.000 "
DISTILLAÇÃO DE ALCATRÃO (Naphthalina-Lysophenol-Asphalto)	" "	500 "
PAPELÃO	São Paulo	2.000 "
AMIDO (Dextrina)	Caçapava	20.000 Caixas
LECULA DE MANDIOCA	São Paulo	9.000 Tons.
LICORES	Jaguariahyva	50.000 Caixas
FRIGORIFICOS (carnes suinas)	São Paulo	450.000 Saccos
MOINHO DE SODA	Caçapava-Iguape	
ENGENHO DE ARROZ	S. Paulo-Rio de Janeiro - Antonina - Ribeirão Preto - Itapetininga - Rio Preto - Mauá.	72.000 Tons. 12.000 Tons.
MOINHOS DE SAL		375.000 Saccos 30.000 Caixas
REFINAÇÃO DE { SAL ASSUCAR BANHA	Agua Branca	
DISTILLAÇÃO E ALCOOL E AGUARDENTE	Agua Branca	3.000.000 Litros
VELAS	" "	150.000 Caixas
GLYCERINA	" "	450 Tons.
OLINA	" "	2.000 "
OLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO	" "	20.000 "
OLEO DE LINHAÇA (cru e cozido)	" "	1.000 "
OLEO DE RICINO (Medicinal e Industrial)	" "	1.200 "
OLEO DE COCO (comestivel e industrial).	João Pessoa	4.000 "
TORTA DE SEMENTES		50.000 "
SABÕES	Agua Branca	18.000 "
SABONETES	" "	400.000 Duzias
CONSERVAS CITRICAS	" "	10 Tons
EXTRACÇÃO DE ESSENCIAS NACIONAES	" "	
PERFUMARIAS DIVERSAS	" "	100.000 Duzias
SERRARIA	" "	2.000 Tons.
PREGOS	" "	500 "
GIZ	" "	
FUNDIÇÃO		
OFFICINA MECHANICA		
LABORATORIO CHIMICO	" "	3.000 Analyses
ALMOXARIFADO CENTRAL	" "	
LOUCAS EAZULEJOS	" "	30.000.000 Peç.
TINTAS E VERNIZES	" "	
DESCAROCADORES ALGODÃO OLARIAS	Diversas	

Estas fabricas occupam uma area total de um milhão de metros quadradados e dão trabalho a 20.000 operarios, sendo 15.000 das I. R. F. M. e 5000 de Empresas subsidiarias, assistidos por 600 technicos e 30 directores.

VENDAS DIARIAS DA S/A I.R.F.M.: Rs. 1.000:000\$000

C^{ia} Mechanica e Importadora de S. Paulo.

**Officinas Metallurgicas
e Mechanicas**

**FABRICAÇÃO DE MACHINAS
PARA QUALQUER PRODUCTO**

RIO DE JANEIRO

R. da Alfandega, 34
TEL. 23-1655

SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 1
TEL. 2-7185

SANTOS

R. Sen. Feijó, 39
TEL. 2315

Fabrica de Casimiras Kowarick

F. KOWARICK & C.

GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONAES DE 1908 E 1922

Fabrica na Estação de Santo, André
(EST. DE SÃO PAULO)

Escritório : S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.^o

Caixa do Correio, 66 — Telephone : 2-1776

Endereço Telegraphico : BERKO

CODIGOS : A. B. C. 5.^a e 6.^a EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MOSSE E MASCOTE

**Panos Militares para Officiaes
de qualquer typo**

A CAMA ADOPTADA PELOS QUARTEIS: HYGIENICA - RESISTENTE - CONFORTAVEL

NAS SUAS COMPRAS PREFIRAM SEMPRE A
"CAMA PATENTE"



MATRIZ: Rua Rodolpho Miranda, 2 -:- SÃO PAULO

Telegrammas: LISBRUNO - SÃO PAULO

Pilizes: Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Porto Alegre - Bahia - Recife

ANGELO SESTINI & Cia.

IMPORTADORES

[illegible]

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Commercio em grande escala de Alfafa e Forragens em geral — Cereaes e generos do Paiz

SÃO PAULO — Escritorio: Rua Florencio de Abreu, 26 — Teleph. 2-3985

Códigos RIBEIRO BORGES — End. Telegr.: "ANGELSES"

Deposito : Rua Carnot N.º 48 — Teleph : 9-1348

Padaria do Commercio: Rua Voluntarios da Patria 451 e Rua Sallote, 70—Teleph. 4-9742

FILIAL: Estação de Juquery — P. (S. R.) Teleph.: INTERURBANO

FERNANDO HACKRADT & CIA.

Representantes

da

SÃO PAULO
R. São Bento, 217
2.º andar
Caixa Postal 948

SYNDICATO DO
AZOTO
Berlim (Alemanha)

RIO DE JANEIRO
Rua São Pedro, 45
Caixa Postal 1633

ADUBOS CHIMICOS E ORGANICOS



MEDALHA DE OURO TORINO, 1911

GRANDE PREMIO
ROSARIO DE STA. FÉ, 1926

GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1922

Carneiras, Pellicas, Mestiços, Vaquetas, Bezerras,
Chromo, Buffalo, Porcos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

CORTUME FRANCO-BRASILEIRO

SOCIEDADE ANONYMA

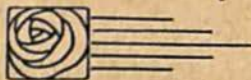
End. Tel. "FRANBRA" — Codigos: "Ribeiro"
A. B. C 5th. - A. Z.

São Paulo: Avenida Agua Branca, 170
Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS: RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES
PARANÁ — RIO GRANDE DO SUL
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ

Casa  Alemã

Artigos de qualidade
a preços bem populares



SCHAEDLICH, OBERT & Cia.

As Lonas "LOCOMOTIVA"

são as unicas verdadeiramente impermeaveis.

Exijam esta marca.

São Paulo Alpargatas Company

VILA VALQUEIRE

PROCURE CONHECER

A

VILA VALQUEIRE

A localidade mais aprazível dos subúrbios
propriedade da

CIA. PREDIAL

Informações

Praça Floriano, 31/9 - 2.º andar

Tel. 22-7690 R. 79

Estrada Rio São Paulo, 885

OU COM OS NOSSOS AGENTES AUTORIZADOS



MOIS MODERNOS DE TODOS OS ESTILOS
CONGOLEUM "SELLO DE OURO"
LINOLEUM LANCASTER

Tapeçaria em geral

IMPORTAÇÃO DIRECTA

HENRIQUE PEKELMAN

TELEFONE: 5-4437

DEPÓSITO: Rua Maria Thereza, 39ª - 39B

Largo do Arouche, 82, 84 e 86 (Esquina da Rua Maria Thereza) — SÃO PAULO —

Francisco Gagliardi

FORNECEDOR DE REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Esc. RUA DA MOÓCA N.º 524

Fab. AV. PAES DE BARROS, N.º 2

CAIXA POSTAL N.º 1345 — TELEPH. 9-0729

END. TELEGR.: FRANCARDI — CODIGO: RIBEIRO

— SÃO PAULO —

VARTA ACCUMULATOR

ACCUMULADORES ESPECIAES PARA

AVIÕES
CARROS DE ASSALTO
SERVIÇO DE CAMPO

Accumuladores Cadmio — Nickel
DEAC para todos fins

INFORMAÇÕES

D. H. BERUDE & CIA. — Rio de Janeiro

— — — TELEPHONES: 22-5547 e 42-2878 — — —

CASA CONTEVILLE

FUNDADA EM 1854 — RIO DE JANEIRO

Machinas para officinas em geral: para trabalhar ferro, madeira, chapas, tubos, etc. — Instalações industriaes para fabricação em serie de qualquer producto. — Instalações para a producção de productos chimicos, oxigenio, acetyleno etc. — Instalações de Raios-X industriaes. — Apparelhos para estudos de macrographia, analyses magnetica, balistica, dinamica, etc. — Apparelhos de manutenção: transportadores, elevadores, carrinhos para armazens.

AÇOS FINOS

NOTA: Acabamos de obter a exclusividade de
KIRCHNER & Co. A. G., LEIPZIG
Machinas para madeira e accessorios

Correspondência: Rua da Alfandega, 94-98

Telephones: 23-0311 23-3824 e 23-5598

FABRICA DE BALANÇAS: Rua Gotemburg 14-16 (26-6975)

CASAS Antoine GROS

MATRIZ São Paulo Rua Visconde do Rio Branco 616
FILIAL " Praça da Rep. 16 Posto de Serviço
" " Av. Rangel Pestana 2140 - id.
" Santos Rua Senador Feijó 208 - id.

PNEUS NOVOS Das Melhores Marcas

SUPER RECAUCHUTAGEM com garantia de 15.000 kilos

ACCUMULADORES "Antonie GROSS"

AJUSTE DE FREIOS e renovação das lona

SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE

OS POSTOS
DE
SERVIÇOS
FICAM
ABERTOS
SEM
INTERRUPÇÃO

LAVAGENS E LUBRIFICAÇÃO "Mobiloil"

ACCESSÓRIOS EM GERAL

FABRICA DE BORRACHA

ARTEFACTOS Para vulcanisadres

NOTA: Os senhores Assignantes da Revista "A DEFESA NACIONAL" gosam de preços excepçoes em toda Nossas CASAS.

Superioridade Provada

OS productos Atlantic provam a sua superioridade na estrada, com factos. E a victoria de Toms River, onde 6 carros fizeram quasi 1.000.000 de kls. sem falhas no motor e sem qualquer limpeza de carvão, acaba de ser confirmada, aos olhos dos brasileiros, pelo triumpho impressionante de Copoli e Caru' no Circuito da Gavea. Os productos Atlantic significam economia e protecção sem igual para o seu carro.

ATLANTIC

Gazolina — Motor Oil — Lubrificação

PAES

Para alimentação
de seus filhos

exigi de seu fornecedor :

Leite Condensado "VIGOR"

O de maior rendimento
e o mais puro.

Sociedade Commercial e Constructora Ltda.

Architectos -- Engenheiros -- Empreiteiros -- Constructores

SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 51 -- Sob.

8. Andar - Telephones 2-4195 2-4196

Os Artefactos
de
Borracha



MERECEM A MAXIMA CONFIANÇA PORQUE
SÃO FABRICADOS COM A MELHOR
BORRACHA BRASILEIRA

S/A FABRICAS "ORION"

FUNDADA EM 1898

Rua Joaquim Carlos, 91
SÃO PAULO

HAUPT & CO. - RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO  SÃO PAULO
FUNDADA EM 1823

Artilharia—Munição—Polvoras.

Representantes de:

ANTIEBOLAGET BOFORS

BOFORS - SUECIA

COMPANHIA BRASILEIRA

FICHET e SCHWARTZ - HAUTMONT

SOCIEDADE ANONYMA

Construções metálicas. Serralheria Persiana de enrolar
COFRES FICHET. Casas fortes

Rua Libero Badaró, 109 Loja
SÃO PAULO

Teleph. 2-6509

BATES VALVE BAG CORP. OF BRASIL

Saccos de papel para industria
SÃO PAULO

Salitre do Chile

(nitrato de sodio 99, 2%) para agricultura
e para industria.

Agentes: Arthur Vianna & Cia. Ltda.

todos os materiaes para lavoura.

Rua S. Bento, 100
SÃO PAULO

Rua da Alfandega, 59
RIO DE JANEIRO

Livros á venda na Bibliotheca da A DEFESA NACIONAL

Aide memoire du mitrailleur	7\$000
Essai sur la psychologie de l'Infanterie	10\$000
Memento de l'Instructeur Fusilier-Voltig	10\$000
Problemès d'Artillerie	16\$000
Deux Manouvres	16\$000
Quand et comment Napoleon etc.	16\$000
Le combat des petites Unités	10\$000
Le Leçons de l'Instructeur	16\$000
Principes de la Guerre — Foch	20\$000
Conduite de la Guerre — Foch	20\$000

Os que Trabalham

Os que trabalham devem sentir-se felizes para poderem produzir com perfeição.

Esta felicidade depende do ambiente confortavel em que exercitam a sua actividade.

O conhecimento destes factos augmentaram a actividade na fabrica da C. B. C.

Os recintos onde trabalham os operarios da C. B. C. são de absoluto asseio e prodigamente illuminados. Vê-se pela saude de cada trabalhador e elle sente-se feliz.

O seu socêgo de espirito reflecte-se na perfeição do producto manufacturado e esta é mais uma razão pela qual os Brasileiros podem agora apreciar uma

MUNIÇÃO DE QUALIDADE.

Companhia Brasileira de Cartuchos S/A

SÃO PAULO

Bolos e Doces só de sabor inigualável

com a
FARINHA
"ESPECIAL"
DO MOINHO
FLUMINENSE S.A.



em saquinhos de 5 kg



Proteger a Industria Nacional é
cooperar para a grandeza do Brasil

Cotonificio Rodolfo Crespi S. A.


SÃO PAULO



**Maior e quasi unica fornecedora
do brim verde oliva
para praças**



Com o fornecimento de 1936, desde
1932 forneceu cerca de 5.000.000
de metros a Intendencia da Guerra
de accordo com o caderno de encargo



Cores firmissimas
“INDANTHREM”



Marcos Registrados

Aços Roechling



Marcos Registrados

Aços finos de maior rendimento para todos os fins
e ferramentas, arames e chapas de aço

Instalação de tempera

**Aços Roechling Buderus
do Brasil Limitada**

RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 136

Teleph. 23-5742

Caixa Postal, 1717

End. Electr. ROECHLING

SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 65

Teleph. 2-3441 e 2-3442

Caixa Postal, 3928

End. Electr. ROECHLING

AVENIDA JULIO DE CASTILHOS, 265

(Esquina da Praça Visconde Rio Branco)

Caixa Postal N. 563

Telephone 50.59

Endereço Telegraphico: «ROECHLING»

PORTO ALEGRE



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE
OLIVA, a tricolore cinzenta, a MESCLA e as LO-
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

——— As cores dos tecidos tintos com ———

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
——— Marinha ———

CASA BROMBERG

Machinas e aços das usinas "KRUPP", Essen. — Oleos e graxas da "SUN OIL COMPANY", Philadelphia. — Frezas, brocas, alargadores, machos, etc., de "R. STOCK & C.", Berlim. — Gachetas e armações para vapor. — Ser-
ras para metal e madeira marca "CÃO". — Correia de couro nacional e estrangeira, correia balata "LINDA", correia de lona e borracha

laminada marca "B U L L DOG" e "O PODEROSO". —

Artigos para Galvanoplastia.

— Rebolos "ALEGRITE", para aço. "CARBORUNDUM",

para ferro. — Esmeril e outros artigos para machinas de

arroz. — Moinhos. — Enxadas "AGUIA", e "COLONO".

— Machados "COLLINS". —

Pulverisadores "COLONO".

— Ferragens e ferramentas para todos os fins. — Limas

"CAVEIRA". — Arsenico. —

Verde Paris venenoso. — Ar-

seniato de chumbo. — Tin-

tas. — Oleo de linhaça. —

Artigos sanitarios. — Con-

nexões. — Tubos galvaniza-

dores. — Arame de todos os

typos. — Telhas de zinco.

— Chapas galvanizadas e

pretas. — Arados "R U D

SACK" e "O PODEROSO".

— Material agricola em ge-

ral. — Artigos para apicul-

tura. — Machinas para ma-

tar formigas "COLONO". —

Formicidas. — Motores ele-

ctricos. — Dynamos. — Fita

insolunte "LEADER". — Ma-

terial electrico em geral. —

Machinas e accessorios para

o ramo graphico. — Typos

allemaes "SCHELTER & GIE-

SECKE". — Machinas em

geral, para todas as instal-

lações e officio.



Filial no RIO

Rua Gen. Camara, 37

Caixa Postal, 690



CASA DODSWORTH MANFREDO COSTA & CIA.

IMPORTADORES

ENGENHEIROS CIVIS, ELECTRICISTAS E HYDRAULICOS
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Secção de Machinas e Material Ferroviario

REPRESENTANTES DE:

Associação de Fabricas de Tornos "V. D. F."

Gebr. Boehringer G. m. b. H., Goepingen

Franz Braun A. G., Zerbst

Heidenreich & Harbeck, Hamburg

H. Wolhenberg K. G. Hannover

Tornos rapidos "Standard - V. D. F." — Tornos revolver e automaticos — Machinas para frezar engrenagens — Plainas para engrenagens — Plaina de mesa a um e dois montantes — Tornos frontaes — Machinas de furar radial — Machinas especiaes

Maschinenfabrik Weingarten, Weingarten

Tesouras, Prensas e Puncções

Wilhelm Hegenscheidt A. G., Ratibor

Tornos para rodeios de vagões e locomotivas

Friedrich Schmaltz G. m. b. H., Offenbach

Machinas para rectificar

Wanderer - Werke A-G, Chemnitz

Frezas de precisão de qualquer tipo

Les Ateliers Métallurgiques S-A, Nivelles & Les Usines,

Forges et Fonderies de Haine, St. Pierre

Locomotivas, carros passageiros, vagões de carga — Material

Ferroviario em geral — Pontes e superestructuras metallicas

Machinas de solda A E G — Electrodo FREDOTTI

Importadores de material para alta e baixa tensão — Material

telephonico — Chaves desligadoras — Fios e cabos para electri-

cidade — Escovas de carvão para dynamos e motores — Especia-

lidades electricas — Fabricação

R. VISCONDE DE INHAUMA, 62

End. Telegraphico: DOSRIO Telephones 23-4589 e 23-2757

RIO DE JANEIRO

Matriz—São Paulo: Rua Boa Vista, 82



PRODUTO DA
S. A. FABRICA VOTORANTIM

Rua 15 de Novembro, 47 - Phone 2-5146

SÃO PAULO.

NAS construções em que o senhor entra com a sua responsabilidade, lembre-se que a qualidade do material é a garantia única da exactidão dos seus calculos.

Empregue, sempre, um material de confiança absoluta: Empregue **CIMENTO VOTORAN.**

Pureza, homogeneidade, resistencia.

O CIMENTO VOTORAN SE ENQUADRA NAS MELHORES ESPECIFICAÇÕES EUROPÉAS E NORTE AMERICANAS

"BOYES"

SOCIEDADE ANONYMA
SÃO PAULO

Escritorio: RUA BOA VISTA, 1 — 10.º andar
Caixa Postal, 335 — Telephone: 2-1574
Telegr.: BOYES — Codigos: Ribeiro, Bentley's
— e Mascotte, 1.ª e 2.ª edição —

Fabrica S. Bernardo

Santo André

Telephone 216



Fabrica Arethusina

PIRACICABA

Telephone, 18

Tecidos Brancos e Tintos
Brins, Xadreses

Algodãosinhos de todos os typos lisos
e trançados, cobertores e flan. de
algodão, pannos para colchões, etc.

C. I. "Souza Noschese" S/.A

Fabricantes de artigos sanitarios
e domesticos

São Paulo - Rua Julio Ribeiro, 243
TELEGRAMMAS: FUNDIÇÃO -- Cx. Postal 920

Tels. 9-0378 Vendas
9-0379 Contabilidade
9-2167 Compras

Loja - Rua Libero Badaró 580
Tel. 2 - 2966

FILIAL EM SANTOS:

Rua João Pessoa, 138 -- Tel. 2055

Representante no Rio de Janeiro:

A. SOUZA NOSCHESE

Rua General Camara, 134 -- Tel. 23-1079



Accumuladores electricos
para todas as applicações



Electrochimica Saturnia S/A

Rua Ministro Ferreira Alves, 48
- SÃO PAULO -

A MAIOR FABRICA DE ACCUMULADORES DA AMERICA LATINA



Lamina Gillette Azul
a mais resistente e economica!

Gillette



C-12

TELEGRAMMAS
"METALMA"

CODIGOS :
Borges, Ribeiro, Liebes e Mascotte
1.^a e 2.^a E

Metallurgica Matarazzo S/A

Rua Carneiro Leão, 439

PHONES: 2-9664-2-9106

Caixa Postal, 2.400

Secção Metallgraphica

Lataria branca e lytographada de todos os typos e para todos os fins desejados. Cartazes lytographados para reclames, etc.

Secção Brinquedos

Fabricação em larga escala de brinquedos de folha de flandres litographadas, simples, com corda, etc.

Secção Artefactos de Alumínio

Modernas installações para fabricação de todo e qualquer artefacto de aluminio.—Fabricantes das afamadas marcas "Rochedo", "Imperador" "Matarazzo" "Combate" e "Martello"

SOCIEDADE CONSTRUCTORA BRASILEIRA LIMITADA

Engenheiros — Architectos — Constructores
Projectos — Orçamentos — Construções
Obras Publicas e Particulares por empreitada
e administração.

Secção de Poços artesianos para abastecimento
d'agua de cidades, industrias residencias, etc.

RUA BOA VISTA, 3 — 9.º andar
TEL. 2-3862 — SÃO PAULO — CAIXA POSTAL 2982

São Paulo Railway

O Caminho seguro de Santos ao Interior

Passageiros - Mercadorias - Bagagens

Rapidez - Segurança - Economia

Facilidades especiaes para turistas

Serviço de collecta e entrega.

Domicílio a domicílio.

Informações:

S. P. R. Estação da Luz

Caixa Postal "C"

São Paulo

Falando
ao
mundo
inteiro

DE DINDO
INTERURBANO

POR QUALQUER ADPA-
RELHO É POSSÍVEL
OBTER LIGAÇÃO PELO
SERVIÇO RADIO INTER-
NACIONAL COM MILHA-
RES DE CIDADES NO
MUNDO INTEIRO.



AS AZÚS DO BRASIL
COM

BERRYLOID



UM PRODUCTO DE
BERRY BROTHERS INC.

Companhia Usinas Nacionais

RUA PEDRO ALVES, 319

ASSUCAR PEROLA

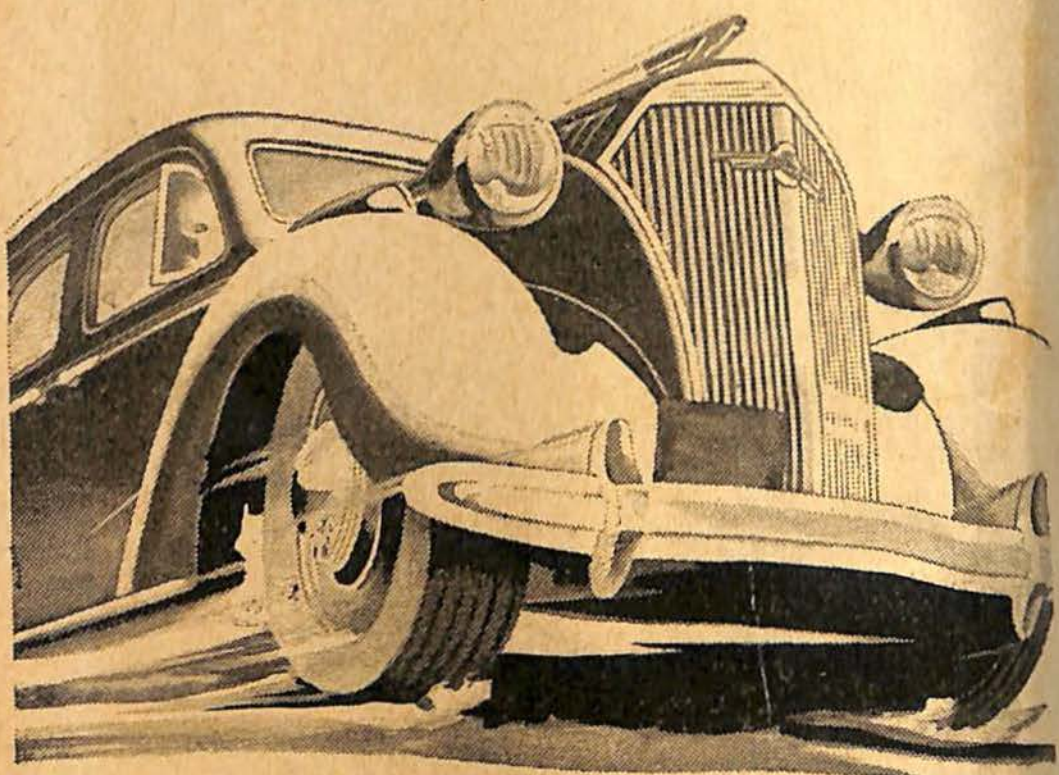
Sacco Azul — Cinta encarnada
Pacotes de 1 e 3 kilos

FABRICAS EM:

Nictheroy — Juiz de Fóra
Caxias — Taubaté — Bello Horizonte

O CARRO COMPLETO

Agora completamente NOVO



O campeão mundial de vendas em 1936 vem agora em condições de, mais do que nunca, sustentar o campeonato.

Completamente novo, é um carro estupendo em todos os detalhes. Para produzir alta velocidade e rigorosa economia, não precisa de dois motores. Basta o seu aperfeiçoado motor de 85 H. P. A carroceria é mais longa, mais

larga, de aço de ponta a ponta e absolutamente silenciosa. É um carro confortável a toda prova. O soalho é liso, sem túnel. E freios hidráulicos aperfeiçoados, vidros de segurança, direcção a prova de choque e centenas de outros melhoramentos completam as suas qualidades. Vá hoje mesmo ver o novo Chevrolet. Dirija-o. Ha de ficar entusiasmado!

E' UM PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

CHEVROLET para 1937

Agentes nas principais cidades do Brasil